



PPG-IELT/UEG/ANÁPOLIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU INTERDISCIPLINAR EM
EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS

PRISCILLA GOMES DOS SANTOS

MÍDIA E REPRESENTAÇÕES DOCENTES NA SOCIEDADE DO CANSAÇO

ANÁPOLIS-GO
2025

PPG-IELT/UEG/ANÁPOLIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU INTERDISCIPLINAR EM
EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:
PROCESSOS EDUCATIVOS, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS

PRISCILLA GOMES DOS SANTOS

MÍDIA E REPRESENTAÇÕES DOCENTES NA SOCIEDADE DO CANSAÇO

ANÁPOLIS-GO
2025

PRISCILLA GOMES DOS SANTOS

MÍDIA E REPRESENTAÇÕES DOCENTES NA SOCIEDADE DO CANSAÇO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagens e Tecnologias (PPG-IELT), da Universidade Estadual de Goiás (UEG), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação, Linguagem e Tecnologias.

Área de concentração: Processos Educativos, Linguagem e Tecnologias.

Linha de pesquisa: Educação, Escola e Tecnologias.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Lionel Quiroga.

ANÁPOLIS-GO
2025

Santos, Priscilla Gomes

Mídia e representações docentes na sociedade do cansaço/
Priscilla Gomes dos Santos. – Anápolis, 2025
137 p.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Goiás, Unidade
Universitária de Ciências Socioeconômicas e Humanas, 2025.

Orientador: Fernando Lionel Quiroga.

Título em inglês: Media and Teacher Representations in
the Burnout Society

2. Docentes 2. Sociedade do Cansaço 3.
Representações Sociais
I. Título.

MÍDIA E REPRESENTAÇÕES DOCENTES NA SOCIEDADE DO CANSAÇO

Esta dissertação foi considerada aprovada para a obtenção do título de Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás – UEG, em 22 de agosto de 2025.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Fernando Lionel Quiroga (Universidade Estadual de Goiás - UEG)
Orientador(a) / Presidente

Prof^a. Dra. Sandra Elaine Aires de Abreu (Universidade Estadual de Goiás -UEG)
Membro interno

Prof^a. Dr^a. Cláudia Helena dos Santos Araújo (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - IFG)
Membro externo

Anápolis-GO, 22 de agosto de 2025.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em particular, ao orientador desta investigação – professor Dr. Fernando Lionel Quiroga – pela paciência incansável na leitura do texto, bem como pelo metódico e indispensável encaminhamento das leituras e esclarecimentos que nortearam de modo decisivo a redação e encadeamento lógico da escrita. Sou enfaticamente grata à professora Dra. Sandra Elaine e, também, à professora. Dr^a. Cláudia Helena dos Santos Araújo, por quem eu tenho um grande apreço e admiração, pelo tempo de convívio acadêmico e pelas distintas sugestões de leitura, sem o apoio de cada uma de vocês minha jornada no mestrado seria ainda mais difícil. Agradeço aos amigos do mestrado em especial a Denise Reis, pela caminhada, pela amizade que ficará inevitavelmente para toda a vida. A professora Nara Cristina pelo incentivo, e aos colegas de trabalho que me incentivaram a investigar um assunto importante como esse. À minha mãe Leila, por acreditar em mim e no meu potencial. À minha família, pelo apoio e incentivo.

A dor é temporária. Pode durar um minuto, uma hora, um dia ou até um ano, mas, eventualmente, ela diminuirá e algo mais a substituirá. Se eu desistir, porém, ela durará para sempre.
Lance Armstrong.

RESUMO

SANTOS, Priscilla Gomes. **Mídia e representações docentes na sociedade do cansaço**. 2025. 129 páginas. Dissertação de Mestrado em Educação, Linguagem e Tecnologias, Universidade Estadual de Goiás – UEG, Anápolis-GO, 2025.

O profissional docente situa-se em um contexto escolar advindos de intensa proliferação de (des) informações por meios midiáticos, e agora, com a rápida difusão tecnológica no Brasil desde pelo menos os anos 1980, é marcado por sucessivos colapsos que culminaram na crise de sua própria representação profissional. Sob essa perspectiva, a discussão desta pesquisa parte da influência que a mídia tem nesse processo, sobre a imagem que se constrói do professor na contemporaneidade. Qual imagem é essa? Ela beneficia a quem? Quais são as razões e os interesses subjacentes desta imagem? Sob tais reflexões, a partir de análise prototípica, a presente pesquisa analisa a imagem do professor criada pela mídia, analisa as representações sobre professores fomentadas nesse contexto de crise, a partir do conceito cunhado por Byung-Chul Han (2015): sociedade do cansaço. Nosso objetivo central é compreender o fenômeno do cansaço e esgotamento laboral do professor, a partir das representações sociais que esses profissionais tem de sua atuação, enquanto fenômeno social, identificando, ainda, como a intensificação do trabalho docente, aliada às condições estruturais de desenvolvimento da profissão, proporciona prejuízos para a saúde física, emocional e psicológica desses profissionais. Discute-se como a mídia trabalha no sentido de desenvolver representações sociais que criam uma imagem negativa desses profissionais para a sociedade. Durante o tempo de análise, compomos o *corpus* adotando dois critérios: recorte temático e recorte temporal. Contemplam o recorte temático os textos que tratam sobre educação, professor e intensificação do trabalho docente. Quanto ao recorte temporal, são considerados os textos publicados durante o período compreendido no mês de maio de 2023, mês em que a série “Missão Professor” foi publicada. Seguimos uma abordagem qualitativa, pois o presente trabalho não avalia apenas dados estatísticos, mas analisa também a qualidade do exercício, buscando assim a reflexão sobre o papel docente. Este trabalho se baseia a partir de pesquisa de cunho documental, que analisa a série de reportagens intitulada “Missão Professor”, publicada no mês de maio em 2023 pelo Jornal *Folha de São Paulo* após diversos ataques ocorridos nas escolas, no período pós-pandemia, após serem reabertas. O estudo revelou que a mídia reforça estereótipos negativos sobre a docência, contribuindo para a desvalorização da profissão e o enfraquecimento da identidade profissional dos professores. Constatou-se que esses trabalhadores enfrentam precariedade estrutural, intensificação de tarefas, sobrecarga burocrática, perda do tempo de lazer, além de violência física e psicológica no ambiente escolar, fatores que têm gerado adoecimento, estresse laboral e síndrome de Burnout. Tais condições resultam em medo, abandono da carreira e comprometimento da qualidade do ambiente educacional.

Palavras-chave: sociedade do cansaço; representações sociais; missão professor; mídia.

ABSTRACT

SANTOS, Priscilla Gomes. **Mídia e representações docentes na sociedade do cansaço**. 2025. 129 p. Master's Thesis in Education, Language, and Technologies, State University of Goiás – UEG, Anápolis-GO, 2025.

The teaching professional is situated in an educational context marked by the intense proliferation of (mis)information through media channels, and rapid technological diffusion in Brazil, since at least the 1980s, a series of successive collapses culminated in the crisis of its own professional representation. Therefore, the discussion of this research starts from the influence that the mainstream media exerts in this process, on the teacher's representation that is constructed in contemporary times. What image is this? Who benefits from it? What are the reasons and interests underlying this representation? Under such reflections, from a prototypical analysis, this research analyzes the image of the teacher created by the media and also analyzes the representations about teachers created in this crisis-ridden context, based on the concept theorized by Byung-Chul Han in his work published in 2015 called *Burnout Society*. Our central objective is to understand the phenomenon of teacher fatigue and occupational burnout through the lens of the social representations that educators construct about their own professional practice, recognizing it as a social phenomenon. We also seek to identify how the intensification of teaching work, coupled with the structural conditions under which the profession develops, undermines teachers' physical, emotional, and psychological well-being. Furthermore, the discussion examines how the media contributes to shaping social representations that reinforce a negative image of these professionals within society. During the analysis period, we composed the corpus by adopting two criteria: thematic section and temporal section. The thematic section includes texts that deal with education, teachers, and the intensification of teaching work load. As for the temporal section, it emplots texts published during the period of May 2023, the month in which the *Missão Professor* series was published. This article adopts a qualitative approach, as this work does not only evaluate statistical data, but also analyzes the quality of the professional practice, thus seeking to reflect on the teaching role. This study is based on a documentary research, which analyzes the series of reports entitled “*Missão Professor*” (Mission: Teacher), which was published in May 2023 by the *Folha de São Paulo* newspaper after several attacks occurred in schools in the post-pandemic period, in which schools were reopened. The study revealed that the media reinforces negative stereotypes about teaching, thereby contributing to the devaluation of the profession and the weakening of teachers' professional identity. It was found that these workers face structural precariousness, task intensification, bureaucratic overload, loss of leisure time, as well as physical and psychological violence in the school environment—factors that have led to illness, occupational stress, and Burnout syndrome. Such conditions result in fear, career abandonment, and the deterioration of the quality of the educational environment.

Keywords: burnout society; social representation; missão professor; mídia.

RESUMEN

SANTOS, Priscilla Gomes. **Mídia e representações docentes na sociedade do cansaço**. 2025. 129 páginas. Disertación de Maestría en Educación, Lenguaje y Tecnologías, Universidad Estadual de Goiás – UEG, Anápolis-GO, 2025.

O El profesional docente se sitúa en un contexto escolar atravesado por la intensa proliferación de (des)informaciones a través de los medios de comunicación y, ahora, con la rápida difusión tecnológica en Brasil desde al menos la década de 1980, está marcado por sucesivos colapsos que culminaron en la crisis de su propia representación profesional. Bajo esta perspectiva, la discusión de esta investigación parte de la influencia que los medios tienen en este proceso, sobre la imagen que se construye del profesor en la contemporaneidad. ¿Cuál es esa imagen? ¿A quién beneficia? ¿Cuáles son las razones y los intereses subyacentes a dicha imagen? A partir de tales reflexiones y mediante un análisis prototípico, esta investigación examina la imagen del profesor creada por los medios, así como las representaciones sobre los docentes fomentadas en este contexto de crisis, tomando como referencia el concepto acuñado por Byung-Chul Han (2015): la sociedad del cansancio. Nuestro objetivo central es comprender el fenómeno del cansancio y del agotamiento laboral del profesorado a partir de las representaciones sociales que estos profesionales construyen acerca de su propia actuación, entendiéndolo como un fenómeno social. Asimismo, buscamos identificar cómo la intensificación del trabajo docente, junto con las condiciones estructurales en que se desarrolla la profesión, genera perjuicios para la salud física, emocional y psicológica de estos profesionales. Además, se analiza cómo los medios de comunicación contribuyen a elaborar representaciones sociales que refuerzan una imagen negativa de estos profesionales ante la sociedad. Durante el período de análisis, se conformó el corpus adoptando dos criterios: recorte temático y recorte temporal. El recorte temático abarca los textos que tratan sobre educación, profesorado e intensificación del trabajo docente. En cuanto al recorte temporal, se consideraron los textos publicados en el mes de mayo de 2023, cuando se difundió la serie Misión Profesor. Se siguió un enfoque cualitativo, ya que el presente trabajo no se limita a evaluar datos estadísticos, sino que analiza también la calidad del ejercicio docente, buscando así una reflexión crítica sobre el papel del profesorado. Esta investigación se basa en un estudio de carácter documental, que analiza la serie de reportajes titulada Misión Profesor, publicada en mayo de 2023 por el periódico Folha de São Paulo tras diversos ataques ocurridos en escuelas en el período pospandemia, después de su reapertura. El estudio reveló que los medios refuerzan estereotipos negativos sobre la docencia, contribuyendo a la desvalorización de la profesión y al debilitamiento de la identidad profesional de los profesores. Se constató que estos trabajadores enfrentan precariedad estructural, intensificación de tareas, sobrecarga burocrática, pérdida del tiempo de ocio, además de violencia física y psicológica en el entorno escolar, factores que han generado enfermedades, estrés laboral y síndrome de burnout. Tales condiciones resultan en miedo, abandono de la carrera y deterioro de la calidad del ambiente educativo.

Palabras-clave: sociedad del cansancio; representaciones sociales; misión profesor; medios de comunicación, mídia.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Alunos no intervalo das aulas em escola de Aracruz (ES).....	82
Figura 2 -Professor dá aula na escola estadual Professor Orlando Geribola, em Osasco..	84
Figura 3 - Os alunos Ester Cristina Silva, 19, Ian dos Anjos Souza, 18, e Lara Ramos da Silva, 16, (da esq. para a dir.) dizem lembrar todos os dias do ataque que viveram em 25 de novembro do ano passado.....	86
Figura 4 - Alunos pularam das salas do primeiro andar da escola Primo Bitti para fugir do atirador.....	87
Figura 5 - Sala de aula na escola estadual Primo Bitti, em Aracruz (ES).....	89
Figura 6 - Alunos na saída das aulas na escola estadual Primo Bitti, em Aracruz (ES).....	91
Figura 7 - Pátio da escola estadual Alarico Silveira, na região central de São Paulo, que teve de ser interditada em novembro de 2022 após obras serem adiadas por dois anos; a previsão é que sejam concluídas até o fim de 2023.....	93
Figura 8 - Escola municipal em Búzios (RJ) funciona em estrutura de contêiner de forma emergencial.....	94
Figura 9 - Alunos no intervalo das aulas na Escola Estadual Ensino Fundamental e Médio Primo Bitti, em Aracruz (ES).....	95
Figura 10 - Alunos no intervalo das aulas na escola estadual Primo Bitti, em Aracruz (ES).....	97
Figura 11 - Estudantes durante aula na escola estadual Maestro Fabiano Lozano, na zona sul de São Paulo.....	99
Figura 12 - Aristênia Martim, de 51 anos, foi atingida por 14 tiros desferidos por ex-aluno de escola em Aracruz (ES).....	101
Figura 13 - Thaís, 14, vítima do ataque em Aracruz, com os pais Juliana Ribeiro e Almir da Silva.....	102

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Aspectos Físicos-materiais.....	105
Gráfico 2: Aspectos Psicológicos-morais.....	108
Gráfico 3: Consequências.....	112
Gráfico 4: Intervenções.....	116
Gráfico 5: Desafios da profissão.....	121

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
SEÇÃO 1 - AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO PROFESSOR ATRAVÉS DA MÍDIA	22
SEÇÃO 2 - PERCURSOS METODOLÓGICOS	48
2.1. A teoria das representações sociais	49
2.2. Representações sociais e mídia: o professor no olho do furacão	56
2.3. A lógica do mercado, desvalorização da escola e do docente.	60
2.4. Objeto Temático	69
2.5. Natureza do Estudo.....	71
2.6. Objeto midiático	73
2.7. Caracterização do objeto	75
2.8. Constituição do <i>corpus</i>	77
2.9. Categorias de análise	78
2.10. Análise Prototípica das Representações Sociais.....	82
SEÇÃO 3 – AS FONTES: REPRESENTAÇÕES DA ESCOLA E DO PROFESSOR NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS.....	86
3.1. Análise crítica das reportagens	88
3.1.1. Reportagem 1 - Título: <i>Série da Folha sobre desafios dos professores é premiada</i> , publicada em 8 de maio de 2023.	88
3.1.2. Reportagem 2 - Título: <i>Desafios de ser um professor no Brasil são temas da série de reportagens da Folha</i> , publicada em 8 de maio de 2023.....	90
3.1.3. Reportagem 3 - Título: <i>Após ataque em Aracruz, professores e alunos enfrentam medo e desconfiança para retomar rotina</i> , publicada em 10 de maio de 2023.....	91
3.1.4. Reportagem 4 - Título: <i>Salário do professor no Brasil não aumenta mais que 50% até o final da carreira</i> , publicada em 17 de maio de 2023	93
3.1.5. Reportagem 5 - Título: <i>Indenizações às vítimas de ataques a escolas são baixas e pouco abrangentes</i> , publicada em 12 de maio de 2023	95
3.1.6. Reportagem 6 – Título: <i>Professores apontam falta de estrutura e de recursos em escolas públicas do país</i>	96
3.1.7. Reportagem 7 - Título: <i>Pandemia agravou tensões entre família e escola</i> , publicada em 28 de maio de 2023	98

3.1.8. Reportagem 8 - Título: <i>19% dos formandos em licenciaturas não querem trabalhar como professores</i> , publicada em 24 de maio de 2023	100
3.1.9. Reportagem 9 - Título: <i>Desistência atinge 7 em cada 10 alunos de formação de professores em exatas</i> , publicada em 31 de maio de 2023.....	101
3.1.10. Reportagem 10 - Título: <i>Professoras se dividem sobre voltar à escola após ataque</i> , publicada em 11 de maio de 2023	103
3.2. Análise prototípica e gráficos	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
FONTES	131
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	133

INTRODUÇÃO

A docência, enquanto profissão fundamental para o desenvolvimento social, tem sido alvo de crescentes desafios e desvalorização na contemporaneidade, em um contexto marcado por crises políticas, econômicas e educacionais. Essa desfiguração da imagem do professor não ocorre de forma isolada, mas é intensificada por mecanismos midiáticos que, ao invés de promover um debate crítico, reforçam estereótipos e narrativas que atendem a interesses hegemônicos. Destacamos de tudo isso os instrumentos que acentuam esse processo: a mídia, seja ela televisiva, impressa, digital ou mídias de inteligência artificial.

O processo de rápida difusão das tecnologias de informação e comunicação que, a partir de 1980, transformou de modo profundo a circulação de conteúdos midiáticos no país é marcado por sucessivos colapsos, que culminaram na crise de representação do profissional docente. Se, inicialmente, a televisão e a imprensa já exerciam forte influência sobre a formação da opinião pública, a chegada e expansão das mídias digitais intensificaram a proliferação de informações e desinformações, criando novos modos de consumo cultural e socialização. No âmbito educacional, essa expansão tecnológica coincidiu com sucessivas crises políticas, econômicas e institucionais, ampliando a sobrecarga do trabalho docente, redefinindo as formas de visibilidade da profissão e contribuindo para a crise de identidade e de representação social enfrentada pelos professores na contemporaneidade.

Diante dessa problemática e do aumento do número de docentes que têm apresentado problemas de saúde ocupacional nos últimos anos, relacionado com as reformas na esfera administrativa/educacional que tornam o trabalho docente precário, juntamente com a falta ou a ineficácia de políticas públicas relacionadas à saúde laboral desses trabalhadores, o presente trabalho se justifica pelo processo investigativo específico a esse grupo de profissionais, conferindo a relação existente entre os fatores supracitados, o adoecimento do profissional docente e sua relação com a prática laboral na atualidade. Visa ainda, levantar possíveis soluções para amenizar os efeitos decorrentes desse problema, e possíveis melhorias ao sistema educacional brasileiro, proporcionando aos docentes melhores condições de trabalho a partir da criação de políticas públicas e outras ferramentas gestoras do processo de ensino-aprendizagem.

Nesse contexto, se faz necessário conhecer o cotidiano laboral do professor que, quase sempre, não tem tempo e nem espaço para refletir sobre as condições de saúde no

seu local de trabalho, ou seja, existe uma falta de conscientização por parte dos profissionais em relação a saúde ocupacional e, também, as possíveis causas que se relacionam ao excesso de atividades desempenhadas pelos docentes. Assim, esta pesquisa pretende investigar os motivos do desgaste excessivo dos profissionais da educação, permitindo um possível mapeamento dos problemas laborais que podem leva-los ao adoecimento.

Nosso objetivo central é compreender o fenômeno do cansaço e esgotamento laboral do professor, a partir das representações sociais que esses profissionais tem de sua atuação, enquanto fenômeno social, identificando, ainda, como a intensificação do trabalho docente, aliada às condições estruturais de desenvolvimento da profissão, proporciona prejuízos para a saúde física, emocional e psicológica desses profissionais. Discute-se como a mídia trabalha no sentido de desenvolver representações sociais que criam uma imagem negativa desses profissionais para a sociedade.

Esta pesquisa analisa a construção midiática da imagem docente na contemporaneidade, tomando como referência o conceito de "sociedade do cansaço" (Han, 2015) para examinar como as representações dos professores são moldadas em um contexto de crise. A investigação busca desvendar quais interesses sustentam essa imagem e quem se beneficia de sua perpetuação, questionando os mecanismos discursivos que a legitimam. A mídia tem se mostrado como um veículo combustível, que cria a imagem desse profissional para uma sociedade em sua maioria com baixa visão crítica e que percebe a mídia como uma espécie de aliada na formação de opinião.

Teoricamente, o estudo apoia-se na Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 2015), adotando uma abordagem qualitativa e documental para analisar a série Missão Professor, publicada pela *Folha de São Paulo* em maio de 2023. O *corpus* foi delimitado por recortes temático (textos sobre educação, docência e intensificação do trabalho) e temporal (publicações do período pós-pandêmico), com o objetivo de discutir como a mídia repercute e influencia a percepção social sobre a profissão docente e seu consequente adoecimento.

O jornal *Folha de São Paulo* foi escolhido como *corpus* de análise documental desta pesquisa por seu alcance nacional, ampla circulação e reconhecida influência na formação da opinião pública brasileira, especialmente no campo educacional. Considerado um dos principais veículos de comunicação do país, a *Folha de São Paulo* não apenas noticia acontecimentos, mas também pauta debates sociais e políticos, atuando como mediadora entre diferentes setores da sociedade. Nesse sentido, suas

narrativas jornalísticas sobre a docência adquirem relevância, pois contribuem de forma significativa para a construção de representações sociais acerca do professor e da escola. Além disso, a série de reportagens *Missão Professor* foi escolhida por ter emergido em um contexto de forte tensão pós-pandêmica e de episódios de violência em escolas, constituindo um material rico para compreender como a mídia veicula imagens, estereótipos e discursos sobre a profissão docente em tempos de crise.

As mídias impressas, televisivas ou digitais têm papel decisivo a respeito dessa discussão, e como são usadas segundo os desejos do capital para “silenciar a verdade” é necessário um entendimento claro acerca de notícia e verdades. Segundo Lippmann (2008, p. 304), “a função das notícias é sinalizar um evento, a função da verdade é trazer luz aos fatos escondidos”, nesse sentido, um dos papéis centrais que a mídia deveria executar (mas não o faz, tendenciosamente a serviço das elites) seria noticiar algo a respeito e, ao mesmo tempo, elucidar a verdade sobre a notícia em questão ao público. No entanto, o processo é inverso, as notícias que mereciam destaque e discussão acerca da imagem docente criada pela mídia são as que menos recebem esse tratamento, ou pior ainda, são as que até são noticiadas, mas são esclarecedoras ao público.

Para Pierre Bourdieu, em seu livro *Sobre a Televisão* (1996), essa forma de tratar as informações a serem divulgadas se dá na concretude dos fatos, isto é, a imprensa trabalha em prol dos desejos do capital, da audiência, do marketing, sem levar em conta a maneira de conscientização do público ao qual, teoricamente falando, deveria ser incumbida desse procedimento. Segundo o autor, esse sistema é conhecido por “ocultar mostrando”, que consiste em mostrar algo diferente do que deveria ser mostrado, ou mostrar o que deve ser mostrado, mas de um jeito que faz com que a notícia não corresponda a verdade.

Por meio das representações construídas pelas mídias sociais, pelo jornalismo, pelos influenciadores digitais e pela televisão, os seres humanos internalizam e legitimam visões distorcidas da realidade, alinhadas aos interesses de governos, da economia e do capital. Esse processo não apenas reforça narrativas parciais, mas também contribui para o silenciamento da verdade, cuja função essencial seria revelar os fatos ocultos.

As relações sociais e políticas são mediadas por relações interpessoais, perdendo a essência de instituição social (mediada pela função pública) e sendo reguladas pelos gostos pessoais, sentimentos, ações subjetivas. Essa transferência de ações da vida privada sugere que, quando ações que normalmente seriam consideradas questões

privadas, são consideradas para o domínio público, elas têm diversas consequências, uma das quais é a diminuição da opinião pública.

Em outras palavras, a capacidade de opinião pública de influência e expressão de suas opiniões pode diminuir quando os ativos privados são divulgados ao público. Isso pode ser resultado do fato de que questões pessoais muitas vezes não são tão simples de entender ou discutir publicamente, sobre questões políticas ou sociais mais amplas.

Esta pesquisa surge da necessidade de analisar como os discursos midiáticos pós-pandêmicos constroem representações sociais sobre os professores, especialmente no contexto da reabertura das escolas. O estudo investiga como essas narrativas influenciam tanto a percepção pública quanto a identidade profissional docente, revelando as complexas relações entre mídia, educação e poder. Embora a mídia possa contribuir para a formação docente por meio da troca de experiências e atualizações profissionais, sua atuação frequentemente reforça estereótipos que comprometem a autonomia e o bem-estar dos educadores.

A análise demonstra como o poder econômico instrumentaliza a mídia para difundir uma visão idealizada da docência como "missão" e "sacrifício", obscurecendo suas reais condições de trabalho. Como destaca Freire (1996), o professor exerce um papel político transformador, o que o torna potencialmente ameaçador para as estruturas de poder dominantes. Essa contradição revela o caráter estratégico da educação: essencial para a sociedade, mas perigosa para os grupos hegemônicos quando promove conscientização crítica.

A origem social majoritariamente popular e média dos professores brasileiros acentua essa tensão, pois suscita questionamentos sobre quais valores e visões de mundo são transmitidos aos estudantes de diferentes classes sociais. A pesquisa problematiza essa dinâmica, questionando por que a sociedade resiste em reconhecer o professor das camadas populares como formador legítimo inclusive da juventude privilegiada.

A educação, tema frequentemente abordado na mídia, tem ocupado espaços variados, desde páginas políticas até seções policiais, e deve ser tratada como uma prioridade pública e estratégica, uma responsabilidade compartilhada por todos. O discurso de que os professores são fundamentais e intrínsecos à educação contribui para moldar as representações sociais desses profissionais. Muitas vezes, o ensino é visto como um dom ou vocação, problemática amplamente discutida por autores como Paulo Freire, que em obras como *Pedagogia da Autonomia* (1996,) critica essa visão idealizada, argumentando que a docência é, na verdade, uma prática que requer formação, reflexão

crítica e compromisso ético. Para ele, reduzir a docência a um "dom" ou "vocação" desvaloriza o trabalho do profissional docente, o que desvia o foco das competências e habilidades essenciais para o processo de ensino-aprendizagem, concentrando-se mais no papel de salvadores que os professores desempenham nas escolas.

A importância desta pesquisa reside no fato de que a educação pública brasileira enfrenta uma série de desafios que impactam significativamente o trabalho dos professores em sala de aula. Incidentes como os ataques sofridos em escolas nos últimos anos, a exemplo temos o homicídio da jovem¹ Tamires Paula de Oliveira, 14 anos, morta a facadas pelo colega de escola em Goiânia, um enorme abalo para a família e toda comunidade escolar; violência física, verbal e simbólica, além da intensificação da carga de trabalho docente e a privatização crescente das redes públicas de ensino em níveis municipal e estadual, que são alguns dos elementos que prejudicam o ambiente educacional.

Esses eventos têm suscitado debates acalorados sobre a qualidade da educação pública, e têm colocado os professores no centro dessas discussões, influenciando a forma como são percebidos e representados na sociedade. É essencial buscar compreender como a mídia, a política e a sociedade em geral moldam essas representações, constroem apontamentos significativos para melhorar as condições de trabalho dos professores e promover uma educação mais equitativa e inclusiva para todos os estudantes.

A pluralidade de representações midiáticas sobre os professores, associada à intensificação neoliberal do trabalho docente, demanda uma reavaliação crítica da identidade profissional educacional na contemporaneidade. Este estudo analisa os discursos presentes na série Missão Professor (Folha de São Paulo), investigando como as narrativas jornalísticas refletem e reforçam os desafios estruturais da categoria, marcados por precarização e sobrecarga. A pesquisa busca desnaturalizar essas representações, articulando-as ao conceito de "sociedade do cansaço" e às dinâmicas de poder que permeiam a construção midiática da docência.

A abordagem interdisciplinar, situada na interface entre Educação, Linguagens e Tecnologias, mobiliza referenciais teóricos da Psicologia Social, Teoria da Mídia e Filosofia para analisar o *corpus* documental. Por meio da análise de reportagens publicadas no período pós-pandêmico (maio/2023), o estudo aplica a Teoria das

¹ Ambos, homicida e vítima, estudavam no Colégio Estadual Jardim América (CEJA). Mais informações disponíveis em: <https://g1.globo.com/goias/noticia/diretora-de-escola-diz-que-menor-suspeito-de-matar-vizinha-era-quieto-e-tinha-notas-acima-da-media.ghtml>. Acessado em 20 de jan. 2025.

Representações Sociais (Moscovici, 2015) para decodificar os mecanismos discursivos que influenciam a percepção pública sobre os professores. O objetivo central é desvendar como tais representações, ao mesmo tempo que legitimam condições laborais adversas, obscurecem o papel político-transformador da docência.

Além de mapear os estereótipos veiculados pela mídia, a pesquisa visa fomentar uma contra-narrativa que reconheça a complexidade do trabalho docente e sua centralidade social. Ao problematizar a relação entre comunicação, educação e poder, o estudo contribui para debates sobre valorização profissional e políticas educacionais, propondo uma reflexão ética sobre o lugar da docência na construção de projetos societários emancipatórios.

Esta pesquisa se compromete a: a) investigar as representações sociais dos professores na mídia contemporânea, incluindo as notícias e reportagens, veiculadas no jornal Folha de São Paulo no mês de maio de 2023; b) identificar as principais categorias nas representações dos professores na mídia, contextualizando-os dentro do quadro mais amplo da sociedade do cansaço, e suas implicações para a identidade profissional e bem-estar emocional dos educadores; c) refletir sobre o papel da mídia jornalística e a maneira como ela influencia a sociedade no dia a dia, pois a relação existente entre mídia jornalística e o campo educacional se torna complexa e dinâmica.

Sob esse aspecto, os meios de comunicação desempenham um papel central na divulgação de informações, na formação da opinião pública e no direcionamento de debates sobre políticas educacionais. A mídia, frequentemente, se apresenta como mediadora entre os especialistas, os gestores educacionais e a sociedade, influenciando a percepção de questões como a qualidade do ensino, a valorização docente e as reformas no setor. Entretanto, essa relação pode ser problemática quando a cobertura jornalística simplifica questões complexas ou adota uma perspectiva sensacionalista, desconsiderando os contextos socioeconômicos e culturais que moldam os desafios educacionais.

Após a contextualização do tema da pesquisa e a explicação da motivação para seu estudo, apresentamos uma breve exposição sobre as teorias e a estrutura da pesquisa. A discussão desenvolvida é um estudo analítico, delineado com o objetivo de responder às perguntas levantadas pela pesquisa e alcançar os objetivos específicos estabelecidos, tais como: Fazer um levantamento bibliográfico das pesquisas realizadas nos últimos cinco anos nas plataformas Pepsico e Scielo sobre o assunto abordado; Identificar pontos de conexão entre a fala dos entrevistados e a literatura especializada; Analisar o fenômeno

do adoecimento laboral a partir da produção de sentidos sociais que ele gera nas expressões produzidas nas falas dos entrevistados. A partir disso, organizamos esta dissertação em três seções, conforme descrito a seguir.

A primeira seção estabelece os fundamentos teóricos da pesquisa, analisando o poder da mídia na contemporaneidade a partir de um diálogo interdisciplinar com autores como Bourdieu, Chauí, Lippmann, Souza e Han. Destaca-se o conceito de "sociedade do cansaço" (Han, 2015), que ilumina os efeitos da pressão por produtividade e meritocracia sobre os docentes, resultando em prejuízos à saúde e qualidade de vida. A seção ainda explora a relação histórica entre mídia e formação social no Brasil, problematizando como os meios de comunicação influenciam a construção da realidade social.

A segunda seção detalha a metodologia qualitativa e documental adotada, fundamentada nos trabalhos de Cellard (2008), Lakatos e Marconi (2003). Apresenta as categorias de análise baseadas na Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 2015) e na Análise Prototípica (Vergès, 1992, *apud* Wachelke, J.; Wolter, R., 2011), aplicadas ao estudo da série "Missão Professor". Esta parte também discute as implicações do neoliberalismo nas instituições públicas, a intensificação do trabalho docente e sua desvalorização no contexto de mercado, articulando contribuições teóricas de diversos autores para compreender as representações midiáticas da docência.

Por fim, a terceira seção apresenta a análise crítica das reportagens, articulando os dados empíricos com o referencial teórico-metodológico. As reportagens abordam questões críticas que afetam os professores, como a carga excessiva de trabalho, os salários baixos e a dificuldade de atrair e reter novos profissionais na área de licenciatura. Além disso, destacam o desprestígio crescente da profissão, tanto por parte do governo quanto da sociedade, e a falta crônica de infraestrutura nas escolas, um problema que atinge a maioria das instituições de ensino do país. A partir disso, traçamos alguns apontamentos críticos, relevantes para pensarmos a respeito das imagens construídas pela mídia sobre o professor.

A realização desta pesquisa justifica-se pela necessidade crítica de analisar como as representações midiáticas influenciam a construção social da imagem docente, especialmente em um contexto pós-pandêmico marcado por crises educacionais, violência escolar e a intensificação do trabalho sob lógicas neoliberais. A mídia, ao veicular narrativas que reduzem a docência a estereótipos como "missão" ou "heroísmo", não apenas desvaloriza a profissionalização do ensino, mas também obscurece as

condições reais de trabalho e os desafios enfrentados pelos educadores, alinhando-se a interesses hegemônicos que perpetuam a desvalorização da categoria.

Ao investigar as representações sociais veiculadas pela série "Missão Professor" do jornal Folha de São Paulo, este estudo busca desvelar os mecanismos discursivos que moldam a percepção pública sobre os professores, contribuindo para reflexões urgentes sobre autonomia, identidade profissional e a relação entre mídia, educação e poder, conforme fundamentado pelas teorias referenciadas neste trabalho, sobretudo as de Byung-Chul Han.

SEÇÃO 1 - AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO PROFESSOR ATRAVÉS DA MÍDIA

Nesta seção, traçamos reflexões críticas sobre como a mídia, enquanto instrumento de poder simbólico e econômico, participa ativamente da construção e distorção das representações sociais do professor. A partir de autores como Bourdieu, Chauí, Lippmann e Han, evidencia-se que as notícias e narrativas midiáticas não apenas informam, mas moldam percepções coletivas ao reforçar estereótipos, promover o espetáculo e silenciar a complexidade das questões educacionais. Nesse processo, a figura docente é constantemente tensionada entre imagens idealizadas — como a do “herói da educação” — e representações depreciativas, que reduzem a profissão a vocação ou a serviço precarizado. Assim, a mídia, guiada pela lógica capitalista e pela busca de audiência, contribui para a desvalorização do trabalho docente, afetando tanto sua identidade profissional quanto a compreensão pública de seu papel social.

O profissional docente situa-se em um contexto escolar perpassado, desde pelo menos os anos 1980, por sucessivas crises que inevitavelmente culminam na crise de sua própria representação profissional, ou seja, um conjunto de transformações políticas, econômicas e culturais que impactaram diretamente a educação e a representação social do professor, tais como: A crise da representação profissional docente; A crise da opinião pública e da verdade, destacada por Bourdieu, Chauí e Lippmann; A crise produzida pela lógica neoliberal, analisada a partir de Han, dentre outras. As mídias televisivas, impressas ou digitais têm papel decisivo a respeito dessa discussão, e como são usadas segundo os desejos do capital para “silenciar a verdade” é necessário um entendimento claro sobre o que é noticiado.

Pierre Bourdieu (1996), em seu livro “Sobre a Televisão”, descreve de forma sofisticada como esses trâmites se dão na concretude dos fatos, como a imprensa trabalha em prol dos desejos do capital, da audiência, do marketing, sem levar em conta a maneira de conscientização do público para o qual, teoricamente falando, deveria ser incumbida desse procedimento. Cria situações em que a opinião tendenciosa faz com que o jornalista, estrategicamente, resuma o incidente definindo-o como uma tragédia que ocorreu em um ambiente familiar ou pessoal, sem mencionar sua importância política, social, cultural ou econômica.

A mídia brasileira, como parte de um sistema capitalista, reforça interesses capitalistas no contexto educacional promovendo cursos, serviços educacionais, enfoque

no sucesso individual fundamentado na meritocracia, os quais fazem o profissional docente ir além de suas capacidades, esgotando-o e o levando a sérios problemas de saúde física e mental.

Christopher Lash, *apud* Marilena Chauí, assevera que:

Os *mass media* tornaram irrelevantes as categorias de verdade e falsidade substituindo-as pelas noções de credibilidade, plausibilidade e confiabilidade - para que algo seja aceito como real basta que apareça como crível ou plausível, ou como oferecido por alguém confiável (Christopher Lash *apud* Chauí, 2006, p. 8).

A “verdade” perpassa pelas preferências de pessoas que vestem a imagem de serem “confiáveis” de transmitirem, por meio de sua opinião pessoal, o “novo” gosto de milhares de pessoas que passam a acreditar na imagem de confiança gerada por essas personalidades autorizadas, os quais podem ser atores, atrizes, políticos, atletas, etc. A autora, Marilena Chauí, ainda esclarece: Em outras palavras, os códigos da vida pública passam a ser determinados e definidos pelos códigos da vida privada, abolindo-se a diferença entre espaço público e espaço privado (Chauí, 2006).

Sob tais perspectivas, Pierre Bourdieu e Marilena Chauí oferecem perspectivas complementares acerca do papel da mídia na construção da realidade social. Para Bourdieu, a televisão e a imprensa agem em consonância com os interesses do capital, criando um espaço em que o espetáculo e a dramatização substituem o compromisso com a verdade, consolidando um tipo de violência simbólica que se disfarça de neutralidade. Chauí, por sua vez, enfatiza que os *mass media* dissolvem as fronteiras entre o público e o privado, substituindo as categorias de verdade e falsidade por credibilidade e plausibilidade. Em conjunto, essas análises apontam para o mesmo fenômeno: a produção midiática não apenas informa, mas também disciplina olhares e emoções, operando como um mecanismo de legitimação de desigualdades e de manutenção de estruturas de poder.

Quando relacionamos com a teoria das representações sociais de Serge Moscovici, por exemplo, entendemos de que maneira os sentimentos e saberes compartilhados por um grupo social influenciam a percepção pública sobre o trabalho docente. A figura do professor muitas vezes é associada a arquétipos, como o “herói da educação”, que trabalha por paixão e dedicação, independentemente das condições de trabalho. Essas imagens podem gerar sentimentos ambíguos na sociedade: admiração, mas também desvalorização, uma vez que o trabalho docente é frequentemente visto como uma “vocação” e não como uma profissão de alta complexidade. De certa forma, os

professores acabam por internalizar, em maior ou menor grau, as representações sociais sobre seu papel, influenciando assim sua autoestima, motivação e o modo como exercem a profissão.

Walter Lippmann diz que:

As imagens na cabeça destes seres humanos, a imagem de si próprios, dos outros, de suas necessidades, propósitos e relacionamento, são suas opiniões públicas. Aquelas imagens que são feitas por grupos de pessoas, ou por indivíduos agindo em nome dos grupos, é Opinião Pública com letras maiúsculas (Lippmann, 2008, p. 40).

Por meio dessas imagens, dessas representações que os seres humanos criam ao entrar em contato com as imagens construídas pelas mídias sociais, pelos jornalistas, *influencers* digitais, pela própria televisão, legitimam segundo os interesses dos governos, da economia e do capital, de visões distorcidas da realidade e, conseqüentemente, o silenciamento da verdade.

As relações sociais e políticas são mediadas por relações interpessoais, perdendo a essência de instituição social (mediada pela função pública) e sendo reguladas pelos gostos pessoais, sentimentos, ações intersubjetivas. Essa transferência de ações da vida privada sugere que, quando ações que normalmente seriam consideradas questões privadas são consideradas para o domínio público, elas têm conseqüências, uma das quais é a diminuição da opinião pública.

Em outras palavras, a capacidade de opinião pública de influência e expressão de suas opiniões pode diminuir quando os ativos privados são divulgados ao público. Isso pode ser resultado do fato de que questões pessoais muitas vezes não são tão simples de entender ou discutir publicamente sobre questões políticas ou sociais mais amplas.

Segundo Marilena Chauí (2006, p. 10), “A opinião pública era um juízo emitido em público sobre uma questão relativa à vida política, era uma reflexão feita em público e por isso definia-se como uso público da razão e como direito à liberdade de pensamento e expressão”. Tem-se hoje, no lugar da opinião pública, os gostos, os sentimentos, ou seja, a exposição subjetiva dos sujeitos. Essa exposição de sentimento em relação aos acontecimentos, possibilita aos jornalistas centrarem suas perguntas nos seus entrevistados, baseados nas emoções expressadas por eles em relação aos acontecimentos. A autora enfatiza, ainda, a diferença entre o “sentir” e o “saber” dos participantes, diz que os participantes de uma experiência podem, muitas vezes, se basear principalmente em

seus sentimentos e percepções imediatas, em vez de se basearem em conhecimento reflexivo ou fundamentado.

Isso pode levar a discussões ou interpretações influenciadas mais pela emoção do que pela razão. No entanto, Chauí observa que, paradoxalmente, os participantes encontram uma maneira de explicar o que aconteceu por meio desse "saber" baseado em sentimentos. Isso significa que, apesar de não terem uma compreensão completa ou expressa do evento no início, suas percepções subjetivas e emocionais finalmente servem como base para uma explicação do evento.

Essa perspectiva enfoca a conexão entre emoção e conhecimento na forma como as pessoas entendem e interpretam o mundo ao seu redor, revelando que nossas emoções são essenciais para a forma como entendemos o que acontece ao nosso redor.

Esse fato faz com que a notícia seja agora analisada pelo olhar do locutor, que fica “livre” para criar percepções, imagens que estão longe de descrever a verdade sobre o fato ocorrido, reforçando a ideia de que os noticiários, os programas de televisão, não elucidam a verdade. Verdade essa que permanece silenciada e permite a alienação do público (que muitas das vezes acredita estar bem-informado) diante dos fatos.

Imprensa e governo caminham lado a lado redesenhando os acontecimentos segundo os desejos do capital e serve a quem está no poder, omitindo os fatos que podem evidenciar o lado negro da exploração e da alienação imposta pelos meios de comunicação à população. Tendo em vista que as empresas de televisão e jornal impresso são empresas privadas que seguem a lógica do capital, não seria diferente o processo.

Segundo Jesse Souza,

Os telejornais e programas de entrevistas da TV Globo, por exemplo, existem unicamente para bombardear o telespectador com visões parciais, quando não diretamente falsas [...], isso não é informação decente em nenhum lugar do mundo. É veneno midiático (Souza, 2016, p. 116).

O mundo digital fez com que as notícias fossem divulgadas em tempo real, desse modo o jornal impresso perdeu espaço no mercado, forçando-o a divulgar notícias de forma instantânea, barata e não confiável. Isso também modificou o trabalho do jornalista nesse segmento que se viu obrigado a desenvolver um jornalismo opinativo, pelo qual a opinião do jornalista seleciona o que será divulgado, mesclando informações verdadeiras e não verdadeiras.

Marilena Chauí diz que:

Para assegurar o que se convencionou chamar de credibilidade e plausibilidade, e fazer jornalístico opinativo ou assertivo, rápido e barato, o jornalista passa a fazer “buscas assertivas globais” [via internet e consulta a “personalidades”] de forma aleatória e automática, e a mescla informações confiáveis com informações não confiáveis (Chauí, 2006, p. 13).

Os jornalistas partem do princípio de seleção das informações, eles não podem falar de tudo, então, essas escolhas partem de certos parâmetros que podem ser fatores políticos, econômicos, sociais e culturais. Para entendermos isso precisamos conhecer qual é a posição desse veículo de imprensa no mercado, e qual a posição do jornalista na hierarquia interna desse veículo de mídia. A partir disso, podemos analisar o que ele escreve, como ele escreve, por que ele escreve e para quem ele escreve.

Rápido, barato, inexato, partidarista, mescla de informações aleatoriamente obtidas e pouco confiáveis, não investigativo, opinativo, assertivo, detentor de credibilidade e da plausibilidade, o jornalismo se tornou protagonista da destruição da opinião pública (Chauí, 2006, p. 14).

O momento em que a verdade deixou de ser noticiada e deu espaço a interpretações pouco fiéis aos acontecimentos, concretiza-se como o fim da opinião pública e, ao mesmo tempo, o surgimento do simulacro, um modelo padrão, compreendido como uma introdução de ferramentas audiovisuais e estratégias televisivas para transformar um acontecimento em um verdadeiro “espetáculo” transmitido aos telespectadores.

A encenação da informação, com entrevistas, falas que são editadas no intuito de ocultar a verdade, torna-se cada vez mais difundida no mundo televisivo, colocando o jornalista como detentor do saber, em que esse profissional tem o poder de interpretar e emitir opiniões nem sempre confiáveis.

A cultura de massa que é também um produto do capitalismo moderno, que serve como instrumento de dominação social e até mesmo de controle, corrompeu, banalizou e se apropriou da arte, da cultura e da própria ideia de entretenimento, transformando-as em objetos consumíveis que no fim retratam a futilidade, os gostos pessoais, o consumo e o fim da cultura e da arte.

O surgimento da fotografia e do cinema pressupõe a reprodução em série e, para além disso, a superexposição, reduzindo a arte em consumo inculto que serve apenas para

distração, divertimento barato e sem o menor compromisso social com quem a consome. Dessa forma, abre espaço para o surgimento da indústria cultural que tem como objetivo classificar, separar, as obras de acordo com a classe social de quem vai consumi-las. Reduz, assim, a grande maioria da população a consumidores de cultura barata e comum, que não faz a pessoa refletir e muito menos a emancipa. Isso evoca as características da indústria cultural, enfatizando como ela tende a categorizar e dividir obras culturais de acordo com a classe social de seus consumidores. Ela argumenta que a maior parte da população é reduzida a consumidores de uma cultura superficial e comercial que não incentiva a reflexão ou a emancipação das pessoas.

A fotografia e o cinema transformam a arte em mercadoria padronizada, destinada ao mero entretenimento e despolitização das massas. Adorno e Horkheimer (1985) argumentam que a indústria cultural homogeniza e banaliza a produção artística, substituindo sua potencialidade crítica por uma lógica de consumo que reforça as hierarquias sociais — como a segmentação de obras por classe social — e anestesia a capacidade reflexiva do público. Ao reduzir a cultura a um "divertimento barato" e acrítico, a indústria cultural não apenas aliena, mas também reproduz a dominação ao consubstanciar as desigualdades e impedir a emancipação, transformando a arte em instrumento de conformismo social.

Várias nuances são reveladas ao examinar cuidadosamente essa declaração. Em primeiro lugar, a indústria cultural realmente funciona dentro de um sistema capitalista, que muitas vezes prioriza o lucro sobre a qualidade artística ou a relevância social das obras. Isso pode resultar na fabricação em massa de produtos culturais com fórmulas superficiais e previsíveis para atrair o maior número possível de compradores, independentemente de sua classe. No entanto, é importante lembrar que a classificação de obras culturais de acordo com a classe social do consumidor público não é uma característica exclusiva da indústria cultural moderna. Seja na arte popular, na cultura de elite ou em subculturas específicas, a arte e a cultura sempre refletiram sobre preocupações, valores e experiências das diferentes classes sociais ao longo dos anos.

Além disso, é questionável a ideia de que apenas a chamada “alta cultura” ou “cultura de elite” seria capaz de promover reflexão e emancipação. Essa visão, muitas vezes reproduzida de forma acrítica pelas próprias mídias, ignora como produções culturais populares ou comerciais também podem estimular o pensamento crítico e até impulsionar transformações sociais. Ao mesmo tempo, a valorização unilateral de obras “elevadas” como únicos veículos de conhecimento reforça uma hierarquia cultural

arbitrária, frequentemente influenciada por interesses midiáticos e mercadológicos. A indústria cultural, de fato, tende à homogeneização e à lógica comercial, mas é preciso desconfiar tanto de sua padronização quanto do discurso que desqualifica sistematicamente a cultura popular. Afinal, as mídias nem sempre são transparentes em suas escolhas do que é legitimado como “culto” ou “vulgar”, revelando sua parcialidade e seus vieses ideológicos. Portanto, mais do que adotar definições prontas, é essencial analisar criticamente os mecanismos que determinam quais expressões culturais são consideradas válidas — e por quem.

E o que é pior, a informação não chega da mesma maneira para todos os públicos, dependerá da classe social à qual o consumidor está inserido.

Nesse sentido, Marilena Chaui (2006, p. 30) assevera que “Massificar é assim, banalizar a expressão artística e intelectual. Em lugar de difundir e divulgar a cultura despertando interesse por ela, a indústria cultural realiza a vulgaridade das artes e dos conhecimentos”. Não há tempo hábil para o expectador entender, questionar as informações que chegam até ele, devido a rapidez que os fatos são expostos propositalmente, impedindo esse processo de entendimento do público sobre a veracidade das notícias.

Segundo Lippmann (2008, p. 41),

O mundo que temos que considerar está politicamente fora de nosso alcance, fora de nossa visão e compreensão. Tem que ser explorado, relatado e imaginado. O homem não é um Deus aristotélico contemplando a existência em uma olhadela. É uma criatura da evolução que pode abarcar somente uma porção suficiente da realidade que administra para sua sobrevivência, e agarra o que na escala do tempo são alguns momentos de discernimento e felicidade. E ainda assim esta mesma criatura inventou formas de ver o que nenhum olho nu poderia ver, de ouvir o que ouvido algum poderia ouvir, de considerar massas imensas assim como infinitesimais, de contar e separar mais itens que ele pode individualmente recordar. Está apreendendo a ver com sua mente vastas porções do mundo que ele não podia nunca ver, tocar, cheirar, ouvir ou recordar. Gradualmente ele cria para si próprio uma imagem credível em sua cabeça do mundo que está além de seu alcance (Lippmann, 2008, p. 41).

O trecho nos faz refletir sobre a existência de uma diferença entre o mundo como ele é e o mundo “desenhado” em nossas mentes. Há uma diferenciação da representação da realidade e da realidade em sua concretude. Isso faz com que a opinião pública seja fruto dos processos que constroem a realidade em si. O ser humano atua no mundo a partir

de como ele é desenhado em suas mentes e não como ele é de fato. A opinião pública é produto de construção da imagem desse mundo e como as pessoas atuam e refletem sobre isso.

Se é fato que a opinião pública é produto de construção da imagem desse mundo, é fato também que existem fatores que limitam o acesso real às informações. Entre eles, podemos citar censuras artificializadas, superficiais, que se referem a prática de restrições ou controle de informações em sistemas políticos específicos. Em outras palavras, elas são métodos políticos ou institucionais que impedem ou filtram o acesso à informação pelo governo ou outras autoridades. Esse tipo de censura pode aparecer de várias formas, como a proibição de certos tipos de conteúdo, restrições à liberdade de imprensa, bloqueio de sites da internet, controle da mídia estatal e monitoramento online. Práticas que podem ser usadas para evitar a propagação de informações, que o governo acredita serem perigosas para as autoridades ou para os interesses do Estado, sufocando, assim, opiniões divergentes ou que também possam controlar a narrativa pública.

As limitações de contato social são obstáculos que as pessoas enfrentam ao interagir socialmente devido às restrições de tempo e espaço. As limitações ao contato social evidenciam os obstáculos que podem surgir por diversos motivos, como distâncias, rotinas intensas ou falta de tempo. Esses elementos podem tornar difícil, ou até impossibilitar, a comunicação frequente e essencial entre as pessoas. Além de dificultar o estabelecimento e a continuidade de conexões interpessoais significativas, essas restrições podem afetar de forma relevante as relações humanas. Por exemplo, A distância física pode dificultar que amigos ou familiares se encontrem pessoalmente com regularidade, enquanto compromissos cheios podem diminuir o tempo disponível para interações sociais. Essas restrições às interações sociais podem ser próprias desse contexto e se tornam especialmente relevantes em um mundo digital cada vez mais conectado, onde as interações online podem servir como uma alternativa comum ao encontro presencial. No entanto, é essencial reconhecer que, apesar de serem um desafio, há também maneiras de contorná-las. Alguns exemplos incluem priorizar a utilização de tecnologias de comunicação remota ou dedicar mais tempo a interações sociais importantes como resultado das exigências da vida moderna.

A escassez de tempo disponível para se dedicar a questões públicas reflete a quantidade limitada que as pessoas têm para se envolver com esses assuntos, devido aos compromissos diários e às necessidades básicas da vida. As obrigações cotidianas, como trabalho, cuidados familiares, estudos e outras atividades pessoais, podem restringir tanto

o tempo quanto a energia das pessoas para se dedicar de maneira significativa a temas públicos e políticos. Essa limitação de tempo para participar de assuntos coletivos pode resultar em uma participação reduzida na vida cívica e política, além de uma compreensão menos abrangente das questões sociais, econômicas e políticas que impactam a sociedade como um todo.

Isso pode ser particularmente verdadeiro para pessoas com mais responsabilidades, como pais solteiros, trabalhadores com múltiplos empregos ou indivíduos que estão enfrentando dificuldades financeiras. Essa dinâmica pode ter um impacto significativo na qualidade da democracia e na capacidade das comunidades de lidar e resolver questões públicas. Quando as pessoas não têm tempo suficiente para se informar e se envolverem em questões importantes, isso pode resultar numa participação política reduzida, na manutenção de desigualdades sociais e na falta de representatividade nas decisões políticas. Como resultado, é fundamental considerar e lidar com essa escassez de tempo disponível para questões públicas para promover uma participação mais ampla e inclusiva na vida política e cívica.

As distorções que surgem quando eventos complexos precisam ser condensados em mensagens muito breves podem ocorrer devido à falta de tempo e espaço para uma reflexão mais aprofundada. A simplificação exagerada ou a perda de sutilezas na compreensão do evento ou situação podem acontecer quando há uma pressão para transmitir informações de maneira rápida e direta. Isso é especialmente comum em ambientes de comunicação ágil, como redes sociais ou manchetes de notícias, onde as pessoas buscam informações rápidas e de fácil compreensão, aumentando a probabilidade de tais distorções. Como resultado, questões complexas podem ser simplificadas ou polarizadas em narrativas, omitindo detalhes importantes ou perspectivas múltiplas.

A falta de tempo e espaço para refletir sobre o assunto também pode resultar em uma compreensão superficial ou distorcida dos acontecimentos, pois as pessoas podem não ter a oportunidade de considerar todas as implicações ou nuances envolvidas de forma completa. Isso pode levar a uma compreensão incompleta ou até mesmo equivocada dos acontecimentos, perpetuando informações erradas ou mal-entendidos. Portanto, a fim de obter uma compreensão mais precisa e completa dos assuntos em questão, é fundamental entender as limitações impostas pela necessidade de condensar eventos complexos em mensagens curtas e buscar fontes de informação mais contextualizadas.

A dificuldade em possuir um repertório de ideias destaca duas questões específicas que as pessoas podem enfrentar ao tentar entender e lidar com a complexidade

do mundo. A primeira dificuldade é reunir um conjunto de ideias que consiga refletir a complexidade do ambiente ao nosso redor. Em outras palavras, é desafiador ter uma coleção de conceitos, perspectivas e abordagens que nos permita compreender e discutir essas questões de forma eficaz e significativa, considerando a ampla gama de problemas, questões e eventos que acontecem no mundo. Essa carência de repertório pode comprometer nossa capacidade de analisar e responder a situações complexas de maneira adequada.

Um outro ponto abordado é o receio de encarar verdades ou realidades que possam parecer ameaçadoras para o dia a dia das pessoas. Isso pode envolver um acontecimento perturbador, uma notícia alarmante ou transformações que desafiem nossas expectativas ou conforto. Em razão desse medo, as pessoas podem evitar ou negar esses fatos. Alternativamente, podem escolher enfrentá-los de forma direta e buscar maneiras construtivas de lidar com eles.

Existe, ainda, a possibilidade de que essas dificuldades contribuam para uma compreensão superficial ou distorcida do mundo e possam impedir o avanço na resolução de problemas complexos. O primeiro passo para superá-los é considerar essas dificuldades e promover uma busca contínua por conhecimento, um diálogo aberto e sincero sobre questões difíceis e a disposição de enfrentar desafios, mesmo que possam parecer intimidantes.

A exposição contínua de várias informações e mensagens pode levar à formação e à cristalização das opiniões individuais. Ela propõe que as pessoas acumulem um conjunto de percepções sobre um determinado assunto ao longo do tempo, e que os interesses pessoais moldem essas percepções. Ainda que seja verdade que a exposição a mensagens e informações pode afetar as opiniões individuais, uma abordagem crítica a essa noção consideraria que o processo de formação de opiniões é muito mais complexo do que uma simples disseminação de informações. As opiniões são influenciadas por vários fatores, incluindo experiências pessoais, valores, contextos sociais e culturais e características psicológicas individuais. Além disso, as opiniões são essencialmente formadas de forma passiva, absorvendo as mensagens. Isso ocorre com frequência quando as pessoas tentam adotar opiniões de grupos sociais ou confirmar o que foi dito acima (viés de confirmação).

Portanto, embora a exposição a mensagens e informações tenha um impacto significativo na forma como as pessoas formam suas opiniões, é importante entender a

variedade de influências e processos envolvidos nesse processo, além de ter que analisar criticamente suas próprias opiniões e fontes de informação.

Aqui discutimos o conceito de "pseudoambiente", desenvolvido por Walter Lippmann (2008). Nele, é proposto que o processo de seleção e distribuição de informações ao público crie um ambiente artificial ou distorcido, chamado de "pseudoambiente" pelo autor. Este pseudoambiente serve como base para a interação de três coisas: a cena da ação (os eventos ou situações reais), a criação da imagem humana dessa cena (a representação ou interpretação desses eventos) e a resposta humana à cena com base na imagem criada. Em essência, a influência do pseudoambiente como percebemos e entendemos os acontecimentos ao nosso redor afeta nossas respostas e decisões. Ele funciona como uma lente pela qual vemos o mundo. Essas representações são construídas a partir de estereótipos, narrativas midiáticas, discursos políticos e outras formas de mediação cultural.

No caso dos professores, o pseudoambiente influencia suas representações sociais de várias maneiras, como: criar estereótipos sobre o papel do professor. Por exemplo, os professores são frequentemente retratados como heróis, mártires ou, por outro lado, como profissionais despreparados ou resistentes a mudanças; e ainda, a mídia pode focar em casos isolados de sucesso ou fracasso escolar, criando uma visão parcial da realidade. Isso pode levar os professores a internalizar representações sociais que não correspondem à complexidade de seu trabalho, gerando frustração ou desmotivação. Como na reportagem da *Folha de São Paulo*, publicada em 17 de maio de 2023:

Desde a criação do piso nacional em 2008, o salário inicial dos professores das redes estaduais vem melhorando de forma contínua. Esse avanço, no entanto, não é acompanhado de melhorias nos rendimentos ao longo da carreira. Assim, a diferença de salário pago aos iniciantes e aos que estão no topo da carreira se torna muito pequena ou até mesmo inexistente².

Essa é uma imagem que se solidifica na impressão dos leitores sobre a carreira docente. Assim, o pseudoambiente é fomentado no ato jornalístico, pois o mesmo acontece com o processo de escolha das imagens e notícias que serão publicadas, selecionadas as informações ou eventos específicos são selecionados e apresentados ao público por meio de vários canais de comunicação, como mídia, redes sociais ou discursos

² Fonte: Isabel Palhares. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/missao-professor/>. Acessado em 14 mai. 2025.

públicos, um ambiente artificial é criado, conhecido como "pseudoambiente". Esse ambiente falso não é sempre real, mas é uma interpretação cuidadosa e frequentemente distorcida dos eventos. A seleção, interpretação e comunicação desses eventos geralmente envolve os indivíduos ou instituições responsáveis pela comunicação no processo pelo que essas informações chegam ao grande público. Esses atores têm agendas, interesses ou visões políticas, sociais ou econômicas que podem afetar a forma como as informações são construídas e transmitidas. Essa dinâmica pode levar à propagação de histórias que não são totalmente verdadeiras.

Com base nisso, discute-se quanto poder de influência o pseudoambiente exerce sobre a opinião pública. Lippmann descreve como as percepções das pessoas sobre a realidade são moldadas por meio de representações simbólicas, como mídia, narrativas culturais e informações filtradas. Esse conceito pode ser aplicado para entender como as representações sociais dos professores são influenciadas, como por exemplo a partir da formação de estereótipos – professores, assim como todos os indivíduos, estão sujeitos às narrativas midiáticas, discursos políticos e culturais que reforçam estereótipos sobre o papel do educador; o pseudoambiente pode, ainda, distorcer a compreensão dos professores sobre questões como o desempenho escolar, a violência nas escolas ou as políticas educacionais; e, impactar diretamente na construção da identidade profissional do professor, seja valorizando seu papel como agentes de transformação social, seja reforçando visões negativas sobre a desvalorização da profissão. Essas representações podem afetar a autoestima e o engajamento dos professores.

Walter Lippmann e Serge Moscovici ampliam essa discussão ao abordar os efeitos das representações sociais sobre a opinião pública. Lippmann descreve o conceito de “pseudoambiente”, no qual a realidade é filtrada e simplificada pela mídia, produzindo imagens parciais que orientam o modo como os indivíduos percebem e reagem ao mundo. Moscovici, ao tratar das representações sociais, mostra como essas imagens coletivas passam a constituir o senso comum e influenciam diretamente a forma como grupos sociais, tais como os professores, são vistos. Quando aplicadas ao campo da docência, essas ideias evidenciam que os estereótipos midiáticos, ora enaltecendo o professor como herói, ora desqualificando-o como incompetente, atuam como forças simbólicas que fragilizam sua identidade e obscurecem a complexidade de sua prática.

Na reportagem em que a *Folha de São Paulo* trata do episódio nas escolas de Aracruz, o poder de influência sobre as representações sociais dos professores passa

desde a forma com a qual a exposição das vítimas se deu, até a crucial obsolescência com a qual se repercutiu o caso.

Por isso, Lippmann (2008, p. 42), considera as notícias jornalísticas como “holofotes que iluminam determinados fatos e escurecem outros”.

Argumento que o governo representativo, seja no que é usualmente chamado de política, ou na indústria, não pode funcionar adequadamente, seja qual for o processo de eleição, a menos que exista uma organização especializada independente que torne os fatos invisíveis inteligíveis aqueles que tem que tomar decisões (Lippmann, 2008, p. 42).

A grande massa tem acesso às informações filtradas, informações que muitas vezes não condizem com a verdade, mascaradas pelos artifícios jornalísticos e por todos os processos de criação desse pseudoambiente. Mas, quem governa ou dirige grandes empresas, ou seja, a elite dominante, tem acesso as informações visíveis e invisíveis (para a maioria da população), acesso a informações tipificadas, assim se forma a elite da informação qualificada, inclusive é essa mesma elite quem diz o que pode ser tornado público ou não para a grande massa, ou seja, as informações que poderão ou não pautar a construção do pseudoambiente para o público, o qual tem muita dificuldade em entender processos complexos da política, economia, etc. Para a classe dos dirigentes, a informação é estratégica e não é para todos.

Esse contexto, dentro do capitalismo sob a ótica neoliberal, tem consequências adversas que distanciam ainda mais a imprensa da verdade, colocando-a sob a condição de controle de mentes e corpos. As mídias de (des)informação, nesse sentido, com seus mecanismos internos, prejudicam as várias esferas da produção cultural, mas prejudica principalmente a política e a democracia.

Devido à pressão exercida pela audiência e pelo próprio mercado, as emissoras de Tv, os jornais e a mídia digital acabam sendo muito parecidos, homogeneizando consideravelmente o campo comunicacional. Segundo Pierre Bourdieu (1996, p. 10),

Levada pela busca da mais ampla audiência, a televisão, seguida por uma parte da imprensa, concedeu aos fomentadores de discursos e de atos xenofóbicos e racistas, ou mostrando as concessões que ela faz todos os dias a uma visão estreita e estreitamente nacional, para não dizer nacionalista, da política (Bourdieu, 1996, p. 10).

A citação de Bourdieu (1996) expõe um mecanismo perverso da mídia de massa, sobretudo da televisão: a busca desmedida por audiência, que a leva a amplificar vozes xenófobas e racistas, bem como a naturalizar um nacionalismo antiquado como norma. Ao priorizar o espetáculo e o apelo emocional fácil, conforme o autor, a televisão e a imprensa que a segue, não apenas comete equívocos em seu papel democrático, mas ativamente legitima discursos de ódio, transformando-os em entretenimento ou "debate político". Isso revela que a lógica comercial midiática não é neutra: ela escolhe quais visões de mundo circulam, e ao fazê-lo, reforça estruturas de exclusão.

É verdade que há intervenções políticas, um controle político (que se exerce sobretudo através das nomeações para postos dirigentes); é verdade também que -particularmente em um período no qual como hoje, há um exército de reserva e uma enorme precariedade de emprego nas profissões da televisão e da rádio - a propensão ao conformismo político é maior. As pessoas se conformam por uma forma consciente ou inconsciente de autocensura, sem que haja necessidade de chamar sua atenção (Bourdieu, 1996, p. 20).

Os jornalistas podem comprometer mesmo que indiretamente a democracia, de forma que propicia discursos racistas, xenofóbicos, usam dessa grande máquina da imprensa para exaltar o nacionalismo e suas influências que podem começar sutilmente, mas, que podem ganhar notoriedade e se tornarem bem perigosos. Mesmo hoje com grande acesso à internet, a televisão continua sendo o acesso à informação para uma grande quantidade de pessoas, exercendo assim um efeito em suas vidas e escolhas, ou seja, “a televisão convida à dramatização no duplo sentido: põe em cena, em imagens um acontecimento e exuberante a importância, a gravidade e o caráter dramático, trágico” (Bourdieu, 1996, p. 25).

Os apresentadores de jornal e programas de notícias têm grande responsabilidade social na vida de milhares de telespectadores, pois criam fantasias, medos, fobias, representações falsas. Isso é efeito do real desencadeando de sentimentos negativos na opinião pública. É também a construção social da realidade que mobiliza ou desmobiliza para uma determinada causa que pode ser positiva ou negativa.

Segundo Bourdieu, dentro da construção social da realidade surge os *fast thinking*, que são pessoas “eleitas” pela televisão como jornalistas, cientistas, geógrafos, para comentarem os fatos no ato de seu acontecimento.

Aliado a rapidez dos eventos, ao furo de reportagem e ao consumo excessivo de informação criam as condições necessárias de pressão em todas as esferas do jornalismo

e parte dessa pressão é composta por esses *fast thinking*. Eles estão sempre a postos para comentar os fatos, mas, de forma superficial utilizando-se de uma linguagem rebuscada, mas que na verdade reforça o senso comum com ideias banais, convencionais falando aquilo que a população em geral quer ouvir sobre um determinado evento.

Esses comentaristas têm em geral um espaço midiático muito maior do que sua capacidade intelectual, pois sua produção intelectual nem sempre condiz com a pequena qualidade intelectual de suas produções. Tudo isso pautado por interesses internos, por audiência, dinheiro ou política, fruto da autoridade dada pela televisão a essas pessoas.

A televisão poderia ser sim um instrumento para fortalecer a democracia, utilizando-se da concorrência que deveria trazer a pluralidade, a diversidade de ideias, mas é comumente usada para ser instrumento de opressão simbólica. Essa opressão ou violência simbólica, conceito cunhado por Pierre Bourdieu (1989), busca explicar como as relações de dominação são percebidas como legítimas e, assim, historicamente reproduzidas aos olhos dos dominantes e dos dominados. “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo o que o exercem” (Bourdieu, 1989, p. 7-8). Os sistemas simbólicos (a arte, a religião, língua) atuam como instrumentos do conhecimento e da comunicação, tal perspectiva dos sistemas simbólicos são como uma síntese crítica, formulada com base no internalismo e no externalismo.

O internalismo é fruto da autonomia das produções simbólicas, aquilo que o indivíduo traz de si, de suas experiências, e o externalismo é aquilo que está fora do indivíduo, mas que tem interferência direta sobre ele, que é essencial ao conhecimento dos sentidos das produções simbólicas. As abordagens externas tendem a mostrar os vínculos entre produções simbólicas e relações de poder, pois “o poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo” (Bourdieu, 1989, p. 9). Esse poder simbólico pode ser descrito como intersecção entre a cultura e o poder, permeando os processos pelos quais as formas simbólicas contribuem para legitimar as relações de dominação e reproduzi-las historicamente. E ainda, analisa o vínculo entre cultura e poder utilizando os conceitos de internalismo e externalismo nas suas múltiplas vertentes.

O poder simbólico, tal como descrito por Bourdieu, desempenha um papel fundamental no contexto da docência, influenciando tanto a identidade dos professores quanto a percepção pública sobre seu trabalho. No âmbito do internalismo, o professor construirá sua identidade a partir de suas experiências pessoais, valores e crenças, que são

internalizados ao longo de sua formação e prática profissional. Essa autonomia simbólica vai permitir que o docente desenvolva um senso de propósito e significado em sua atuação, baseado em suas convicções pedagógicas e no impacto que acredita ter sobre os alunos. No entanto, essa construção interna é constantemente tensionada por forças externas, que interferem diretamente na maneira como o professor se percebe e é percebido pela sociedade.

No caso do externalismo, identificamos como fatores externos, como as relações de poder e as estruturas sociais, moldam a identidade e a prática docente. A mídia, por exemplo, frequentemente retrata os professores de maneira estereotipada, ora como heróis sacrificados, ora como profissionais despreparados, reforçando narrativas que desvalorizam seu trabalho e contribuem para a deslegitimação de sua autoridade simbólica. Além disso, o neoliberalismo, com sua ênfase na eficiência, produtividade e meritocracia, impõe uma lógica de mercado à educação, transformando o professor em um "prestador de serviços" e reduzindo sua prática a métricas quantitativas. Essas pressões externas exercem uma violência simbólica sobre os docentes, ao impor uma ordem gnoseológica que acaba por depreciar o sentido de seu trabalho e prejudica sua autonomia.

O campo da produção simbólica é um microcosmos da luta simbólica entre as classes: é ao servirem os seus interesses na luta interna do campo de produção (e só nesta medida) que os produtores servem aos interesses dos grupos exteriores ao campo de produção (Bourdieu, 1989, p. 12).

E é graças a esses instrumentos simbólicos socialmente adquiridos e culturalmente disponíveis que indivíduos podem dar sentido e inteligibilidade à sua experiência de mundo. Os sistemas simbólicos são como condições necessárias da ação, mas não são condições suficientes da ação, pois os indivíduos vão necessariamente adaptar essas estruturas.

Essa violência simbólica afeta profundamente o bem-estar dos professores, pois cria um conflito entre suas percepções internas e as expectativas externas. Ao internalizar as críticas e desvalorizações provenientes do contexto social, muitos docentes passam a questionar sua competência e o valor de sua contribuição, o que pode levar ao esgotamento emocional e à desmotivação. A identidade do professor, portanto, torna-se um campo de disputa, onde as pressões externas buscam reconfigurar seu papel e sua

autoimagem. Nesse processo, a autonomia simbólica do docente é corroída, e ele pode acabar reproduzindo, mesmo que inconscientemente, as lógicas de poder que o oprimem.

A classe dominante é o lugar de uma luta pela hierarquia dos princípios de hierarquização : as fracções dominantes, cujo poder assenta no capital económico, tem em vista impor a legitimidade da sua dominação quer por meio da própria produção simbólica, quer por intermédio dos ideológicos conservadores os quais só verdadeiramente servem os interesses dos dominantes por acréscimo , ameaçando sempre desviar em seu proveito o poder de definição do mundo social que detém por delegação; a fracção dominada (letrados ou intelectuais e artistas, segundo a época) tende sempre a colocar o capital específico a que ela deve sua posição, no topo da hierarquia dos princípios de hierarquização (Bourdieu, 1989, p. 12).

O trecho acima nos leva a refletir sobre a função tríplice dos sistemas simbólicos enquanto instrumentos de perpetuação da dominação. Essa função se sustenta no conhecimento e na comunicação como formas de poder, de modo que as relações de dominação passam a ser vivenciadas e legitimadas como se fossem relações de saber e de troca simbólica. A teoria do poder simbólico busca justamente revelar esse processo: as práticas discursivas e comunicativas não são neutras, mas atravessadas por interesses sociais e por hierarquias de poder que se naturalizam no cotidiano. Assim, participar de interações sociais significa não apenas compartilhar informações, mas também reconhecer posições sociais, adaptar a linguagem às circunstâncias e aos interlocutores, e, muitas vezes, reproduzir padrões de desigualdade de maneira quase imperceptível. Nesse sentido, os sistemas simbólicos operam como mecanismos de naturalização ideológica, tornando a dominação social legítima aos olhos tanto dos dominantes quanto dos dominados, o que explica sua força e persistência histórica.

Os indivíduos percebem o mundo social em que estão imersos a partir da interiorização das estruturas desse mundo, na forma de esquemas de percepção ou estruturas mentais. Esse é o principal mecanismo pelo qual as simetrias de poder e as relações de dominação são normalizadas, a medida em que os indivíduos percebem o mundo segundo suas estruturas mentais, que são a interiorização das estruturas sociais desse mesmo mundo, essas estruturas sociais efetivas passam a ser percebidas como ordem natural das coisas.

O poder simbólico não reside nos simbólicos em forma de uma illocutionary force, mas que se define numa relação determinada e por meio desta entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos,

quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença. O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou a de subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras (Bourdieu, 1989, p. 15).

Na medida em que as percepções das relações de dominação, como a relação de conhecimentos, dissimulam o fato de que relações de dominações são relações de força, Bourdieu define o poder simbólico como relação de violência não percebida como tal, não reconhecida como tal, pois leva em conta a colaboração do agente que recebe essa violência. Esse é o mecanismo central pelo qual relações de dominação e desigualdade distributivas se assentam, e é por isso que é chamada por Bourdieu como suave e invisível, por ser vivida como uma relação de conhecimento, de autoridade e comunicação.

Essa legitimidade de violência simbólica também acontece no campo político que se define como espaço onde vários agentes estão incluídos nesse espaço e, jogando as regras desse jogo, tentam buscar a legitimidade de ser o porta-voz desse campo. Eles buscam por troféus simbólicos. Esse é um conceito que notamos na cotidianidade, em conversas comuns nos discursos das pessoas. Segundo Bourdieu,

A vida política só pode ser comparada com um teatro se se pensar verdadeiramente a relação entre partido e a classe, entre a luta das organizações políticas e a luta de classes, como uma relação propriamente simbólica entre um significante e um significado, ou melhor, entre representantes dando uma representação e agentes, ações e situações representadas. A concordância entre representante e representado ressalta, sem dúvida, menos da procura consciente do ajustamento à procura da clientela, ou do constrangimento mecânico exercido pelas pressões externas, do que da homologia entre a estrutura do teatro político e a estrutura do mundo representado, entre a luta de classes e a forma subliminada desta luta que se desenrola no campo político (Bourdieu, 1989, p. 175-176).

Dessa forma, entendemos que dentro desse campo a luta é basicamente por prestígios, por troféus simbólicos, é um espaço de concentração entre dominantes e dominados, que estabelecem sua dominação por meio das palavras, da linguagem. E fora desse campo ainda tem indivíduos que querem entrar. Ele é constituído pela luta entre agentes específicos daquele campo (no caso o político), os quais buscam por legitimidade sendo o porta voz de um discurso que sempre vai esconder suas reais intenções, pois o real objeto do discurso está por trás dele.

A legitimação de um discurso depende de quem o anuncia, depende muito da origem de quem discursa. Esse é um dos fatores que tornam o campo político tão disputado por agentes específicos, que concorrem e lutam entre si, fazendo com que exista a relação de dominantes e dominados e legitimando o discurso do porta-voz.

Na realidade, o que faz com que essa cultura propriamente política permaneça inacessível à maioria das pessoas é, sem dúvida, menos a complexidade da linguagem em que ela exprime do que a complexidade das relações sociais que constituem o campo político que nela se exprime: essa criação artificial das lutas de Cúria afigura-se menos inteligível do que desprovida de razão de ser aos que, não participando do jogo não veem nele interesse e não podem compreender que este ou aquele distinga entre duas palavras ou entre dois rodeios de frase num discurso-jogo, de um programa, de uma plataforma, de uma moção ou resolução, de lugar a tais debates, visto que não aderem ao princípio das oposições que suscitam os debates geradores destes distintos (Bourdieu, 1989, p. 179).

Esse discurso político muitas vezes está fora do horizonte da maioria das pessoas, muitas vezes por falta de experiência, mas também pelo fato dos compromissos cotidianos não permitirem um maior engajamento. A chamada “sociedade do cansaço” impede significativamente o envolvimento das pessoas nos processos políticos, a precarização dos sistemas econômicos é um dos fatores que contribui para esse processo, mas essa mesma escravidão moderna é fruto desse discurso político que induz os indivíduos a se ocuparem de forma incessante com os afazeres cotidianos, para que esses mesmos indivíduos percam o interesse pelo campo político. A ideia de que a política é algo para especialistas também impera nesse sentimento de descaso da população com o campo político.

Na citação de Pierre Bourdieu, ele diz que a maioria das pessoas tem dificuldade em entender a cultura política. Ele destaca que esse problema não é causado principalmente pela complexidade da linguagem que é usada, mas sim pelas complexidades das relações sociais que permeiam o campo político. O autor sustenta que as lutas políticas são formadas por relações sociais complexas e configurações de poder, que podem ser desconhecidas por pessoas que não estão envolvidas diretamente no jogo político. Para aqueles que não participam desse jogo, pode ser difícil entender porque certas disputas ou distinções linguísticas são tão importantes, pois não compartilham interesses e dinâmicas que impulsionam essas disputas.

Além disso, Bourdieu enfatiza o fato de que, para pessoas que não estão familiarizadas com as estruturas e princípios fundamentais do campo político, podem parecer desprovidas de sentido, criando conflitos políticos de forma artificial. As disputas e discussões políticas são frequentemente baseadas em oposições e divisões que, para pessoas fora desse contexto, não podem ser claras imediatamente. Como resultado, para muitos, as diferenças linguísticas apresentadas nos discursos políticos, programas partidários e resoluções podem parecer desconcertantes ou irrelevantes, pois não conseguem entender a lógica subjacente às disputas políticas que causam essas diferenças linguísticas. A alienação política e a exclusão de amplas partes da população dos processos políticos e da tomada de decisão podem ocorrer como resultado dessa falta de compreensão.

Utilizando-se dessa falta de compreensão da população, a mídia se vale desse recurso para mais uma vez estabelecer um discurso midiático conforme o desejo do capital e de quem o comanda.

Jesse de Souza ilustra brilhantemente como uma sociedade em que os mais ricos dominam a mídia com o objetivo de moldar e promover seus interesses próprios, muitas vezes alterando-os para que pareçam benéficos à sociedade. Isso leva a uma forma de “corrupção legal”, na qual a manipulação é justificada por discursos que escondem atividades que, objetivamente, seriam consideradas criminosas. Um exemplo claro é a enorme evasão fiscal por meio de paraísos fiscais, que supera em muito a corrupção estatal, mas que relatada é discutida pela mídia porque seus proprietários e aliados da elite financeira são os principais beneficiários dessas práticas.

Embora mais sutil, essa corrupção ilegal é ignorada porque é praticada pelos proprietários da mídia e seus aliados na elite financeira, em vez dos inimigos comuns do Estado. Assim, o controle da narrativa midiática não apenas esconde esses tipos de corrupção, mas também ajuda a perpetuá-los, criando um ciclo em que os interesses dos poderosos são protegidos e controlados em detrimento do bem-estar do público.

Uma imprensa parcial e comprada é, portanto, decisiva para a qualidade da democracia em uma sociedade moderna. Ela tem o poder de distorcer sistematicamente a percepção dos problemas sociais, e de, em circunstâncias favoráveis, pautar o que deve ser discutido e como deve ser discutido. Em certos contextos [...], é possível inclusive “criar” fatos e versões. O poder da imprensa na sociedade midiática moderna não é ilimitado, mas é decisivo. Como a informação é absorvida sempre de cima pra baixo, a inexistência de pluralidade de perspectiva e de opinião é fatal pra democracia. Afinal, esta não significa apenas possibilidade

de votar, mas votar com independência e autonomia (Souza, 2016, p. 114).

A citação de Souza enfatiza o papel crucial que a imprensa desempenha na democracia contemporânea, enfatizando o fato de que a mídia tem a capacidade de alterar a percepção do público sobre os problemas sociais e até mesmo influenciar a agenda política. Essa influência é particularmente preocupante em situações em que a mídia tem a capacidade de não apenas distorcer a verdade, mas também criar histórias e interpretações específicas para seus próprios interesses ou para os de seus financiadores.

A falta de diversidade de opiniões e perspectivas na mídia compromete a autonomia e a independência do eleitorado, minando a essência da democracia, que não se limita apenas ao ato de votar, mas também à capacidade dos cidadãos de formar suas opiniões de forma crítica e informada. É importante lembrar que essa influência da mídia não é apenas negativa. Uma imprensa livre e diversificada pode ajudar a observar o poder político e econômico, expor a corrupção e promover a transparência.

Mas, quando a mídia é parcial e manipulada por interesses, pode se tornar uma ferramenta de manipulação e controle, minando a pluralidade democrática e a participação cidadã. Assim, é fundamental que haja regulação e transparência para garantir a diversidade de vozes e a imparcialidade na cobertura jornalística, fortalecendo assim as bases da sociedade democrática.

Nas últimas décadas a imprensa passa por um processo de mudança estrutural importante. Como no resto das grandes corporações sob comando do capital financeiro, a relação de comando se verticaliza de modo absoluto. Esse fato permite muito maior controle do conteúdo de cima pra baixo. Deixam de existir os debates nas redações, e quem gosta de discutir [...] passa a ser discriminado como chato e problemático. Paralelamente ocorre um expurgo dos nomes mais críticos e independentes, especialmente a partir da década de 1990. Muda o perfil dos repórteres e redatores, que passam a ser bem mais jovens e dóceis ao comando de cima pra baixo. Produz-se uma homogeneidade de pensamento em conformidade com o processo de obrigatória obediência vertical. Instaura-se, inclusive uma competição pela obediência e pela antecipação dos desejos dos chefes lá em cima (Souza, 2016, p. 115).

Tal análise sobre as mudanças estruturais que ocorreram na imprensa nas últimas décadas enfatiza uma crescente centralização do controle; essa influência reflete o poder do capital financeiro sobre as grandes corporações de mídia. A posição neste caso se torna mais rígida, o que permite um controle mais eficiente do conteúdo de cima para baixo.

Além de limitar a diversidade de opiniões, esse processo elimina a oportunidade de debate e crítica nas redações. Aqueles que se opõem a essa lógica hierárquica são estigmatizados como problemáticos. Isso leva a uma sociedade onde todos pensam de forma semelhante.

Além disso, a exclusão de vozes independentes e críticas, principalmente a partir da década de 1990, transformou a imagem dos profissionais da mídia. Os redatores e repórteres, que são cada vez mais jovens e submetidos às diretrizes de cima, são condicionados à cultura de obediência vertical. Uma competição internacional pela conformidade e antecipação das ordens superiores fortalece essa uniformização do pensamento. Assim, ao invés de promover a diversidade de opiniões e um debate público saudável, a mídia se transforma em um meio de reprodução dos interesses e das narrativas das classes dominantes. Como resultado, eles minam a essência democrática de uma imprensa livre e crítica.

De certo modo, ocorre no jornalismo processo semelhante ao que já havia ocorrido nas fábricas com a dispensa dos trabalhadores com passado sindical em favor dos jovens sem passado político, além da entronização da ideologia que substitui a noção de trabalhador por aquela do parceiro e aliado do dono do empreendimento. A patroa pode, a partir daí, economizar e eliminar os supervisores, antes um gasto fundamental do capital, que agora não precisa mais de vigilância do trabalhador, já que este agora vigia a si próprio e aos outros, para o bem do comando. O capital financeiro cria a corporação que lhe convém não apenas na produção de mercadorias materiais, mas agora, também na produção de mercadorias imateriais e simbólicas (Souza, 2016, p. 115).

Souza discute a respeito do jornalismo contemporâneo destacar a semelhança entre as transformações no setor midiático e as ocorrências nas fábricas. As novas gerações de jornalistas são influenciadas pela ideologia empresarial, assim como as fábricas mudaram seus funcionários sindicalizados por jovens sem experiência política. Essa ideologia substitui a compreensão tradicional do trabalhador como um "parceiro" ou "aliado" do proprietário do negócio. Isso leva a uma relação de trabalho mais desigual e favorável aos interesses do capital.

O objetivo desta mudança estrutural não é apenas reduzir os gastos, mas também mudar a dinâmica do poder nas redações. Com o trabalhador internalizando a vigilância sobre si mesmo e sobre seus colegas em nome do "bem do comando", o papel do supervisor como um custo de capital é eliminado.

Essa nova dinâmica mostra a crescente influência do capital financeiro na produção de conteúdo jornalístico e de mercadorias materiais. Assim, a mídia se

transforma não apenas em uma fonte de informações, mas também em uma ferramenta para a difusão de ideologias e valores que fortalecem os interesses do capital, fortalecendo sua influência na sociedade moderna.

No contexto da democracia moderna a informação tem que ser plural, e o indivíduo tem que poder avaliar opiniões alternativas para formar seu julgamento próprio e autônomo. Sem isso não existe voto consciente. A ditadura do pensamento na grande mídia brasileira compromete, portanto, a qualidade de nossa democracia e a qualidade da sociedade que construímos. Constrói-se um pensamento homogêneo na imprensa dominante que apenas repete mantras no interesse dos endinheirados (Souza, 2016 p. 115).

A pluralidade de informações é necessária na democracia moderna, e as pessoas devem ter a capacidade de examinar opiniões alternativas para que possam fazer escolhas independentes. Não há voto consciente sem isso. Portanto, a censura do pensamento presente na grande mídia brasileira prejudica a qualidade de nossa democracia e a sociedade que vivemos. Na imprensa dominante, o pensamento é uniformizado e repetido apenas para o benefício dos ricos. Jesse de Souza enfatiza a importância da diversidade de opiniões e informações na democracia contemporânea.

Para que uma democracia prospere, os indivíduos devem ter acesso a uma ampla gama de perspectivas e perspectivas para que possam tomar decisões de forma independente e consciente. Mas a pluralidade e a qualidade da democracia e da sociedade como um todo estão comprometidos pela prevalência de um pensamento único na grande mídia brasileira, que frequentemente atende aos interesses dos mais ricos.

A mídia dominante mantém uma ditadura do pensamento que limita a capacidade dos cidadãos de pensar criticamente e tomar decisões informadas, criando um ambiente onde apenas um conjunto limitado de ideias é largamente discutido. Essa uniformização do pensamento na mídia prejudica os princípios fundamentais da democracia e perpetua as desigualdades sociais, ao invés de promover o debate democrático e a diversidade de pontos de vista.

A evolução do capitalismo, em sua forma neoliberal, proporcionou a toda humanidade níveis alarmantes de desigualdade econômica e social, criando bolsões de pobreza e riqueza e o distanciamento entre países ricos e pobres. O estado por sua vez retira-se do projeto de bem-estar social oferecendo o mínimo de seus recursos a população, permitindo assim ao mercado o apoderamento quase total de seus recursos e, principalmente, contra os direitos sociais dos trabalhadores. Assim, nasce o Estado

neoliberal que tem como característica principal o enxugamento dos serviços públicos em detrimento dos serviços privados. Como podemos observar no trecho da reportagem, de Isabela Palhares e Karime Xavier, para a série “Missão professor” da *Folha de São Paulo* (2023):

Além de conviver com situações cotidianas que despertam o trauma, a comunidade da Primo Bitti também reclama que recebeu pouca assistência do poder público —não há no país um protocolo para intervenções após esse tipo de violência. Nos últimos dez meses, o Brasil viveu uma onda sem precedentes de ataques a escolas, com uma média de mais de um caso a cada 30 dias.

"Estamos desamparados, sozinhos lidando com o trauma dessa violência. Tem cinco meses que ocorreu o ataque e não há um plano para nos ajudar a recuperar nossa saúde, nossa segurança, nossa escola", diz Luiz Carlos Gomes, 51, professor de sociologia.

A evolução do capitalismo neoliberal acentuou as desigualdades econômicas e sociais, gerando um abismo entre ricos e pobres e fortalecendo a concentração de recursos nas mãos do mercado, em detrimento do bem-estar social. O Estado, ao se retirar de suas responsabilidades públicas, promove o desmonte de serviços essenciais, como educação e saúde, privilegiando a privatização e negligenciando os direitos sociais. Esse cenário é exemplificado na reportagem de Isabela Palhares e Karime Xavier (2023), que evidencia a falta de assistência pública em situações críticas, como violências sofridas por comunidades escolares, revelando a insuficiência do Estado neoliberal em garantir proteção e apoio adequados à população, especialmente em contextos de vulnerabilidade.

Byung-Chul Han contribui para essa reflexão ao inserir a discussão no contexto da “sociedade do cansaço” ou de desempenho. A mídia, ao difundir narrativas centradas em meritocracia e produtividade, reforça a lógica neoliberal que transforma o professor em “empresário de si mesmo”, submetido a exigências incessantes que esgotam sua saúde física e mental. Essa leitura dialoga com Bourdieu e Chauí na medida em que revela como a mídia, ao legitimar discursos de eficiência e resultados, reproduz a violência simbólica sobre os docentes, obscurecendo a precariedade de suas condições de trabalho. Assim, as ideias desses autores se entrelaçam ao evidenciar que a construção midiática do professor não é neutra, mas parte de um sistema que sustenta tanto sua desvalorização profissional quanto a alienação social diante da realidade educacional.

A expressão “sociedade do cansaço”, também conhecida como sociedade do desempenho, é utilizada pelo filósofo Byung-Chul Han, autor que dá sustentação teórica a esta pesquisa, está diretamente relacionada com o esgotamento de sentidos pela classe

docente, e o que tem sido divulgado pela mídia. A pressão por resultados, a crescente violência contra esses profissionais têm sido fatores desencadeadores desse processo que leva, segundo Han (2015), ao surgimento das doenças neurais.

Doenças neuronais como depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe(TPL) ou a Síndrome de Bournout (SB) determinam a passagem patológica do começo do século XXI. Não são infecções, mas enfartos, provocados não pela negatividade de algo imunologicamente diverso, mas pelo excesso de positividade. Assim, eles escapam a qualquer técnica imunológica, que tem a função de afastar a negatividade daquilo que é estranho (Han ,2015, p. 7-8).

A ideia de sociedade do cansaço reflete sobre o excesso de positividade, produz profissionais altamente competentes, porém, psicologicamente arrasados. Trazendo isso para o campo educacional, o profissional também é inserido nesse processo quando incorpora em seu cotidiano ideias de alta produtividade. Ideias essas que se traduzem aqui em demandas cada vez mais altas, tais como: passar muito tempo preenchendo planilhas, elaborando planos de aula, cursos de aperfeiçoamento profissional (que são realizados fora do seu horário de trabalho), e todas essas demandas travestidas sempre com a urgência da hora e do momento. Roubam o tempo que deveria ser destinado a atividades individuais do cotidiano de qualquer trabalhador, e tudo isso é imposto de forma velada, mas coercitiva por meio de expressões como “alta produtividade”. Tais expressões ao longo do tempo vão gerar nesse trabalhador infartos psíquicos que, somatizados, geram doenças neuronais como *Bournout* e Depressão. Como assevera Han (2015): “É bem verdade que os adoecimentos neuronais do século XXI seguem, por seu turno, sua dialética, não a dialética da negatividade, mas a da positividade. São estados patológicos devidos a um exagero da positividade” (Han, 2015, p. 14).

A positividade tem em si a premissa de tornar o trabalhador “empresário de si mesmo”, sem chefes, tornar-se seu próprio chefe, impondo condições cada vez mais atenuantes de trabalho, de metas cada vez mais altas, tudo isso dentro de ideia de que ele pode sempre mais, violentando-se psicologicamente muitas vezes sem se dar conta disso. Han diz: “O que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a pressão por desempenho” (ibidem, p. 27).

Nesse contexto o excesso de positividade impõe ao trabalhador que se autodiscipline, de que precisa estar sempre em constante movimento, procurando melhorar sempre, buscando aperfeiçoamento, trabalhando a todo momento e, ao mesmo

tempo, de que ele é livre para buscar trabalhar o tempo todo. Essa liberdade é na verdade encoberta, porque leva à sabotagem da saúde psíquica gerando uma violência neuronal e, como já foi dito, ao surgimento de doenças psíquicas. Tudo isso porque vivemos em uma sociedade na qual tudo é permitido, no universo educacional o docente é obrigado a aceitar a intensificação de seu trabalho sobre a premissa de que ele sempre pode mais. Para Han (2015), “O que torna doente na realidade, não é o excesso de responsabilidade e iniciativa, mas o imperativo de do desempenho como um novo mandato da sociedade pós-moderna do trabalho (Han, 2015, p. 27).

A ideia de que é possível maximizar a produção, por meio da positividade, leva o indivíduo ao excesso de estímulos e informações que em meio ao excesso do trabalho configura em uma destruição da atenção. Os excessos, sejam eles de trabalho, estímulos ou informações geram atenção fragmentada, ampla e rasa. Logo, “a crescente sobrecarga de trabalho torna necessária uma técnica específica relacionada ao tempo e a atenção, que tem efeitos novamente na estrutura de atenção” (ibidem, p. 3). O excesso de estímulos e a atenção fragmentada geram indivíduos “multitarefeiros”, uma condição que se aproxima de animais em estado selvagem, que em sobrevivência na vida selvagem se ocupam de duas ou mais atividades ao mesmo tempo.

Agora, imagine um professor em sala de aula com uma média de quarenta alunos por turma, com estímulos sonoros, visuais, com atenção fragmentada para seus quarenta alunos ao mesmo tempo, lidando com a indisciplina e ainda pensando nas provas pra corrigir, explicar conteúdo, planejamentos pra fazer, cursos que precisa participar, alunos desmotivados e tantas outras preocupações, esse é o autêntico profissional “multitarefeiro”. A sociedade do cansaço, discutido por Byung-Chul Han, é o ambiente no qual esses profissionais estão inseridos, tornando-se pessoas super atarefadas, sem tempo de viver suas vidas ou mesmo sem tempo para cuidar da própria saúde mental e física. Esse é o ambiente em que a sociedade se vê cada vez mais refém de uma lógica mercadológica, empresarial, afinada com neoliberalismo, professores que estão lidando com modelo de escola empresarial, sofrendo consequências como a intensificação do trabalho docente, dentre outras mazelas.

SEÇÃO 2 - PERCURSOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentamos os percursos metodológicos que sustentam esta pesquisa, destacando a escolha da análise documental como procedimento fundamental para compreender as representações sociais da docência veiculadas pela mídia. A opção por uma abordagem qualitativa possibilita interpretar não apenas dados objetivos, mas também os sentidos e significados atribuídos ao trabalho docente, especialmente em contextos marcados por precarização, sobrecarga e disputas simbólicas.

A análise de reportagens da *Folha de São Paulo*, publicadas em um período de intensificação dos debates sobre violência escolar, permite articular discurso midiático, estruturas de poder e experiências docentes, revelando como narrativas jornalísticas constroem, reforçam ou contestam imagens sociais do professor. Tal escolha metodológica, ao privilegiar a dimensão comunicacional e simbólica da realidade, mostra-se decisiva para os resultados obtidos, pois possibilita evidenciar como a mídia participa ativamente da desvalorização docente e, ao mesmo tempo, abre espaço para reflexões críticas sobre as condições de trabalho e identidade profissional na sociedade contemporânea

A mídia exerce um papel central na reprodução de discursos que sustentam os interesses do poder econômico, especialmente no que diz respeito à construção da identidade docente no Brasil. Ao associar o magistério a noções como "vocação", "sacrifício" e "missão", os meios de comunica  o e os discursos oficiais naturalizam a precariza  o do trabalho docente, justificando baixos salários e condi  o  es adversas enquanto transferem para os professores a responsabilidade pelo futuro da na  o. Paralelamente, essa mesma m  dia, alinhada a uma lógica neoliberal, promove narrativas que desqualificam a categoria, retratando os professores ora como servidores públicos "ineficientes", ora como agentes de uma alegada "doutrina  o ideológica". Essas representa  o  es, analisadas por autores como Oliveira (2018) e Laval (2019), não apenas fragilizam a profissão, mas também legitimam políticas educacionais que tratam a educa  o como mercadoria, aprofundando desigualdades e obscurecendo seu caráter de direito social.

Diante desse cenário, esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, privilegiando a análise crítica de discursos midiáticos para compreender como as representa  o  es sociais dos docentes são construídas e disseminadas. O método selecionado, a análise documental, permite investigar, a partir de um *corpus* delimitado,

os sentidos atribuídos ao trabalho docente na contemporaneidade, considerando a interação entre textos jornalísticos, contextos sociais e estruturas de poder. Para tanto, foram selecionadas notícias e reportagens publicadas na versão digital da Folha de São Paulo entre abril e maio de 2023, período marcado pela intensificação de debates sobre violência escolar e, consequentemente, pela maior visibilidade midiática da categoria docente. O recorte temático prioriza textos que abordam o desempenho e o cotidiano dos professores, com ênfase na sobrecarga de trabalho, enquanto o recorte temporal busca capturar as nuances discursivas em um contexto de crise. Essa estratégia metodológica visa desvelar as linhas editoriais e os posicionamentos implícitos no veículo, contribuindo para uma reflexão crítica sobre o papel da mídia na (des)valorização docente.

2.1. A teoria das representações sociais

Na teoria das representações sociais, estudamos os seres humanos e suas representações do mundo, seu pensamento, seu comportamento diante das situações cotidianas. A comunicação social é o elo nesse processo por meio da linguagem. Assim, na constituição e análise do *corpus* desta pesquisa, adotamos uma abordagem qualitativa com base na análise documental, estabelecendo critérios específicos de recorte temático e temporal. O recorte temático concentrou-se em textos que tratam do desempenho e do cotidiano docente, em especial sobre a sobrecarga de trabalho, enquanto o recorte temporal delimitou o período entre abril e maio de 2023, quando a pauta da violência escolar ganhou destaque na mídia nacional.

A categorização do *corpus* foi conduzida a partir da identificação de elementos discursivos centrais, tais como a associação da docência a imagens de sacrifício, vocação e missão, bem como narrativas de desqualificação profissional que vinculam os professores à ineficiência ou à “doutrinação ideológica”. Embora entrevistas não tenham sido aplicadas diretamente com docentes, as reportagens selecionadas contêm vozes de professores e especialistas, cujas falas foram examinadas em articulação com as representações sociais nelas cristalizadas.

Para a análise, recorreu-se à teoria das representações sociais proposta por Serge Moscovici, que permite compreender como novos acontecimentos, como a violência escolar por exemplo, são assimilados ao repertório simbólico já existente e transformados em imagens sociais concretas que orientam condutas e percepções. Desse modo, as ideias de Moscovici dialogam com todo o desenvolvimento da pesquisa, ao evidenciar como a

mídia atua na produção, circulação e naturalização de representações que moldam a identidade profissional docente e influenciam tanto sua valorização quanto as políticas educacionais a ela relacionadas.

A linguagem é fundamental nesse processo pois sem ela não existe representação. Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Segundo Moscovici (2015, p. 41), “representações não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem, e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas morrem”. Elas surgem das interações humanas que acontecem na vida social, nos bares, escritórios, supermercados, ou seja, nos locais que favoreçam essas interações sociais. São acontecimentos sociais. As funções exercidas pelas representações sociais são: a) convencionalizar os objetos, pessoas ou acontecimentos; b) elas são prescritivas. Na primeira função elas dão forma definitiva aos novos elementos que se juntam a um modelo existente e se sintetizam nele. Assim cada nova experiência é somada a uma realidade preexistente determinada por convenções.

Nós pensamos através de uma linguagem: nos organizamos nossos pensamentos, de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura. Nos vemos apenas o que as convenções subjacentes nos permitem ver e nós permanecemos inconscientes dessas convenções (Moscovici, 2015, p. 35).

O pensamento humano é condicionado a todo momento pelas convenções, mas permanecemos inconscientes a elas.

Na segunda função elas se impõem sobre nós como uma força irresistível. Ou seja, elas são impostas sobre nós, elaboradas no decurso do tempo e resultado de várias gerações.

Nossas experiências e ideias passadas não são experiências ou ideias mortas, mas continuam a ser ativas, a mudar e a infiltrar nossa experiência e ideias atuais. Sob muitos aspectos, o passado é mais real que o presente. O poder e a claridade peculiares das representações _ isto é, das representações sociais _ deriva do sucesso com que elas controlam a realidade de hoje através da de ontem e da continuidade que isso pressupõe (Moscovici, 2015, p. 37-38).

Visto por esse ângulo podemos afirmar que o caráter material das ideias vai se misturando com o ambiente social, e as representações sociais antigas se juntam as novas

representações, formulando assim novos sentidos para os acontecimentos sociais devido as mudanças que surgem cotidianamente.

As pessoas comentam, analisam, formulam filosofias, representam livremente as coisas e o impacto que isso tem em suas vidas é decisivo, podendo ser emocional, psicológico, em suas escolhas cotidianas, na maneira como educam seus filhos etc.

A luz da História e da Antropologia, podemos afirmar que essas representações são entidades sociais, com uma vida própria, comunicando-se com elas, opondo-se mutuamente e mudando em harmonia o curso da vida; esvaindo-se, apenas para emergir novamente sobre novas aparências (Moscovici, 2015, p. 38).

Segundo Moscovici (2015), a tarefa principal da psicologia social é estudar as representações sociais, suas propriedades, suas origens e seus impactos na sociedade. Nenhuma outra disciplina está mais bem equipada para se dedicar à essa tarefa, e é por essa importância dada a teoria que o autor nomeia de “era das representações sociais”, dizendo que quanto menos pensarmos nelas, quanto menos conscientes somos delas, maior é a sua influência em nossas vidas e no meio social.

Os processos internos das representações sociais são a ancoragem e a objetivação. Na ancoragem quando a novidade chega e ela é inevitável, segue-se um trabalho de torná-la familiar e transformá-la para integrá-la ao universo de pensamento preexistente (função cognitiva essencial da representação social, e ainda a função de proteção e de legitimação da identidade do grupo e da forma de pensamento do grupo mais a orientação e justificação das condutas e tudo isso atravessado pela comunicação). Nesse processo, existem efeitos que são chamados de efeitos de defasagem nos conteúdos representativos que são as distorções, a suplementação e a subtração.

Na primeira, os atributos do objeto presente são acentuados ou atenuados de modo específico, tem o objetivo de reduzir dissonâncias cognitivas. No processo de suplementação, confere-se atributos e conotações que não eram próprios ao objeto, acréscimos de significações devido ao investimento do sujeito ao seu imaginário. Na subtração acontece a retirada de atributos pertencentes ao objeto é o efeito repressivo das normas sociais.

O outro processo da teoria é a objetivação. Nela existe uma construção seletiva e uma esquematização estruturante (que é o efeito da comunicação e das pressões a pertença social a escolha e organização dos elementos da representação) e a normalização do objeto novo (dar valor de realidades concretas, legíveis e utilizáveis na ação, sobre o

mundo e os outros). A objetivação é quem dá a possibilidade do indivíduo de agir no mundo tendo sido modificada a ação desse mesmo indivíduo pela nova representação.

Elas são uma modalidade particular que tem por função a orientação das condutas e comunicações entre os sujeitos, os objetos do conhecimento são dados inacabados, passíveis de modificação a partir de uma atividade mental que o apreende. As representações sociais são agentes de vinculação aos dados da realidade aos sistemas de valores de noções e práticas dos sujeitos orientando a interação social e material.

As representações sociais são vistas por Moscovici como criaturas do pensamento que se constituem em um ambiente real concreto, devido a autonomia e a pressão que elas exercem nos seres humanos por meio das ideias, elas são como realidades inquestionáveis que nós confrontamos ou não.

As pessoas e grupos sociais por si mesmos produzem, comunicam incessantemente suas próprias e específicas representações e soluções às questões que eles mesmos colocam, “uma representação fala tanto quanto mostra, comunica tanto quanto exprime” (Moscovici, 2015, p. 27). Elas são teorias sobre saberes populares e de senso comum, elaboradas e partilhadas coletivamente com a finalidade de construir e interpretar o real. Moscovici preocupa-se com a inter-relação entre o sujeito e o objeto e como se dá o processo de construção do conhecimento, ao mesmo tempo individual e coletivo, na construção das representações sociais um conhecimento do senso comum. Logo, a percepção pública de temas relevantes é construída com base nas informações transmitidas pela mídia.

Os indivíduos ao se apropriarem das representações sociais moldam, modificando-as, conforme suas necessidades. As representações sociais são importantes para explicarem as motivações pessoais e coletivas e para pensar a atuação dos indivíduos no espaço. A capacidade de compreensão e identificação de fenômenos e principalmente de atuação na motivação dos indivíduos ao fazer determinando tipo de escolha. O conhecimento das representações sociais permite compreender os sentidos e significados que orientam indivíduos e grupos na interpretação da realidade e em suas práticas cotidianas. Essas representações funcionam como referenciais que moldam a forma como as pessoas percebem e interagem com o mundo ao seu redor (Braga, 2016).

As representações sociais buscam compreender o modo como um grupo humano constrói um conjunto de saberes que expressam a identidade de um grupo social, as representações que ele forma sobre uma diversidade de objetivos tanto próximos como remotos e principalmente o conjunto de códigos culturais que definem em cada momento

histórico, as regras da comunidade. E a capacidade de descrever, de identificar uma realidade, um fenômeno que existe, do qual muitas vezes não nos damos conta, mas que possui grande poder mobilizador e explicativo. Segundo Braga,

Dessa forma, análise das representações sociais deve concentrar-se sobre aqueles processos de “comunicação e vida social” que não apenas as produzem, mas que também lhes confere uma estrutura peculiar, de tal modo que a representação social depende (em grande medida) da dimensão temporal da comunicação, da interação advinda dos processos comunicativos, e, sobretudo, da relação que advém das divergências ou modificações que podem ocorrer nas representações sociais (Braga, 2016, p. 88-89).

Todos esses processos levam em conta a importância da comunicação no processo de formação das representações sociais ela é por excelência o meio privilegiado para que esse processo aconteça, a análise das representações sociais deve ser pautada nos processos de comunicação e de vida social já que as representações sociais como o próprio nome diz se pautam na vida social. Dessa forma, “as representações sociais decorrem da partilha, da comunhão de pensamento, integrando uma diversidade, sendo o resultado das comunicações, interações que ocorrem entre sujeitos e os objetos por si representados” (Braga, 2016, p. 89).

Para Moscovici, a representação social é uma construção que o sujeito faz para entender o mundo e se comunicar, colocando os saberes do senso comum em uma categoria científica, valorizando esse conhecimento popular, tornando possível e relevante sua investigação. Durkheim, em 1912, foi quem referenciou num primeiro momento sobre as representações, mas, para ele elas são divididas em representações individuais e coletivas, para ele as leis que explicavam os fenômenos sociais eram diferentes das leis que explicavam os fenômenos individuais. As representações coletivas, conforme o autor, revelam o elemento simbólico da vida social e a ideia de um objeto compartilhado pelos indivíduos, e essa noção é independente do objeto.

Durkheim vê o meio pelo qual a sociedade se torna consciente de si mesma. Já Moscovici (2015), ao analisar a teoria das representações coletivas de Durkheim, fez um contraponto sociológico para a perspectiva individualista da psicologia social. E ainda, outro teórico, Max Weber, em 1922, pensava as representações sociais como um quadro de referências e vetor da ação dos indivíduos, para ele as representações eram como um saber comum que antecipa e prescreve o comportamento (ele também via as representações como um guia das ações).

Para Moscovici (2015), as representações sociais contemplam tanto o individual como o social; ele se preocupa com a inter-relação entre sujeito e objeto. Elas são uma preparação para o comportamento (como elas são partilhadas elas muitas vezes nos dizem como devemos nos comportar em determinados lugares, o que devemos falar, quais atitudes tomar etc.), guia, remodela e reconstitui os elementos do meio em que o comportamento teve lugar, dando sentido ao mesmo e integrando-o a uma rede de relações para que estas sejam eficazes e estáveis.

Nesse sentido a comunicação (em suas diversas formas operacionais) está indissociavelmente relacionada com as representações sociais. É em processos comunicacionais que é possível compreender o mundo real e o mundo subjetivo, construí-lo, compreendê-lo, compreendermos e compreender os outros, permitindo a partilha, a construção e as visões comuns, de tal forma que ao compreendermos os outros, nós compreendemos e ao mesmo tempo compreendemos o mundo que representamos (Braga, 2016, p. 89).

As representações ainda se ligam a sistemas de raciocínio de linguagens interligados e comunicados e entre gerações e grupos e é por isso que as representações sociais são um tipo de conhecimento que tem uma certa estabilidade com algumas características que se perpetua por gerações.

A trajetória do conceito de representação é um conceito que sai da noção de representação individual para a noção de representação coletiva que vai reverberar no lugar psicológico e sociológico da noção. O lugar psicológico da noção é a capacidade mental de transformar em imagem mental os objetos conhecidos, e o lugar sociológico da noção é o operador que permite cristalizar as ações em um conjunto de indivíduos, formando uma unidade exterior institucional. Ela é uma capacidade mental que construímos ainda na infância, desenvolvendo a capacidade de representar e é ela quem nos dá a capacidade de transformar em imagens mentais os objetos de conhecimento.

A partir do conceito de Durkheim e de sua realocação como objeto da Psicologia Social (a representação como fato social, ideação coletiva para Durkheim) Moscovici situa as operações de senso comum e as imagens ou filtros de noções que elas preparam, no mundo do pensamento, originando assim o conceito de representações sociais.

A difusão dos saberes científicos e técnicos transforma na sociedade moderna os modos de pensamento e criam conteúdos, é preciso tornar tangível o conhecimento que é usado para moldar a visão e constituir a realidade na qual vivemos. Na Psicologia Social o aprender é o movimento do conhecimento que se produz sob o efeito das massas e no

curso da comunicação e aí acontece a metamorfose do conhecimento na sua circulação. Diríamos até que sendo na comunicação que as representações se constroem e se tornam partilhadas, logo se tornam sociais, é, portanto, na comunicação que participamos do outro e com o outro (Braga, 2016, p. 89).

Elas são sociais por conta da diversidade da origem (ideologias, valores, crenças, ciência) e da ênfase na comunicação, convergindo sentimentos e indivíduos a relação constitutiva entre o individual e o social sendo construídas e adquiridas e ao mesmo tempo interacionais. São progressivamente elaboradas em inúmeros lugares seguindo regras variadas substituindo lendas e mitos na sociedade moderna e guardando traços equivalentes a elas.

A abordagem psicossocial sobre a compreensão da realidade tem três características muito fortes: a vitalidade, a transversalidade, e a complexidade. Ela se encontra localizada no contexto das teorias de meados do século 20 em que o pensamento simplificador não dá mais conta da realidade já que é necessário um pensamento mais vivo, mais transversal, mais complexo para compreender a realidade. Ele leva em conta o funcionamento cognitivo e do aparelho psíquico e o funcionamento do sistema social, dos grupos das interações na medida que afetam sua gênese e sua estrutura (processos individuais, interindividuais, intergrupais e ideológicos). Como assevera Braga (2016, p. 91),

Os conteúdos e sentidos representados variam inter e intraculturalmente, de maneira análoga à expressão linguística, de tal forma que, o sentido das representações sociais corresponde a um modelo recorrente de imagens, crenças e comportamentos simbólicos (Braga, 2016, p. 91).

As representações sociais se apoiam em valores variáveis segundo o grupo social de referência, em saberes anteriores reavivados por situações particulares, ligadas a sistemas de pensamentos amplos (ideológicos, culturais) a sistemas de pensamento científicos, a condição social e a esfera da experiência privada e afetiva do indivíduo. Elas têm como função principal interpretar e simbolizar objetos, pessoas ou situações, integrando sujeitos epistêmicos e psicológicos em um contexto social e cultural. Elas qualificam o saber, transformando conhecimentos científicos em saberes cotidianos e vice-versa, funcionando como um sistema de acolhimento que pode facilitar ou dificultar a assimilação de informações técnicas e científicas.

No contexto da docência, as representações sociais influenciam a construção da imagem do professor, moldando como ele é percebido e valorizado pela sociedade. Essas representações são fundamentais para manter a identidade social e o equilíbrio sociocognitivo, pois refletem as influências do grupo sobre o pensamento individual e os estilos de pensamento coletivos. Assim, a comunicação desempenha um papel crucial nesse processo, ao disseminar e reforçar as representações que definem o papel e a identidade dos professores no âmbito social.

2.2. Representações sociais e mídia: o professor no olho do furacão

Se a linguagem é o principal instrumento da comunicação e o principal transmissor das representações sociais, a comunicação social tem papel específico nessa relação e se torna um campo de estudo e pesquisa. A maneira com que se comunica e o significado que essa comunicação gera no receptor pode desencadear comportamentos variados de acordo com o que se quer comunicar podendo despertar sentimentos, ações e pensamentos positivos ou não.

Ela modela comportamentos e a comunicação entre pessoas. Os veículos de mídia têm influência direta na formação de uma representação social sobre um determinado assunto, mas também na conduta dos indivíduos ou grupos sobre um determinado assunto. “Estas informações veiculadas sobre as mais diversas formas, são apropriadas e reconstruídas pelos indivíduos ou grupos, dando origem a condutas pertinentes aos sentidos atribuídos nesta reorganização” (Braga, 2016, p. 86).

Os meios digitais, televisivos ou impressos de circulação de informações são por excelência o canal onde as pessoas se apropriam de uma determinada informação e, a partir daí, criam-se imagens e sentidos para a informação recém apropriada. “As pesquisas de Moscovici explicam ainda que, do mesmo jeito que existem diferentes sistemas de comunicação e conversações em níveis interpessoais, há diferentes sistemas de comunicação midiáticos que vão moldar diferencialmente o pensamento social” (Braga, 2016, p. 86).

A comunicação assegura as trocas informais estabelecidas entre os grupos “co-ativos” garantindo a unidade e a identidade, servem de válvula de escape para sentimentos disfóricos suscitados por situações coletivas ansiogênicas ou mal toleradas. O lugar, a posição social que ocupam ou as funções que assumem determinam os conteúdos

representacionais e sua organização, por meio da relação ideológica que mantem com o mundo social.

Partilhar uma condição social produz efeitos sobre o modo de conceber a cultura, o mesmo é válido para a pressão exercida pela ideologia; a partilha social se refere a um mecanismo de determinadas estruturas ligadas às relações sociais, é afirmar um vínculo e uma identidade. Desse modo, Braga (2016, p. 90) compreende que:

Moscovici busca explicitar como os saberes, em nível social, permitem à coletividade processar um dado conhecimento veiculado pela mídia, transformando-o numa propriedade impessoal, pública, que consente a cada indivíduo manuseá-lo e utilizá-lo de forma coerente com os valores e as motivações sociais da coletividade à qual pertence (Braga, 2016, p. 90).

O conhecimento das representações sociais veiculadas pela mídia assume um lugar de importância, tendo em vista que possibilita ter acesso a um conjunto de sentidos e significados que servem de referência para os indivíduos e grupos no seu processo de apreensão da realidade e nas suas práticas sociais.

O público que diariamente tem acesso à essas informações divulgadas pela grande mídia a ressignifica dando novos sentidos individuais e coletivos à essa informação que servirá como pano de fundo para o emergir de uma nova representação social usada por grupos e indivíduos.

Os grandes veículos nacionais de mídia como o Jornal Nacional do sistema Globo de televisão é um belo exemplo de como a mídia articula o pensamento de grande parte da população brasileira. Sua abrangência em rede nacional apresentado no chamado “horário nobre” da programação dá a esse programa um poder de formular ideias, conceitos que acabam fomentando representações sociais que interferem de forma direta e decisiva sobre a vida de milhares de telespectadores.

As informações veiculadas na grande mídia sobre o profissional docente produzem representações sociais que “desqualificam” esse profissional perante a sociedade, mercantilizando o ensino e o professor e o nivelando a lógica de mercado. Nesse sentido, Braga assevera que

Ao colocar o professor as mesmas regras do mercado, retira-lhe o prestígio e por consequência desfavorece o ensino. Se por um lado explica em grande medida o desinteresse pela docência, abrindo a possibilidade desta atividade ser atendida na sua demanda como atividade secundária, o que em outras palavras significa dizer que

também cabe aos profissionais do mercado sem a experiência didática-pedagógica tão necessária a qualidade do ensino, o ingresso na docência (Braga, 2016, p. 150).

Essa profissão, aos olhos da sociedade, é vista de forma pejorativa. Várias são as ofensas recebidas diariamente tanto por alunos, por responsáveis familiares, pelos representantes políticos, pelos próprios colegas e chefes que denigrem e impactam de forma negativa na atividade diária de muitos profissionais docentes. Alguns recorrem até a tratamentos psiquiátricos para suportar as pressões sofridas no ambiente de trabalho. A ampla oferta de conexão as mídias sociais e digitais ampliaram também essa exposição pejorativa desses profissionais em vários meios de comunicação reforçando em proporções maiores essa agressão midiática. Segundo Paschoalino (2009, p. 37),

A imagem de professor que se espera é daquele que terá o desafio de ajudar as pessoas a construírem uma vida digna. O professor sente o peso de uma cobrança, já tradicional na profissão, que traz a expectativa de que o professor seja um agente transformador da sociedade através da educação. O professor sofre por não conseguir vivenciar as expectativas em relação a seu trabalho, associadas às características das dimensões de persuadir, de encantar seu aluno no conhecimento, pela fé no outro e de ter a vocação para a difícil tarefa de ensinar (Paschoalino, 2009, p. 37).

A comunidade tem uma “imagem” distorcida desse profissional, colocando sobre seus ombros a difícil missão de “educar” as novas gerações, se esquecendo que esse mesmo profissional “ensina” e, por meio do ensino, os discentes têm condições de emancipação intelectual, social etc., porém essa mesma emancipação só ocorrerá se o discente se inteirar desse processo o que muitas vezes não tem acontecido. Dessa forma, Silva e Fisher discorrem que,

Além dos baixos salários e dos demais indícios de desvalorização da educação e dos professores no Brasil, outro elemento que ajuda a corroborar nossas observações é o modo como os professores vem sendo representados – em termos públicos e oficiais – ao longo de nossa história. Referimos aqui a imagens e representações da docência que foram e vem sendo disseminadas de modo intencional e sistemático (Silva e Fischer, 2023, p. 277).

A vinculação do trabalho docente as imagens de sacrifício, sacerdócio, amor a profissão, trabalhador operário são utilizadas como forma coercitiva de induzir nos docentes a imagem de que eles são obrigados a receberem baixos salários e a

permanecerem em condições precárias de trabalho devido ao amor incondicional a profissão ao sacrifício de educar as futuras gerações.

Esse discurso foi intencionalmente apropriado pelos gestores do sistema público educacional brasileiro (seja ele na esfera federal, estadual ou municipal) de forma a persuadir essa classe de trabalhadores e assim negligenciar a exploração e as péssimas condições de trabalho que esses profissionais enfrentam diariamente. A mídia tem papel central nesse processo já que essas representações sociais se dissimulam em ampla audiência por meio da comunicação de massas e assim elas circulam socialmente formando nos indivíduos essa imagem do profissional docente que se doa por amor a profissão.

A comunicação de massas e, mais recentemente as formas digitais , alteraram o processo de produção das formas simbólicas da cultura; de onde se pode pensar que os meios de comunicação de massa aceleraram três processos societários: 1) a difusão do conhecimento científico na vida cotidiana, promovendo a variabilidade (e instabilidade) de ângulos, aspectos ou pontos de vista acerca dos fenômenos, bem como a visibilidade de novos fenômenos; 2) a produção de representações pelos coletivos e sua transformação; 3) e a intensificação da reflexibilidade (Giddens, 1990) acerca dos fenômenos sociais, das instituições e das identidades, ou seja, a intensificação dos autoquestionamentos , contribuindo para as crises identitárias (Dubar, 1997) (Braga, 2016 p. 100).

A evolução tecnológica das últimas décadas foi capaz de alterar significativamente a forma como os indivíduos se reconhecem no espaço e a forma de representação da realidade já que a tecnologia proporcionou o surgimento da comunicação de massas e mais recentemente suas formas digitais ampliaram mais ainda a comunicação entre indivíduos em níveis nunca vistos antes. O conhecimento científico divulgado amplamente por meio das mídias, favoreceu a produção em larga escala de representações sociais que levaram os indivíduos á autoquestionamentos o que originou crises identitárias em vários segmentos tanto profissionais quanto pessoais.

O cenário vivido pelos docentes não ficou imune a essas mudanças. Ele também foi profundamente impactado por esse processo de crise identitária. Um profissional que lida diariamente com inúmeros fatores como falta de infraestrutura, relacionamentos desgastantes entre com os órgãos reguladores da educação (secretarias municipais e estaduais de educação), grupos gestores, alunos e seus responsáveis, entre os próprios docentes é um profissional que vive um processo de erosão gradual de sua profissão.

A divulgação de notícias que tratam esse profissional de forma a desvalorizar o seu trabalho se tornou uma constante nos meios de comunicação de massas e tem contribuído para a produção de representações sociais que reforçam essa desvalorização e essas representações circulam na sociedade e entre os grupos de docentes elas chegam até as instituições escolares na fala dos responsáveis pelas crianças ou adolescentes, nas orientações advindas dos órgãos gestores da educação que muitas vezes tendem a silenciar a autonomia desses profissionais no âmbito de seu trabalho.

2.3. A lógica do mercado, desvalorização da escola e do docente.

As mudanças socioeconômicas de cunho neoliberal e privatista, que exercem pressão por mudanças e adaptações no dia a dia docente, têm reverberado de forma negativa em muitos desses trabalhadores.

A aprovação da Base Nacional Comum Curricular em 20 de dezembro de 2017, pelo então Ministro da Educação Mendonça Filho³ (à época), acelerou diversas modificações no ambiente laboral docente estreitando, acentuadamente, sua atuação profissional a níveis de exigência cada vez maiores. Isso, alinhados ao mercado de trabalho e ao setor privado da educação, o qual em nada se equipara com a realidade do aluno da instituição pública. Esse aluno, segundo a nova conjuntura de currículo apresentada pela BNCC, atende explicitamente aos interesses dos grupos educacionais privados do país (mercado milionário com forte poder de *lobby* nas políticas educacionais). Dessa forma, recebem educação tão somente para atender as exigências do mercado de trabalho.

A lógica de mercado, impulsionada por políticas neoliberais, contribui significativamente para a crise de identidade dos professores ao subordinar a educação às demandas do setor privado e às exigências do mercado de trabalho. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada em 2017, reflete essa tendência ao alinhar os currículos escolares aos interesses de grupos educacionais privados, priorizando uma formação voltada para a produtividade e a empregabilidade em detrimento de uma educação crítica e emancipatória. Essa mudança curricular, que não considera as realidades diversas dos alunos da escola pública, impõe aos professores uma adaptação constante a padrões de desempenho e eficiência, muitas vezes incompatíveis com suas

³ Empossado no dia 12 de maio de 2016, e saiu dia 05 de abril de 2018 no governo Michel Temer (31 de agosto 2016 a 1 de janeiro 2019).

condições de trabalho. Como resultado, os docentes se veem pressionados a cumprir metas e avaliações externas, o que fragiliza sua autonomia profissional e reforça uma representação social que os reduz a meros executores de políticas alheias às necessidades reais da educação pública.

Essa lógica mercadológica, aliada às mudanças curriculares, também influencia as representações sociais dos professores, ao reforçar uma visão instrumentalizada de sua profissão. A BNCC, ao priorizar a formação técnica e alinhada ao mercado, desvaloriza o papel do professor como intelectual e mediador de conhecimentos críticos, reforçando a ideia de que sua função é apenas preparar os alunos para o mercado de trabalho. Além disso, a ênfase em avaliações de desempenho e na formação docente em serviço, em detrimento da formação inicial, contribui para a precarização da profissão e para a desvalorização de seu saber especializado. Essas pressões, somadas ao cenário de violência e estresse nas escolas, geram um ambiente de trabalho hostil, que impacta negativamente a identidade e o bem-estar dos professores, reforçando representações sociais que os associam a profissionais despreparados ou pouco valorizados, em um contexto onde a educação é cada vez mais tratada como mercadoria.

O cenário atribuído ao exercício da docência no Brasil tem sido alvo de práticas de violência nos últimos anos, o que tem contribuído também para a instalação de um estado de “terror” dentro das escolas, e isso não deixa de causar um imenso estresse, tanto os alunos quanto os professores, proporcionado assim o aumento de ansiedade na comunidade escolar.

Para Santos (2004), alguns critérios se destacam na formação das Diretrizes do Banco Mundial para a educação, tais como: a elaboração de currículos sintonizados com as demandas do mercado; a centralidade para educação básica com a redução de gastos com o ensino superior; a ênfase na avaliação do ensino no que diz respeito aos produtos da aprendizagem e ao valor custo/benefício; a centralidade na formação docente em serviço, em detrimento da formação inicial; a autonomia das escolas com o maior envolvimento das famílias; o desenvolvimento de políticas compensatórias voltadas para os sujeitos com necessidades especiais e para as minorias culturais.

Essas orientações nos revelam os interesses mercadológicos e capitalistas no setor educacional como a intensificação expressiva do trabalho, pois quando um currículo educacional é organizado para atender expressivamente o mercado de trabalho isso gera serias implicações no fazer docente. Primeiro o professor perde sua autonomia no gerenciamento dos conteúdos a serem ministrados, depois ele passa a exercer sua função

baseado no ensino por competências e habilidades, que estão diretamente ligadas ao mundo do trabalho, e ainda passam a “treinar” seus alunos para a realização dos exames externos, sejam eles nacionais ou internacionais, em que o ranking nacional e internacional deve ser alcançado a todo custo (e isso gera uma pressão tanto interna quanto externa no docente), colocando em segundo plano, ainda que de forma sutil, a aprendizagem propriamente dita do aluno.

Assim, ele perde pouco a pouco o sentido crítico-reflexivo que deve permear a profissão docente, devido a ideia equivocada, que vai sendo semeada no meio docente, de que não há necessidade de uma discussão sobre criticidade/reflexão no saber fazer docente. Ideia essa que contamina ou já contaminou muitos profissionais. A responsabilização individual e isolada dos trabalhadores diante dos resultados obtidos em provas e exames nacionais/internacionais, em provas e exames externos, aliados à cultura do desempenho, revela o processo de desumanização do trabalho docente. Pois dessa forma, não leva em conta os fatores externos que muitas vezes estão ligados às desigualdades socioeconômicas, as quais são empecilhos para que os mesmos possam se sair bem nesses exames e, assim, surge a cruel culpabilidade desses indivíduos tanto professores como alunos pelos desempenhos alcançados.

Palavras como “eficiência” e “eficácia” passaram a fazer parte do cotidiano docente, obrigando os professores a uma aceleração do processo de ensino-aprendizagem que não condiz com a realidade dos discentes. A inserção das TICs no mundo docente, como já dito anteriormente, descortina além da extensão da carga horária laboral dos docentes, o que afeta profundamente o processo de ensino-aprendizagem (devido ao pouco tempo para preparação das aulas que serão ministradas, etc.), produzem uma virtualização do trabalho docente (que chega a tomar várias horas do dia comprometendo sua qualidade de vida) e o acirramento da individualização das relações laborais e sociais dessas pessoas. A esse respeito, Fidalgo compreende que

é necessário investigar como a lógica produtivista, aliada à disseminação das tecnologias digitais, tem reforçado o processo de individualização das relações sociais e laborais, requerendo mudanças sobre a objetividade dos processos de trabalho e de formação e, por conseguinte, sobre a subjetividade dos profissionais da educação. Essas mudanças representam um problema a ser negociado, já que as relações que os professores estabelecem com o saber objetivado da tecnologia, nos procedimentos de controle de seu trabalho e na sua própria subjetividade, são constituídas pelas relações sociais e de trabalho, que são também relações de poder (Fidalgo, 2009, p. 95).

Não é apenas uma nova possibilidade tecnológico-educacionais e muito menos os processos de experimentação, incorporação vividos pelos docentes, mas sim os processos de desenvolvimento da criticidade da reflexão sistematizada do uso desses aparatos tecnológicos e principalmente de entender a quem eles servem e porque eles servem.

Ou seja, o professor se submete a essas pressões e a essa exploração de seu trabalho em detrimento de garantir sua sobrevivência por meio de um salário que muitas vezes não condiz com a realidade, pois é certo que as sucessivas defasagens salariais sofridas pela categoria ao longo de sua carreira, não permite ao docente trabalhar apenas um turno, quer seja na mesma rede de ensino ou em redes diferentes. Ademais, muitos profissionais chegam a acumular até três turnos de trabalho, ou seja, cerca de 90 horas semanais em efetivo exercício de sala de aula. Para Fidalgo,

é nesse plano específico da subjetividade que o trabalho docente tanto como classe que visa sua subsistência no capitalismo quanto como estrato social que também luta pelo reconhecimento e pela legitimação de sua profissionalidade e identidade social, necessita urgentemente de ser tomado como campo de investigação. Não tem sido recorrente estudos que reflitam sobre quem é esse indivíduo que, com todas as transformações em curso no seu ambiente de trabalho, transfere para o próprio lar grande parte das responsabilidades, incumbências inadiáveis, prazos inexoráveis, avaliações decisivas, enfim, demandas imprescindíveis que alteram seu estilo de vida, sua forma de pensar, de intervir ou participar do cotidiano extra-laboral (associações, grupos comunitários, igreja, amigos, trabalhos solidários, qualquer coisa realmente fora dos muros reais e virtuais das instituições de ensino). E, por falar nisso, a família como vai? (Fidalgo, 2009, p. 99).

Não raras vezes os professores são obrigados a desempenhar funções que estão além de sua formação intelectual como psicólogos, agentes de saúde, enfermeiros, assistentes sociais dentre outros, o que acaba ocasionando uma sobrecarga emocional grande, perda de identidade profissional, colocando o ensino em segundo plano. No pós-pandemia isso fica evidente, devido ao surgimento de inúmeros problemas emocionais entre os discentes que obrigaram professores e comunidade escolar a organizarem ações de combate ao suicídio, a ansiedade dentre outros problemas de ordem emocional apresentados entre os estudantes.

O trabalho docente assume importância na transformação social e se torna altamente necessário na sociedade do conhecimento, sendo seu lócus a escola, fazendo dela um espaço “privilegiado”, ao mesmo tempo que se torna “alvo” do setor privado que quer assim explorar e intensificar o trabalho docente em prol de seu próprio benefício.

Disseminando ideias de alta produtividade, excelência em resultados, ambientando cada vez mais o espaço educacional com as ideias neoliberais de empresas do setor privado. Fidalgo (2009, p. 102) compreende que, nesse contexto,

a docência assume um papel central, pois sua atividade se volta principalmente para a produção de conhecimento de forma especializada. Identificam-se novas linguagens, novos símbolos, códigos e instrumentos que passam a medir a atividade docente, contudo, sem descaracterizá-la como trabalho e como parte estruturante das sociedades atuais que embora recebam novos nomes (sociedade da informação, sociedade do conhecimento, sociedade digital, sociedade cognitiva) e apresentem importantes reconfigurações ainda permanecem pautadas na divisão social do trabalho, ou seja, perpetua-se a espécie denominada por Antunes (1998) de “classe-que-vive-do-trabalho” (Fidalgo, 2009, p. 102).

Nesse sentido, por mais que se criem rótulos para a docência, com o desenvolvimento de tecnologias ou outros aparatos que se inserem nesse contexto, ela não perde seu espaço de produção de conhecimento. E desse modo, cada vez mais, se mostra “necessária” no sentido de ser caracterizada como trabalho, importante na sociedade do desempenho, apropriada como forma de sustento dessa classe de trabalhadores e como força produtiva que vem sofrendo sucessivas modificações. Atendendo as nuances de transformações proporcionadas pelo capitalismo que ganham novos contornos para atenderem as necessidades mercadológicas e que no mundo pautado na aceleração do tempo, tempo esse que também é tido como tempo-espaço do trabalho, à docência permanece sendo algo de relevada importância nesse cenário.

O docente do século XXI na sociedade do desempenho tem em si a premissa de liberdade, liberdade a essas modificações, a introdução do apelo ao consumo passa a pautar as relações entre indivíduos e a moldar padrões de comportamento e essa lógica também passa a ser percebida dentro das salas de aula. Conforme Silva e Fischer,

Cada vez menos então, se fala em cidadão ou em cidadania, mas cada vez mais em consumo e consumidores. Da mesma forma como o consumidor pode escolher o produto de acordo com o tamanho, modelo e formato que preferir, parece que as relações nas salas de aula estão sendo submetidas ao mesmo padrão de tratamento, haja vista que se a aula, a escola e o professor não forem exatamente como os alunos (e até suas famílias) desejam- customizados-, surgem logo protestos e palavras de ordem que, calçadas na lógica do consumidor como parecem estar, só falta dizer: ‘Não foi esse professor – produto - que eu encomendei! Eu tenho direito de reclamar e trocar’ (Silva e Fischer, 2023, p. 281).

Ou seja, o docente passa a ser visto como “mercadoria” que inserida no mercado de consumo pode ser facilmente trocada se não condizer com as vontades impostas pelo mercado, alunos, famílias, diretores escolares, gestores dos sistemas de ensino a que estão submetidos, políticos e a própria sociedade. Todo esse cenário, contribui pejorativamente para a construção de uma imagem que destitui do docente o prestígio, a valorização, e em alguns casos até a vontade de persistir nesse ofício. Historicamente falando tem se notado um decréscimo no decorrer dos anos de novos profissionais docentes inseridos no mercado de trabalho o que tem de certa forma preocupado os gestores escolares devido a um déficit de profissionais que vem sendo discutido em âmbitos educacionais e um dos indícios dessa redução é o fato do desprestígio da desvalorização enfrentada pelos docentes, isso tem afastado a inserção de novos profissionais nessa área.

As múltiplas e reiteradas reformas educacionais, que nas últimas quatro décadas tem varrido os sistemas de ensino por todo mundo, não conseguiram traduzir -se em resposta pertinente aos problemas que vem afetando os sistemas escolares de forma recorrente e intensa. O sentimento generalizado e por vezes difuso de insatisfação que foi se instalando a partir do final da década de 1960, designado como uma “crise mundial da educação” deve, fundamentalmente ser lido como uma crise da escola. No epicentro desta crise estão naturalmente, os professores, que durante esse período viram abalados alguns dos fundamentos de sua identidade profissional (Canario, 2006, p. 11).

Ao longo das últimas décadas, houve muitas tentativas incessantes de reformar os sistemas educacionais em todo o mundo. No entanto, essas tentativas não conseguiram resolver os problemas persistentes que as escolas enfrentam. Ao longo desse período, ocorreu uma sensação generalizada e difusa de descontentamento, que foi chamada de uma "crise mundial da educação", principalmente a partir do final da década de 1960. A interpretação é que essa crise envolve principalmente a escola e não apenas o sistema educacional. Como parte importante do sistema educacional, os professores estão no centro desse cenário agitado. Ao longo desse tempo, eles viram alguns dos pilares de sua identidade profissional sendo abalados.

A compreensão desse ponto de vista requer compreender que, embora muitas vezes, as reformas educacionais não buscam resolver os problemas fundamentais que afetam as escolas. Em vez disso, a persistência dos problemas indica que uma crise reside na estrutura e operação das instituições escolares. Isso engloba questões mais amplas, como a cultura escolar, a gestão educacional e as condições de trabalho dos professores,

bem como problemas relacionados ao currículo e aos métodos de ensino. Assim, uma crise da educação deve ser vista como uma crise sistêmica que requer uma análise profunda e uma abordagem global para resolver. Para resolver isso, é importante valorizar e apoiar os professores, que são os principais agentes de transformação dentro das escolas.

Ao aumentar a escolarização, as pessoas se tornam mais conscientes dos problemas sociais e ambientais que surgem. Muitos desses problemas são verdadeiros dilemas civilizacionais e podem resultar em um impasse no desenvolvimento. Ainda existe um desequilíbrio significativo entre o progresso científico e tecnológico e a imaturidade social e política. Tal imaturidade reflete a incapacidade de lidar com as consequências do avanço. Este descompasso fica mais evidente à medida que as sociedades enfrentam problemas cada vez mais complexos sociais e ambientais, que se tornam verdadeiros impasses civilizacionais.

Pede-se à educação, entendida em um sentido amplo como um processo de conhecer e intervir no mundo, uma contribuição decisiva para que possamos encontrar uma ‘saída’ para as questões de civilização que nos atingem. A resposta a este tipo de desafio implica concepções e práticas educativas que valorizem uma função crítica e emancipatória que permita compreender o passado, problematizar o futuro e intervir de modo transformador e lúcido no presente (Canario, 2006, p. 12).

Ao ser vista como um processo de compreensão e intervenção no mundo, a educação é fundamental na busca de soluções para os problemas civilizacionais que enfrentamos. Uma abordagem educativa que enfatize uma função crítica e emancipatória é necessária para lidar com esse tipo de desafio. Tais abordagens capacitam as pessoas a pensar no passado, refletir sobre o futuro e agir de maneira transformadora e esclarecida no presente.

Logo, essa perspectiva enfatiza a importância da educação como uma ferramenta vital para capacitar as pessoas a enfrentar os desafios complexos da sociedade moderna. Uma educação que fomente o pensamento crítico e a emancipação pode ajudá-los a melhorar não apenas sua compreensão do mundo, mas também a contribuir para a construção de um futuro mais justo e sustentável. Assim, a educação não é apenas um meio de transmitir conhecimento, mas sim uma força vital na busca por soluções para os problemas urgentes que enfrentamos como sociedade

A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar de Michael Foucault, mas uma sociedade de desempenho. Também seus

habitantes não se chamam mais “sujeitos da obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos. Nesse sentido, aqueles muros das instituições disciplinares, que delimitam os espaços entre o normal e o anormal, se tornaram arcaicos (Han, 2015, p. 23-24).

O docente do século XXI na sociedade do desempenho tem em si a premissa de liberdade, liberdade essa que está longe de ter o real significado dessa palavra. O que acontece na verdade é uma escravização encoberta de “liberdade” do trabalhador, que imagina ser livre e, no entanto, não percebe as amarras do sistema concebidas pela “positividade” e pelo “desempenho”. O que os ilude, dizendo que tudo é possível, maximizando assim a produção em níveis cada vez mais elevados, tendo a tecnologia feito com que o trabalho ultrapassasse os muros das instituições escolares, alimentando plataformas, corrigindo provas, preenchendo diários, planejando aulas a serem ministradas, produzindo assim, pessoas cada vez mais doentes psicologicamente. O sujeito do desempenho é um trabalhador rápido, de alta iniciativa pessoal, mas depressivo, fracassado. Segundo assevera Han (2025, p. 25):

A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados. A mudança de paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade de desempenho aponta para a continuidade de um nível. Já habita, naturalmente, o inconsciente social, o desejo de maximizar a produção. O sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência (Han, 2015, p. 25).

A pressão por uma positividade excessiva, aliada à ideia de que é preciso ser constantemente "capaz", "produtivo" e "empreendedor", leva os indivíduos a sobrecarregarem-se com trabalho e metas inalcançáveis, resultando em patologias psicológicas e neurais. Ao internalizarem essas expectativas, tornam-se vítimas de si mesmos, adoecendo na busca incessante por desempenho e motivação, o que os transforma em "empresários de si" frustrados e exaustos.

A violência neuronal, característica do século XXI, surge do excesso de positividade e da sobrecarga de estímulos sensoriais, como sons e imagens, que impedem uma contemplação mais profunda e autêntica do ser humano. Essa dinâmica gera uma atenção superficial e difusa, além de infartos psíquicos, contribuindo para o surgimento de doenças como estresse, depressão e síndromes diversas. O tédio profundo, essencial para o descanso da alma e o processo criativo, torna-se crucial em meio a essa hiperpositividade, que exige produtividade constante e motivação ininterrupta. O cansaço

coletivo, vivenciado de forma solitária, reflete o esgotamento gerado por essa pressão incessante.

O homem depressivo é aquele animal laborans que explora a si mesmo e, quiçá deliberadamente, sem qualquer coação estranha. É agressor e vítima ao mesmo tempo. O si-mesmo em sentido enfático é ainda uma categoria imunológica. Mas a depressão se esquia de todo e qualquer esquema imunológico. Ela irrompe no momento em que o sujeito de desempenho não pode mais poder. Ela é de princípio um cansaço de fazer e de poder. A lamúria do indivíduo depressivo de que nada é possível só se torna possível numa sociedade que crê que nada é impossível. Não-mais-poder-poder leva a uma autoacusação destrutiva e a uma autoagressão. O sujeito de desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo. O depressivo é o inválido dessa guerra internalizada. A depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade (Han, 2015, p. 28-29).

O sujeito da sociedade de desempenho já incorporou a ideia de ser empreendedor de si mesmo, ele acredita que só se alcançará a “felicidade” alcançando metas traçadas em várias áreas da vida, mas não percebe que por traz disso ele é explorador de si mesmo. Essa tirania de querer ser o mais feliz, o mais bem sucedido o melhor em tudo e que tem como aliada o aparato tecnológico (smartphones, redes sociais, etc.), é decisiva para o sentimento de autocobrança que está na raiz do surgimento das chamadas doenças neurais como a depressão, síndrome do pânico dentre outras. Essas ideias vem sendo aos poucos incorporadas no trabalho docente sustentadas pela competição que se cria no ambiente educacional, gerando um aceleração do trabalho que tem como aliado modernas tecnologias de vigilância e monitoramento do trabalho docente (Plataformas Digitais, Diários Online, etc.) proporcionados, principalmente, pelo uso de smartphones que na verdade são verdadeiros instrumentos de coerção do uso do tempo e não temos como “escapar” deles, devido a ideia de “prazer” ao se expor que é livremente vendida no capitalismo digital.

Han (2015) discute a figura do sujeito de desempenho na sociedade contemporânea, argumentando que, embora aparentemente livre de coerções externas, ele se torna simultaneamente explorador e explorado de si mesmo. Ao substituir a obediência a instâncias externas por uma autoexigência ilimitada, esse sujeito experimenta uma “liberdade paradoxal” que se converte em violência, manifestando-se em patologias psíquicas. O autor enfatiza que a autoexploração, por ser revestida de uma sensação de autonomia, revela-se mais eficaz e destrutiva do que formas tradicionais de dominação, pois dissolve a distinção entre agressor e vítima.

O fato do indivíduo ser chamado a todo momento a uma nova atividade o leva à hiperatividade, o que ocasiona exaustão, cansaço crônico, que atinge o âmago de sua essência. A sociedade do cansaço é também uma sociedade de indivíduos isolados que, para se afirmarem, muitas vezes destroem os outros ficando sozinhos, isolados, cansados para serem únicos e afirmados, ou seja, nega-se para afirmar-se. O sujeito dessa sociedade de desempenho utiliza da liberdade e da coerção para maximizar o desempenho que nada mais é do que a auto exploração, o que gera pessoas cansadas devido a pressão de ser multitarefas.

2.4. Objeto Temático

As estratégias utilizadas pelo poder econômico encontram na mídia um aparato fundamental para a manutenção de seus interesses. No caso brasileiro, os discursos oficiais sobre a docência ambientam uma ideia de “amor à profissão” que é idealizada como “missão”, um “sacrifício louvável”, disposto a tudo, ao “herói” a quem cabe suportar tudo. Ao professor cabe, ainda segundo os discursos mais convencionais da mídia, a responsabilidade quanto aos rumos do país. No entanto, a ala mais fiel aos anseios do neoliberalismo, representada pela ascensão da extrema direita, reforça a opinião de que o professor é, no fundo, um servidor público que trabalha pouco, além de promover o “marxismo cultural” como forma de subverter os valores cristãos do conservadorismo tradicionalista.

Sobre tal expressão, “marxismo cultural”, no contexto brasileiro, é empregada de forma pejorativa para criticar professores e educadores, acusando-os de doutrinar alunos com perspectivas críticas sobre questões de gênero, raça, classe e outras pautas progressistas, vistas como uma ameaça aos valores cristãos e ao conservadorismo tradicional. Essa narrativa, amplamente difundida pela mídia e por grupos alinhados ao neoliberalismo, busca deslegitimar o trabalho docente, associando-o a uma agenda ideológica que supostamente corrompe a moral e os costumes da sociedade. No entanto, o conceito de “marxismo cultural” é mais uma estratégia discursiva do que uma teoria consolidada, servindo como ferramenta política para desacreditar movimentos sociais e justificar a precarização da educação pública. Essa expressão é mobilizada por setores alinhados ao neoliberalismo e à extrema direita para acusar professores de “doutrinar” alunos com pautas progressistas, como questões de gênero, raça e classe, apresentando tais perspectivas como uma ameaça aos valores cristãos e ao conservadorismo tradicional.

Ao articular medo e desconfiança, o discurso sobre o “marxismo cultural” legitima a crítica moral à docência e reforça narrativas sobre o professor como um agente potencialmente subversivo, enquanto simultaneamente naturaliza sua exploração e a precarização da educação pública. Assim, o conceito atua como ferramenta retórica e política, permitindo que interesses econômicos e ideológicos sejam reproduzidos pela mídia e pelos discursos oficiais, consolidando uma visão de que a docência deve ser heroica e sacrificial, mas sempre sob a vigilância de um regime moral e social conservador

Oliveira (2018, p. 77), em uma análise que se aproxima à desta pesquisa, investiga a imagem do(a) professor(a) no discurso midiático, e afirma que:

Em muitas situações, os problemas da educação são associados aos/as professores/as, seja pela sua formação, atuação, desempenho ou reivindicações. Essas informações têm gerado novas representações que enfraquecem a categoria, através de discursos que desqualificam o/a professor/a ou reduzem a importância do seu papel no processo de ensino-aprendizagem (Oliveira, 2018, p. 77).

A vinculação do trabalho docente às representações de sacrifício, sacerdócio, amor a profissão, trabalhador operário são utilizadas como formas coercitivas a induzir nos docentes a imagem de que eles são obrigados a receberem baixos salários, e a permanecerem em condições precárias de trabalho devido ao amor incondicional à profissão, ao sacrifício de educar as futuras gerações.

Esse discurso foi intencionalmente apropriado pelos gestores do sistema público educacional brasileiro (seja ele na esfera federal, estadual ou municipal) de forma a persuadir essa classe de trabalhadores e assim negligenciar a exploração e as péssimas condições de trabalho que esses profissionais enfrentam diariamente. A mídia tem papel central nesse processo, já que essas representações sociais se dissimulam em ampla audiência por meio da comunicação de massas e, assim, elas circulam socialmente formando nos indivíduos essa imagem do profissional docente que se doa por amor à profissão.

Sobre essa temática temos uma vasta gama de pesquisas. Em sua dissertação de mestrado, Correia (2019) investigou as representações construídas sobre os docentes durante as manifestações no estado do Paraná em 2015. Ou ainda, a desvalorização do papel docente no Brasil desde sempre tem sido uma realidade que precisa ser discutida, a intensificação com a política pós-ditadura, na presidência de Fernando Collor de Mello

em 1990, abriu o mercado brasileiro para o capital estrangeiro dando margens para o início da chamada Reforma do Estado Brasileiro.

Assim, foram criados programas de privatização de vários setores do governo, como saúde e educação, absorvendo ideias neoliberais do enxugamento de programas sociais, principalmente nas áreas citadas acima. O que vai interferir diretamente no trabalho do profissional docente.

Essas interferências refletem um impacto negativo na atividade docente, pois concorre para precariedade do trabalho do professor. Salários vinculados à carga horária de trabalho ministrada e a falta de uma infraestrutura adequada são alguns dos fatores que incidem no adoecimento laboral docente.

Na política neoliberal a escola pública é vista como “empresa privada”, que possui uma imagem criada pelo próprio neoliberalismo para dizer que ela não condiz com o que se propõe a fazer, dessa forma se torna presa fácil para privatização. Em seu livro, *A Escola não é uma empresa*, Christian Laval (2019) diz que: “A escola neoliberal designa um certo modelo escolar que considera a educação como um bem essencialmente privado e cujo valor é, antes de tudo econômico” (p. 6), e ainda, que “não é a sociedade que garante a todos os seus membros um direito à cultura, são os indivíduos que devem capitalizar recursos privados cujo rendimento futuro será garantido pela sociedade” (p. 7). Ou seja, dentro da ideologia neoliberal não é o Estado quem garante as camadas populares o acesso “democrático” a serviços ‘essenciais’ como saúde, educação etc. E sim os próprios cidadãos é quem tem que garantir seu acesso “privado” a esses bens e serviços.

2.5. Natureza do Estudo

Nesta pesquisa utilizamos de metodologia também qualitativa, pois o trabalho não avalia apenas dados estatísticos, mas analisa também a qualidade do exercício docente, buscando assim uma profunda reflexão sobre o profissional da educação. A análise documental é que baseia a coleta de dados.

André Cellard (2008) relata que o documento permite acrescentar a dimensão do tempo, a compreensão do social. Para Cellard (2008, p. 296),

De fato, tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou ‘fonte’, como é mais

comum dizer atualmente. Pode tratar-se de textos escritos, mas também de documentos de natureza iconográfica e cinematográfica, ou de qualquer outro tipo de testemunho registrado, objetos do cotidiano, elementos folclóricos etc. (Cellard, 2008, p. 296).

Desse modo, essa escolha demonstra-se pertinente ao considerar que um dos principais estudos seria a Representação Social, cujo objeto de estudo é a interpretação da realidade para agir em relação a ela, uma vez que a representação toma o lugar do objeto social a que se refere e transforma-se em realidade para os atores sociais.

Com a análise das reportagens, objetiva-se relacionar a imagem criada pela mídia sobre os professores às teorias estudadas no decorrer desta pesquisa. Diante desse quadro, o uso da teoria das representações sociais se tornou viável para o estudo de como os professores percebem sua profissão, por meio das reportagens veiculadas no meio de comunicação citado e de como eles concebem as situações que podem levá-los a exaustão.

Tal abordagem qualitativa, teórica e documental tem sido utilizada para explorar as representações sociais dos professores na mídia contemporânea no contexto da sociedade do cansaço, considerando a realização da revisão de literatura sobre representações sociais, mídia, professores. Isso incluiu obras de teóricos como Byung-Chul Han (2015), Pierre Bourdieu (1989, 1997, 2008), Marilena Chaui (2006), Walter Lippmann (2008), Rui Canario (2006), além de outros estudiosos relevantes nos campos da sociologia, comunicação e educação. A revisão de literatura forneceu uma compreensão aprofundada dos conceitos-chave, teorias e debates relacionados ao tema da pesquisa.

Com base na revisão de literatura, foi desenvolvido um quadro teórico para orientar a análise e discussão dos dados. Esse quadro teórico aborda conceitos fundamentais, como representações sociais, intensificação do trabalho docente, neoliberalismo na educação, identidade profissional e poder da mídia. O quadro teórico serviu como base para a compreensão das relações complexas entre as representações dos professores na mídia e as dinâmicas sociais contemporâneas.

A partir dessa revisão, foi construído um quadro teórico que integra conceitos-chave, como representações sociais, intensificação do trabalho, neoliberalismo na educação e o papel da mídia na formação de imaginários coletivos. Esse arcabouço teórico não apenas orientou a análise dos dados, mas também permitiu estabelecer conexões entre as representações midiáticas dos professores e as transformações sociais e políticas que impactam sua identidade e condições de trabalho.

É preciso dizer que em uma pesquisa, bem como na revisão da escrita de uma dissertação de mestrado acadêmico, o estudante opta por uma série de abordagens possíveis, as quais ele acredita serem as melhores para discutir seu *corpus* de estudo. No entanto, ao final da escrita, a sensação de que o caminho percorrido é aquele que melhor possibilita investigar seu objeto. Contudo, o caminho inicial revela alternativas ilimitadas, sugerindo muitas outras possibilidades significativas de observar e interpretar os objetos de pesquisa que não foram considerados nesta pesquisa.

2.6. Objeto midiático

Com foco no discurso da mídia e como ela aborda o tema educacional, faz-se pertinente o conhecimento sobre o jornal que é utilizado como fonte de pesquisa. Conforme citado anteriormente, os textos analisados foram extraídos do jornal *Folha de São Paulo* da série de reportagens intitulada *Missão Professor* que reúne cerca de dez reportagens que foram publicadas no mês de maio do ano de dois mil e vinte três. Apresentamos abaixo, os motivos pelos quais o jornal foi escolhido para compor a base de dados da pesquisa.

Inicialmente, pela abrangência nacional de circulação do jornal *Folha de São Paulo*, seu conteúdo é disponibilizado em formato impresso e digital. Uma vez considerada a versão digital, vale ressaltar que ela se encontra entre na frente da audiência que em 2023 mostra que a média mensal de PVs (páginas vistas), que refletem quanto de conteúdo foi consumido pelos leitores, ficou em 129,6 milhões, ainda segundo o IVC (Instituto Verificador de Comunicação).

A escolha do jornal *Folha de São Paulo* como *corpus* para a análise das representações sociais dos professores na mídia justifica-se pela sua abrangência nacional e influência no cenário midiático brasileiro, fatores que o tornam um veículo relevante para compreender como o discurso sobre a educação é construído e disseminado. A série de reportagens *Missão Professor*, publicada em maio de 2023, compõe um conjunto de textos que abordam de forma aprofundada as condições e desafios da docência, oferecendo um material rico para investigar as representações sociais atribuídas aos professores. Além disso, a versão digital do jornal, que registrou uma média mensal de 129,6 milhões de páginas vistas em 2023, conforme dados do IVC (Instituto Verificador de Comunicação), evidencia o amplo alcance e impacto dessas narrativas junto ao público

Dessa forma, a análise desse *corpus* não apenas atende aos objetivos da pesquisa, que buscam compreender como a mídia retrata a docência e influencia a percepção pública sobre a profissão, mas também permite explorar as relações entre discurso midiático, poder simbólico e as dinâmicas sociais que afetam a identidade e o trabalho dos professores. Assim, a mídia constrói representações sociais sobre os docentes a partir de mecanismos que reforçam estereótipos, narrativas hegemônicas e imagens simbólicas que servem a interesses econômicos e políticos. Professores são frequentemente retratados como “heróis”, “missionários” ou, ao contrário, como profissionais desmotivados e despreparados, o que contribui tanto para sua admiração quanto para sua desvalorização. Esse processo ocorre pela seleção e enquadramento das notícias, que privilegiam determinadas informações em detrimento de outras, criando um *pseudoambiente* (Lippmann, 2008) que molda a percepção pública sobre a docência.

Se acumuladas, as visualizações de janeiro a dezembro do mesmo ano passam de 1,5 bilhão. Em relação aos UVs (usuários únicos), a média mensal de 2023 ficou em 21 milhões. Outro fator relevante é uma maior credibilidade junto à população nacional. Como critério determinante ressaltamos que a Folha de São Paulo exerce uma grande influência no cenário político e social do país.

Segundo dados do site do jornal, a folha é a maior empresa jornalística do Brasil em assinantes pagantes. Segundo dados do IVC (Instituto Verificador de Comunicação), o jornal fechou 2023 com 797 mil exemplares diários pagos. Ao olhar apenas para assinantes digitais, a folha também ocupa a primeira posição com 755,5 mil assinantes.

Como já explanado, a *Folha de São Paulo* teve sua origem em 1921, com a fundação da Folha da Noite, consolidando-se como um dos principais jornais do Brasil após a fusão de suas edições matutina, vespertina e noturna em 1960. Sob o controle de Octavio Frias de Oliveira a partir de 1962, o veículo tornou-se pioneiro em inovações tecnológicas, como a impressão offset em cores (1967), a fotocomposição eletrônica (1971) e a redação informatizada (1983). Além disso, destacou-se por sua postura editorial crítica e pluralista, formalizada em projetos editoriais que enfatizam a precisão da informação, a diversidade de opiniões e a independência.

Ao longo de suas décadas de existência, o jornal expandiu sua atuação com iniciativas como o portal UOL (1996), o Valor Econômico (2000, em parceria com o Grupo Globo) e a integração entre plataformas impressas e digitais (2010). Seu manual de redação, revisado periodicamente, reflete a evolução das demandas jornalísticas, abordando desde ética profissional até o combate à desinformação. Com o slogan "o

jornal mais influente do Brasil", a Folha sustenta sua relevância baseada em pluralismo, apartidarismo e jornalismo crítico, posicionando-se como um mediador de informações de interesse público, adaptado às transformações tecnológicas e sociais, marco reafirmado em seu centenário (2021).

2.7. Caracterização do objeto

São vários os gêneros que compõem a edição diária de um jornal, a citar temos os estudos de Melo (2003), Melo e Assis (2016) e Franceschini (2004), que afirmam existir duas categorias jornalísticas: jornalismo opinativo e o informativo. Sendo assim, é possível verificar a existência da informação (sobre um acontecimento) e a opinião (o entendimento sobre o acontecimento noticiado). Melo e Assis (2016, p.41) dizem que “as mensagens jornalísticas devem ser compreendidas a partir de sua subdivisão em dois estágios complementares, os gêneros e os formatos a eles submetidos”. Outras categorias menores são defendidas por outros autores como o jornalismo de entretenimento, investigativo, interpretativo etc. Melo (2003 *apud* Oliveira, 2018, p. 68) aponta dentro das duas grandes categorias, Informativa e Opinativa, a seguinte divisão:

1 Jornalismo Informativo	2 Jornalismo Opinativo
1. Nota	1. Editorial
2. Notícia	2. Comentário
3. Reportagem	3 Artigo
4. Entrevista	4 Resenha
	5 Coluna
	6. Crônica
	7. Caricatura
	8. Carta

Tabela 1 - Elaborado pela autora (2025)

Para efeito de investigação, nesse estudo a análise recai sobre o jornalismo informativo, no qual encontramos reportagens e notícias que estão presentes na série de

reportagens *Missão Professor*, publicada pela Folha de São Paulo que é alvo de averiguação dessa pesquisa.

Para Francischini (2004, p. 147),

O que chama a atenção da maioria do público, acreditam os jornalistas, o que vende jornal, é a novidade anunciada pela notícia, é a revelação feita pela reportagem. [...] É a respeito de notícias e reportagens que os leitores costumam se manifestar, a favor ou contra, em telefonemas e cartas à redação (Francischini, 2004, p. 147).

Os sistemas de comunicação mídia televisiva ou impressa possuem relações de contato com as mais variadas instituições sociais que geram os mais variados acontecimentos que serão noticiados por vários meios de comunicação sejam eles impressos ou digitais e que vai atender a grande diversidade de público, facilitando assim a captação das notícias que são publicadas diariamente. As notícias se mantêm na urgência da publicação, na urgência de consumo imediato de acontecimentos pelo grande público.

Diferente da notícia, a reportagem é produzida após o levantamento de dados sobre um assunto que se deseja publicar, ou seja, após o noticiar de um determinado assunto, após passar o imediatismo sobre o referido assunto, tem-se elementos necessários para a publicação de uma reportagem.

E isso exige um planejamento de ações como a maneira como o assunto será publicado, o tempo gasto para construção do texto dentre outros, e tudo isso necessita de dados levantados. Além disso, é pensado também no público que irá consumir essa reportagem, qual veículo irá produzi-la, a qual classe social que essa reportagem interessa? Deve-se em consideração que a linguagem utilizada na composição das reportagens é uma linguagem mais acessível, mais livre, de melhor entendimento para o público.

Segundo Lage (1999), a reportagem adquire características da notícia devido à crescente importância desta última, resultando na edição da reportagem seguindo os mesmos processos de produção e diagramação idêntica à da notícia. Ao analisar textos jornalísticos que se enquadram nesses gêneros, esperamos mostrar que o jornal funciona como um mecanismo social e de linguagem.

Considerando as condições de produção dos textos jornalísticos, é essencial reconhecer que o jornal serve como um instrumento ao qual o cidadão recorre para

entender uma realidade que se tornou extensa demais para ser captada pelos sentidos individuais (Melo, 2003). Portanto, há uma responsabilidade sobre o conteúdo publicado, incluindo as representações sociais dos professores na contemporaneidade, que é nosso principal foco de análise.

2.8. Constituição do *corpus*

O Método de abordagem desta pesquisa por ser o qualitativo, não avalia apenas dados midiáticos, mas analisa e interpreta fenômenos a partir de dados teóricos quando em interação com o objeto estudado, buscando assim a reflexão sobre o papel docente na contemporaneidade. Para tal metodologia, a análise documental se apresenta como a correta opção para esta pesquisa.

Como qualquer outro meio de comunicação, o jornal não é imparcial. Além disso, a leitura de um jornal é uma prática social coletiva, não apenas individual. Nesse contexto, o jornal oferece um terreno fértil para análises e interpretações que revelam sua linha editorial. Considerando a trajetória histórica do jornal, acreditamos que ele é uma excelente fonte de pesquisa sobre a disseminação de representações sociais. Assim, o objetivo desta pesquisa é analisar textos publicados no jornal mencionado, para refletir sobre as representações sociais dos docentes nele presentes.

Para isso, durante a coleta de dados, procuramos textos específicos, escritos e publicados na versão digital da Folha de São Paulo. Esses textos precisaram atender a dois critérios: o recorte temático e o recorte temporal. O recorte temático abrange textos sobre desempenho e cotidiano docente, especialmente a respeito da sobrecarga de trabalho dos professores na contemporaneidade. O recorte temporal limita-se às edições publicadas entre abril e maio de 2023, período marcado por um aumento de notícias sobre ataques violentos às escolas em todo o país. A partir desse momento, os debates sobre a violência nas escolas se intensificaram, aumentando a demanda por publicações.

É importante destacar que o jornal aborda temas gerais e de atualidades, e a educação não foi pauta em todas as edições. Os textos que compõem o *corpus* foram extraídos da seção Cotidiano, especificamente da subseção Educação, e dentro dela, da seção Especiais, onde se encontra a série de reportagens "Missão Professor", foco desta pesquisa.

Após a coleta, os textos foram selecionados com base no critério principal de menções (diretas ou indiretas) a professores. Após uma catalogação preliminar, o *corpus*

foi formado por recortes de discursos representativos dos autores e publicados pelo jornal. Com todos os documentos representativos do segmento analisado, o discurso midiático, o próximo passo é analisar os trechos e/ou falas selecionados que se mostraram mais relevantes para a investigação.

Entretanto, é preciso a organização de uma série de categorias que descrevam, classifiquem os dados obtidos e selecionados. Justificam-se as escolhas teóricas, ao utilizarmos a teoria proposta pelas representações sociais, o que está alinhado com as ideias de Lüdke e André (1986), que argumentam que nesta etapa a análise não deve se restringir ao que está explicitamente presente no material, mas deve buscar profundidade, revelando, assim, mensagens implícitas, dimensões contraditórias e temas sistematicamente ignorados. As categorias utilizadas na análise serão detalhadas a seguir.

Fizemos um recorte temporal específico para esta pesquisa, de abril/23 a maio/23. A decisão é fundamentada pelos motivos a seguir: o período em que houve relatos de ataques violentos graves em escolas, principalmente em abril. A mídia continuou a investigar o assunto nos meses seguintes devido à sua natureza complexa e controversa.

O conjunto de dados é composto por 10 textos, os quais abordam os temas de baixa remuneração, infraestrutura precária, violência escolar, sobrecarga de trabalho e educação em geral. A escolha dos textos seguiu um recorte temático específico e um critério de inclusão que exigia que os textos abordassem ambos os temas simultaneamente. Vale ressaltar que, embora outros textos tenham sido publicados ao longo do período de investigação da pesquisa, eles não fazem parte do conjunto de dados, mas podem ser mencionados conforme necessário para análise.

2.9. Categorias de análise

Para fundamentarmos a análise de dados desta pesquisa, optou-se pela Teoria das Representações Sociais, como bem discutida por Serge Moscovici (2015), uma vez que o autor se detém em discussões que estudam o comportamento da sociedade frente às representações que o cercam no meio social e profissional. Na teoria das representações sociais, estudamos os seres humanos e suas representações no mundo, seus pensamentos, seus comportamentos diante das situações cotidianas.

A linguagem é fundamental nesse processo, pois sem ela não existem tais representações. Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Segundo Moscovici (2015, p. 41),

representações não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem, e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas morrem (Moscovici, 2015, p. 41).

Elas surgem das interações humanas que acontecem na vida social, nos bares, escritórios, supermercados, ou seja, nos locais que favoreçam essas interações sociais. São os acontecimentos sociais. As funções exercidas pelas representações sociais são: convencionalizar os objetos, pessoas ou acontecimentos; e, serem prescritivas.

Segundo Moscovici (2015), a tarefa principal da psicologia social é estudar as representações sociais, suas propriedades, suas origens e seus impactos na sociedade. Nenhuma outra disciplina está melhor equipada para se dedicar à essa tarefa, e é por essa importância dada a teoria que o autor nomeia de “era das representações sociais”, dizendo que quanto menos pensamos nelas, quanto menos conscientes estamos delas, maior é a sua influência em nossas vidas e no meio social. Diante da teoria das representações sociais, o autor reúne os elementos necessários para o estudo de como os meios de comunicação, entendem, percebem e criam imagens sobre a carreira docente e como eles influenciam o imaginário coletivo negativamente com ideias duvidosas sobre o exercício da docência.

As análises das reportagens têm como intenção relacionar a imagem criada pela mídia sobre os professores às teorias estudadas no decorrer desta pesquisa. Diante desse quadro, o uso da teoria das representações sociais se torna viável para o estudo de como os professores percebem sua profissão, por meio das reportagens veiculadas nos meios de comunicação citados e de como eles concebem as situações que podem levá-los a exaustão.

Além, disso, tais análises buscam utilizar principalmente a teoria das representações sociais para compreender como esses profissionais percebem sua própria carreira a partir das narrativas veiculadas na mídia, bem como os fatores que podem levá-los ao esgotamento. A identidade docente, por sua vez, é construída por meio da práxis pedagógica, que se fortalece na interação com os alunos e no compartilhamento de experiências entre colegas, consolidando uma vivência coletiva. Esse processo permite a reflexão sobre a prática, enriquecendo a experiência individual e reforçando a subjetividade do professor, elemento fundamental para a formação de sua identidade profissional.

Sob tal perspectiva, a identidade docente é um processo dinâmico e contínuo, construído na práxis, ou seja, na interação entre teoria e prática. O educador, ao vivenciar e refletir sobre suas experiências, desenvolve suas próprias visões, influenciadas por vivências anteriores em outras esferas sociais. Esse processo é tanto coletivo quanto individual, pois as reflexões e práticas do professor são moldadas pelo contexto social em que está inserido, ao mesmo tempo em que suas ações e subjetividades influenciam o coletivo. Dessa forma, a identidade docente emerge da reflexão crítica sobre as experiências vividas, destacando a importância da subjetividade e da autoconsciência na construção do papel do educador

A identidade docente é um processo dinâmico e contínuo, construído na práxis pedagógica, que surge da interação entre teoria e prática, bem como do diálogo com colegas e alunos. A reflexão sobre sua práxis é base indissociável desse processo, pois a partir da reflexão crítica é que renova a práxis diária. A subjetividade do professor é via de alimentação de sua práxis que se desenvolve sobre dois caminhos: o individual por meio da reflexão, e o coletivo por meio da interação com outros profissionais, com os discentes e com o meio social desse profissional que é o ambiente escolar por excelência.

A identidade docente é construída não apenas no âmbito individual, mas também no contexto das interações dentro das instituições escolares, onde professores vivenciam e se subjetivam por meio de suas experiências. Essa construção ocorre em conjunto com outros atores da comunidade escolar, como colegas professores, funcionários, alunos, pais e familiares, além da comunidade externa.

A capacitação permanente, quando se desenvolve no ambiente escolar, torna-se uma ferramenta importante nesse processo, pois a escola é por excelência o local privilegiado para oportunizar o desenvolvimento da reflexão coletiva desse profissional, pois é na escola que se aprende de fato sobre essa profissão e no relacionar-se com a comunidade escolar que se constroem novos caminhos pedagógicos, que se resolve conflitos, que se renova o olhar sobre a profissão.

Tal abordagem qualitativa, teórica e documental tem sido utilizada para compreender as representações sociais dos professores na mídia contemporânea, no contexto da sociedade do cansaço, tais como: O professor como "trabalhador performático" – Sob a lógica do imperativo do desempenho, o docente é visto como um profissional que deve ser produtivo, multitarefa e resiliente, capaz de lidar com demandas infinitas (como aulas, burocracia e projetos) sem demonstrar esgotamento; O professor como "cuidador emocional" – Na sociedade do cansaço, a educação é cada vez mais

associada ao trabalho emocional, em que o professor deve não apenas instruir, mas também acolher, motivar e gerir conflitos psicológicos dos alunos; O professor como "falhado ou culpabilizado" – Quando o sistema educacional não atinge resultados esperados (como notas baixas ou evasão escolar), o docente é frequentemente responsabilizado individualmente, em que fracassos são atribuídos à falta de esforço pessoal, e não a estruturas sociais ou políticas públicas insuficientes.

Considera-se, ainda, a realização da revisão de literatura sobre representações sociais, mídia, professores. Isso incluiu obras de teóricos como Byung-Chul Han, Pierre Bourdieu, Marilena Chauí, Walter Lippmann, Rui Canario, além de outros estudiosos relevantes nos campos da sociologia, comunicação e educação. A revisão de literatura tem fornecido uma compreensão aprofundada dos conceitos-chave, teorias e debates relacionados ao tema da pesquisa.

Com base nessa revisão, foi desenvolvido um quadro teórico para orientar a análise e discussão dos dados. Esse quadro teórico aborda conceitos fundamentais, como representações sociais, intensificação do trabalho docente, neoliberalismo na educação, identidade profissional e poder da mídia. O quadro teórico serviu como base para a compreensão das relações complexas entre as representações dos professores na mídia e as dinâmicas sociais contemporâneas.

A metodologia desta pesquisa se fundamenta a partir das concepções de Serge Moscovici (2015), uma vez que o autor se detém em discussões que estudam o comportamento da sociedade frente às representações que o cercam no meio social e profissional. Na teoria das representações sociais, estudamos os seres humanos e suas representações no mundo, seus pensamentos, seus comportamentos diante das situações cotidianas.

As representações sociais são fenômenos complexos que combinam características aparentemente contraditórias: são ao mesmo tempo estáveis e mutáveis, consensuais e marcadas por diferenças individuais. O termo abrange tanto os fenômenos em si quanto o conceito e a teoria criada para explicá-los, sendo hoje considerada uma "grande teoria", ou seja, uma perspectiva ampla que orienta pesquisas nesse campo. No entanto, apesar de sua abrangência, a teoria das representações sociais ainda carece de análises mais detalhadas e específicas que aprofundem a compreensão dos processos envolvidos, garantindo que esses estudos estejam alinhados com a visão geral proposta pela teoria. Essa necessidade de enriquecimento teórico e empírico destaca a importância

de investigações que explorem as nuances e dinâmicas das representações sociais em contextos diversos.

A abordagem estrutural das representações sociais enfatiza que elas são compostas por um conjunto organizado e estruturado de informações, crenças, opiniões e atitudes sobre um determinado objeto. Esse conjunto não é caótico, mas segue uma lógica interna de estruturação, apresentando tanto elementos invariantes (que permanecem estáveis) quanto estruturas de variação (que podem mudar). A teoria do núcleo central complementa essa visão, destacando que as representações sociais são hierarquizadas e organizadas em torno de um núcleo central, composto por um ou mais elementos que conferem significado à representação como um todo. Esse núcleo central é essencial para manter a coerência e a identidade da representação, mesmo diante de variações periféricas. Assim, a estrutura das representações sociais é complexa e dinâmica, refletindo a interação entre estabilidade e mudança.

A abordagem estrutural das representações sociais propõe que elas são organizadas em dois sistemas interligados: o núcleo central e o sistema periférico. O núcleo central é composto por ideias essenciais, estáveis e consensuais, ligadas à memória coletiva do grupo, que definem a homogeneidade e a identidade da representação, sendo resistente a mudanças e pouco sensível ao contexto imediato. Sua função é gerar significação e organizar a representação. Já o sistema periférico é mais flexível, permitindo a integração de experiências individuais e adaptando-se ao contexto, suportando a heterogeneidade e as contradições do grupo. Ele protege o núcleo central ao absorver mudanças e diferenças, garantindo a adaptação da representação à realidade concreta. Essa dualidade entre estabilidade e flexibilidade é fundamental para a dinâmica das representações sociais.

2.10. Análise Prototípica das Representações Sociais

A Análise Prototípica, desenvolvida inicialmente por Vergès (1992), é uma técnica amplamente utilizada para estudar a estrutura das representações sociais, especialmente por meio de evocações livres de palavras. Conhecida também como "análise de evocação das quatro casas", essa metodologia permite mapear como um grupo social organiza e hierarquiza suas ideias, crenças e valores em torno de um determinado objeto. A técnica consiste em solicitar aos participantes que mencionem as primeiras palavras que lhes vêm à mente quando pensam em um tema específico. Em seguida, as

palavras evocadas são organizadas em um quadro que divide as respostas em quatro quadrantes, com base na frequência e na ordem de evocação. Esse método permite identificar o núcleo central da representação social (palavras mais frequentes e evocadas primeiro) e o sistema periférico (palavras menos frequentes e evocadas posteriormente), oferecendo uma visão clara da estrutura cognitiva compartilhada pelo grupo.

A popularidade da Análise Prototípica deve-se à sua aplicabilidade tanto em pesquisas de base quanto em estudos aplicados. Enquanto as pesquisas de base buscam contribuir para o avanço das teorias do pensamento social, as pesquisas aplicadas têm como foco a compreensão de temas sociais específicos e a elaboração de diagnósticos que possam orientar intervenções práticas. Por exemplo, essa técnica é frequentemente utilizada em áreas como educação, saúde e políticas públicas, onde é essencial entender como determinados grupos percebem e interpretam questões relevantes para sua realidade. Ao revelar as representações sociais subjacentes, a Análise Prototípica fornece compreensões relevantes para o desenvolvimento de estratégias de intervenção mais eficazes e contextualizadas, tornando-se uma ferramenta indispensável para profissionais que buscam promover mudanças sociais significativas.

Nas representações sociais, as evocações correspondem a ideias compartilhadas por um grupo, e a sequência em que essas ideias são mencionadas indica sua acessibilidade prototípica, ou seja, a facilidade e a prioridade com que são lembradas pelos indivíduos. A frequência de evocação é determinada pela contagem de quantas vezes um termo é citado pela população analisada. Para organizar e interpretar esses dados, três etapas são seguidas: inicialmente, os termos pouco citados são descartados; depois, os termos restantes são classificados conforme sua frequência (alta ou baixa); e, finalmente, são agrupados de acordo com a ordem de evocação (alta ou baixa). Esse método possibilita mapear a estrutura das representações sociais, distinguindo as ideias centrais, mais estáveis e consensuais, das periféricas, que são mais flexíveis e contextuais.

A análise prototípica é fundamentada em princípios como a lei de Marbe⁴, que afirma que termos evocados rapidamente são amplamente compartilhados, e a lei de Zipf⁵, que indica que termos muito frequentes são poucos em número, enquanto os menos

⁴ A "lei de Marbe" afirma que os termos evocados mais rapidamente em análises prototípicas são aqueles mais compartilhados e consensuais dentro de um grupo, refletindo ideias centrais e acessíveis que compõem o núcleo das representações sociais.

⁵ A "lei de Zipf" estabelece que, em análises prototípicas, os termos muito frequentes são poucos em número, enquanto os termos pouco frequentes são mais numerosos, evidenciando uma distribuição desigual onde poucas ideias centrais predominam e muitas outras periféricas aparecem de forma esparsa.

frequentes são mais numerosos. Essas leis servem como base lógica para essa técnica, que busca compreender como um grupo representa um objeto específico, como o trabalho docente ou o adoecimento do professor. Por meio de entrevistas ou questionários, os participantes são solicitados a mencionar o que lhes vem à mente sobre o tema (indutor), gerando respostas chamadas de evocações. A análise prototípica organiza essas evocações de forma sintética, classificando-as por frequência e ordem de menção, mas não se trata de uma análise estatística tradicional, pois não calcula parâmetros ou níveis de significância. Em vez disso, ela oferece um padrão claro para visualizar e interpretar as informações, destacando as ideias centrais e periféricas que compõem as representações sociais nas matérias jornalísticas.

As representações sociais são formadas por evocações, que funcionam como ideias circulantes dentro de um grupo específico. A ordem em que essas evocações aparecem pode ser usada como um indicador de acessibilidade prototípica, ou seja, revela quais ideias são mais facilmente associadas a um determinado conceito. A frequência, por sua vez, é um processo mais simples, que consiste em contar quantas vezes um termo aparece dentro de uma população. Esses dois elementos — ordem de evocação e frequência — ajudam a identificar quais ideias são mais relevantes e recorrentes em um contexto social.

Para chegar a esses resultados, são necessários três passos: primeiro, excluem-se os termos que aparecem poucas vezes; em seguida, os termos restantes são divididos pela frequência (alta ou baixa); e, por fim, são separados pela ordem de evocação (alta ou baixa). Esse processo permite organizar as evocações em quadrantes, que facilitam a análise e a compreensão das representações sociais mais presentes em um grupo, destacando quais ideias são mais acessíveis e significativas para ele. Logo, chegamos nos quadrantes:

1º QUADRANTE Elemento do Núcleo Central	2º QUADRANTE Elementos de periferia 1
• Prontamente Evocados • Alta Frequência	• Tardamente Evocados • Alta Frequência

3º QUADRANTE Elementos de Contraste	4º QUADRANTE Elementos periféricos
• Prontamente Evocados • Baixa Frequência	• Tardiamente Evocados • Baixa Frequência

Tabela 2 - Elaborado pela autora (2025)

O Quadrante de Quatro Casas, desenvolvido por Pierre Vergès (1992), organiza as evocações de termos em quatro categorias, cada uma representando diferentes aspectos das representações sociais. No primeiro quadrante, estão os elementos do núcleo central, que são termos prontamente evocados e de alta frequência. Esses elementos são lembrados rapidamente pelo grupo pesquisado, representando ideias centrais e estáveis que servem como base para outras representações. Eles são poucos em número, mas fundamentais para a estrutura das representações sociais, circulando de forma consistente no grupo.

No segundo quadrante, encontram-se os elementos da primeira periferia, que são termos de alta frequência, mas evocados de forma mais lenta. Esses termos têm saliência e representam aspectos secundários da representação. O terceiro quadrante abriga os elementos de contraste, que são prontamente evocados, mas com baixa frequência. Eles podem complementar a primeira periferia ou indicar a existência de um subgrupo com valores distintos, sugerindo a possibilidade de um núcleo central alternativo. Por fim, no quarto quadrante, estão os elementos periféricos, que são termos evocados tardiamente e com baixa frequência. Esses elementos têm menor importância na estrutura da representação, refletindo aspectos mais particulares e menos salientes no grupo social.

SEÇÃO 3 – AS FONTES: REPRESENTAÇÕES DA ESCOLA E DO PROFESSOR NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS

A seção 3 deste trabalho apresenta a análise da série de reportagens “Missão Professor”, lançada em 2023 pela *Folha de São Paulo*, em um contexto de extrema tensão no cenário educacional brasileiro. Produzidas em meio a uma sequência de ataques violentos em escolas, que se intensificaram após o retorno presencial das aulas no pós-pandemia, as matérias jornalísticas evidenciam a sobreposição de crises que afetam diretamente a profissão docente. Além da insegurança vivida por professores e alunos, as reportagens trazem à tona problemas estruturais e históricos, como a falta de recursos, a desvalorização social da carreira e a precarização das condições de trabalho. Esses aspectos, apresentados de forma recorrente no corpus, fornecem elementos para compreender como a mídia constrói representações sociais sobre os educadores e como tais representações reforçam a urgência de políticas públicas mais efetivas.

Para além da descrição dos episódios e desafios enfrentados pelos docentes, esta seção organiza e analisa os principais termos evocados nas reportagens, sintetizados em gráficos que agrupam os elementos mais recorrentes. Essa abordagem possibilita visualizar, de maneira comparativa, como diferentes dimensões da profissão — como infraestrutura escolar, violência, desgaste psicológico, abandono e baixa atratividade da carreira — aparecem no discurso midiático. Ao longo da análise, torna-se evidente que tais evocações não apenas descrevem a realidade dos professores, mas também apontam para os efeitos cumulativos de uma precarização sistêmica.

A série de reportagens “Missão Professor” lançada em 2023, em um momento de grande tensão no sistema educacional brasileiro, foi impulsionado por uma série de ataques violentos em escolas por todo o país. Esses episódios, que resultaram em mortes de estudantes e professores, ganharam força entre março e maio daquele ano, após dois anos de escolas fechadas devido à pandemia de Covid-19. O retorno às aulas presenciais foi marcado por um clima de medo e insegurança, agravando os desafios já enfrentados por alunos e educadores.

As reportagens abordam questões críticas que afetam os professores, como a carga excessiva de trabalho, os salários baixos e a dificuldade de atrair e reter novos profissionais na área de licenciatura. Além disso, destacam o desprestígio crescente da profissão, tanto por parte do governo quanto da sociedade, e a falta crônica de infraestrutura nas escolas, um problema que atinge a maioria das instituições de ensino

do país. A violência no ambiente escolar também é um tema central, expondo os riscos enfrentados por professores e alunos no dia a dia.

Por meio de uma análise prototípica, as reportagens identificaram palavras-chave que resumem a realidade dos professores, como "infraestrutura precária", "desprestígio profissional", "baixa remuneração" e "intensificação do trabalho". Esses termos evidenciam sinais de uma precarização generalizada da profissão docente em todo o país, apontando para a necessidade urgente de políticas públicas que valorizem os educadores e garantam melhores condições de trabalho e segurança nas escolas.

Nas páginas seguintes, apresentam-se os gráficos que revelam as evocações em maior destaque de cada reportagem analisada. Ao total, somam-se dez reportagens, veículos de onde foram construídos um gráfico para cada conjunto de reportagens que se assemelhavam apresentando e analisando as evocações que mais foram reveladas.

O gráfico 1 retrata as seguintes reportagens *Professores apontam falta de estrutura e de recursos em escolas públicas do país*, publicada em 21 de maio, de 2023 revela que a falta de infraestrutura adequada e de recursos educacionais dificulta o trabalho docente e é uma das causas de desmotivação dos alunos. Neste gráfico as evocações que mais aparecem são falta de infraestrutura, recursos entre outras que são analisadas no tópico 4.1.

No segundo gráfico que trata sobre os aspectos psicológicos morais as reportagens intituladas: *Ele não tirou minha vida, mas levou minha profissão*, diz professora, vítima de ataque em escola, e *Indenizações às vítimas de ataques a escolas são baixas e pouco abrangentes* e *Após ataque em Aracruz professores e alunos enfrentam medo*, são as reportagens que dão vida ao gráfico de número 2, no qual as palavras mais evocadas nos textos são “violência”, “estresse” e “burnout”. As evocações aqui reveladas dão indícios de que a violência no âmbito escolar desencadeiam estresse e *burnout* na comunidade escolar.

O gráfico 3 retrata as seguintes reportagens: *Pandemia agravou tensões entre famílias e escola* e *Um terço dos professores trabalham com mais de 300 alunos por ano*. Nesse gráfico as evocações apresentadas revelam que alunos desmotivados, baixos resultados educacionais, abandono docente são consequências que afetam todo o sistema educacional brasileiro.

O gráfico 4 intitula a reportagem *Indenizações às vítimas de ataques a escolas são baixas*. Neste gráfico, as evocações que remetem a acordos jurídicos, execução de pendências, ampliação de programas, comissões e propostas não executadas são as

palavras que revelam ou não resultados no desenvolvimento do trabalho educativo e se essas intervenções abordam problemas de forma estrutural ou apenas de forma paliativa.

Por último, o gráfico 5 aborda os desafios da profissão docente, as reportagens analisadas desse gráfico são: *Salário de professor não aumenta mais que 50% até o final da carreira*, e *Desistência atinge 7 em cada 10 alunos de formação de professores em exatas*, e *19% dos formandos em licenciatura não querem trabalhar como professores*.

Nessas reportagens, as evocações em maior destaque se relacionam diretamente com a desistência da profissão, abandono, carga excessiva de trabalho, baixa remuneração, famílias ausentes e a falta de atratividade da profissão revelam que a profissão docente no Brasil enfrenta uma adversidade diária que tem levado a baixa oferta de novos profissionais no mercado.

A profissão docente no Brasil tem enfrentado transformações que perpassam a intensificação do trabalho a infraestrutura precária, a violência física e psicológica até o abandono da profissão o que pode comprometer seriamente a oferta de profissionais no mercado.

3.1. Análise crítica das reportagens

3.1.1. Reportagem 1 - Título: *Série da Folha sobre desafios dos professores é premiada*, publicada em 8 de maio de 2023.

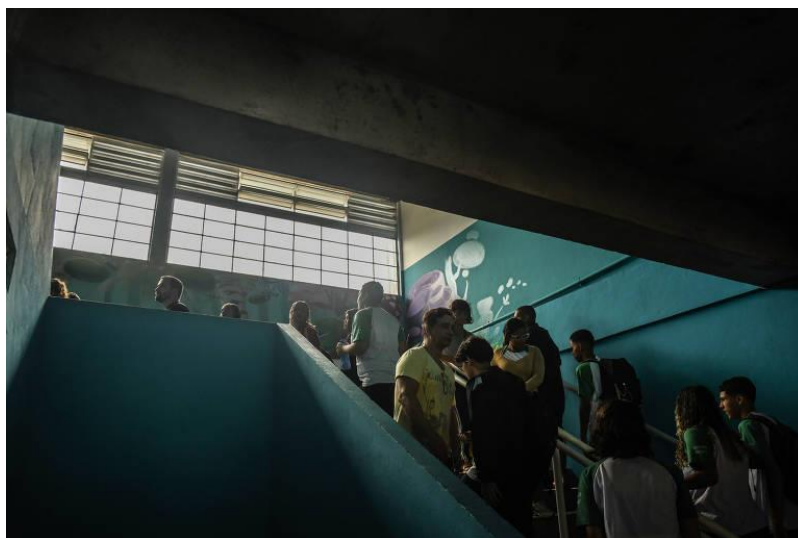


Figura 1 - Alunos no intervalo das aulas em escola de Aracruz (ES) - Karime Xavier - 8.mai.23/Folhapress. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/08/serie-da-folha-sobre-desafios-dos-professores-e-premiada.shtml>, acessado em 04 de set. 2024.

A série “Missão Professor” constrói uma narrativa que, sob a ótica de Byung-Chul Han, reforça uma representação social do docente como trabalhador performático em um sistema falido, no qual a resiliência individual é exigida como solução para crises estruturais. Ao destacar excesso de alunos, salários baixos e falta de recursos, as reportagens naturalizam a precariedade como um destino inevitável da profissão, ignorando as raízes políticas e econômicas do problema. A ênfase em depoimentos de sofrimento, como professores que desistem da carreira ou enfrentam salas superlotadas, alimenta uma visão do educador como mártir, cuja dedicação heroica é insuficiente para vencer um sistema que o oprime, reproduzindo a lógica neoliberal da autoexploração como única saída.

A abordagem jornalística, ainda que bem-intencionada, opera uma espetacularização da crise educacional, transformando o cotidiano dos professores em conteúdo midiático consumível, mas pouco transformador. Ao vincular as reportagens a tragédias como ataques em escolas e desistências em licenciaturas, a série capitaliza emocionalmente o fracasso, alinhando-se ao que Han chama de “capitalismo emocional” no livro *A sociedade do cansaço* (2015), em que o sofrimento vira mercadoria. A ausência de vozes que articulem resistência coletiva (como movimentos sindicais ou propostas pedagógicas alternativas) reduz a profissão docente a um amontoado de problemas insolúveis, reforçando a ideia de que a educação pública é um espaço de dor, não de luta.

Logo, a premiação da série por uma associação ligada ao ensino superior privado (Abmes) expõe uma contradição: enquanto o jornal denuncia a precarização, o reconhecimento vem de um setor que lucra com a falência do sistema público. A série, apesar de revelar dados importantes, não questiona os interesses que perpetuam o subfinanciamento da educação, limitando-se a chocar o leitor com estatísticas e histórias de desgaste.

Uma possível função transformadora para essas reportagens sobre a classe dos profissionais docentes seria vincular tais denúncias a propostas concretas de ação. Como por exemplo, cobranças por políticas públicas, entrevistas com especialistas em financiamento educacional ou exemplos de escolas que superaram adversidades por meio de mobilização coletiva. Além disso, poderiam questionar os interesses do setor privado na precarização do ensino público, evitando a espetacularização passiva da crise. Assim, o jornalismo cumpriria um papel crítico e propositivo, indo além do choque emocional e contribuindo para a construção de alternativas reais.

3.1.2. Reportagem 2 - Título: *Desafios de ser um professor no Brasil são temas da série de reportagens da Folha*, publicada em 8 de maio de 2023



Figura 2 -Professor dá aula na escola estadual Professor Orlando Geribola, em Osasco - Karime Xavier 31.mar.22/ Folhapress. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/05/desafios-de-ser-um-professor-no-brasil-e-tema-de-serie-de-reportagens-da-folha.shtml>, acessado em 04 de set. 2024.

Nesta reportagem, a série opera dentro da lógica do capitalismo emocional, em que a angústia docente é transformado em conteúdo midiático consumível, mas pouco significativo. Ao vincular as dificuldades dos professores a tragédias como ataques em escolas e evasão em licenciaturas, a *Folha* capitaliza emocionalmente o fracasso, reforçando a ideia de que a educação pública é um espaço de desespero. A ausência de vozes que articulem resistência coletiva ou alternativas políticas reduz a narrativa a um ciclo de lamentação, consolidando uma representação social do professor como vítima, uma dinâmica que vem servir mais para manter a imagem distorcida da realidade do professor do que para desafiar as desigualdades estruturais nela existentes.

Uma abordagem mais relevante para a série "Missão Professor" poderia ir além da espetacularização do sofrimento docente e, em vez disso, destacar estratégias de resistência, mobilização coletiva e alternativas concretas para a valorização da profissão. Em vez de focar apenas nos problemas, as reportagens poderiam ampliar o debate, incluindo vozes de sindicatos, pesquisadores e educadores que propõem mudanças estruturais, como melhores condições de trabalho, políticas públicas eficazes e modelos pedagógicos inovadores. Dessa forma, o jornalismo assumiria um papel mais crítico e

propositivo, contribuindo para a construção de uma narrativa que inspire mudanças, em vez de apenas reforçar as representações sociais relacionadas ao professor.

3.1.3. Reportagem 3 - Título: *Após ataque em Aracruz, professores e alunos enfrentam medo e desconfiança para retomar rotina*, publicada em 10 de maio de 2023



Figura 3 - Os alunos Ester Cristina Silva, 19, Ian dos Anjos Souza, 18, e Lara Ramos da Silva, 16, (da esq. para a dir.) dizem lembrar todos os dias do ataque que viveram em 25 de novembro do ano passado - Karime Xavier / Folhapres. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/05/apos-ataque-em-aracruz-professores-e-alunos-enfrentam-medo-e-desconfianca-para-retomar-rotina.shtml>, acessado em 03 de out. 2024.

A reportagem sobre o ataque em Aracruz constrói uma narrativa que, embora tenha o mérito de denunciar a falta de apoio às vítimas, reforça uma representação social do professor como figura sofredora diante da violência. Ao centrar-se nos relatos de trauma e desamparo, o texto cristaliza a imagem do docente como vítima passiva, desprovida de agência para transformar seu entorno. Essa abordagem ignora as estratégias de resistência e os esforços pedagógicos que muitos educadores desenvolvem mesmo em contextos adversos, reduzindo sua atuação a um papel de sofredor em um sistema falido. A ênfase nos aspectos mais dramáticos da história, sem explorar iniciativas de superação ou mudança, contribui para uma visão estereotipada que desvaloriza o trabalho docente.

A matéria, ainda, opera uma culpabilização indireta da escola e dos professores pela violência, ao apresentar a desconfiança entre alunos e educadores como um problema naturalizado, sem questionar suas causas reais. A descrição de professores que "têm medo dos alunos" e de estudantes que desconfiam uns dos outros sugere uma ruptura irreparável

no ambiente escolar, sem aprofundar as razões sociais e políticas por trás desse fenômeno. Essa narrativa simplifica uma realidade complexa, ignorando fatores como a falta de políticas públicas eficazes e o abandono histórico das escolas periféricas, que contribuem para o clima de insegurança. Ao fazê-lo, o texto reforça a ideia de que a educação pública é um espaço intrinsecamente violento e disfuncional.



Figura 4 - Alunos pularam das salas do primeiro andar da escola Primo Bitti para fugir do atirador - Karime Xavier / Folhapress

A reportagem é negativa sob o ponto de vista de articular as vozes dos professores como agentes de transformação, limitando-se a retratá-los como vítimas ou espectadores de um sistema que os ultrapassa. A ausência de propostas ou de exemplos de superação, exceto pela menção superficial a um "plano de prevenção", reforça uma visão fatalista da educação. Nesse sentido, não apenas desmobiliza o leitor, como também alimenta uma representação social que descredibiliza o trabalho docente, apresentando-o como uma profissão marcada pelo fracasso e pelo desespero, em vez de destacar seu potencial como espaço de resistência e mudança social. A cobertura, assim, acaba por reproduzir a lógica que pretende criticar, ao transformar o sofrimento em espetáculo midiático, sem oferecer caminhos para resolver o problema.

Em vez de reforçar a imagem do professor como sofredor, a série "Missão Professor" poderia adotar uma perspectiva que valorize a agência docente e as estratégias de resistência mesmo em contextos adversos. Por exemplo:

- Dando voz a educadores que desenvolvem projetos de mediação de conflitos, acolhimento emocional ou segurança escolar, mostrando como enfrentam a violência com ações pacifistas;
- Explorando iniciativas bem-sucedidas de escolas que reduziram a tensão com diálogo, arte ou políticas de inclusão, evidenciando que a educação pública não é só crise, mas também espaço de reinvenção;
- Questionando as causas estruturais da violência, como o sucateamento das políticas educacionais e a desigualdade social, em vez de normalizar a desconfiança entre alunos e professores;
- Incluindo especialistas em segurança escolar e saúde mental para discutir soluções coletivas, evitando a culpabilização indireta dos docentes.

Assim, a reportagem manteria seu caráter denunciante, mas substituiria o fatalismo por exemplos de luta e alternativas, fortalecendo uma imagem positiva do professor, não só como vítima do sistema, mas parte essencial de sua mudança.

3.1.4. Reportagem 4 - Título: *Salário do professor no Brasil não aumenta mais que 50% até o final da carreira*, publicada em 17 de maio de 2023

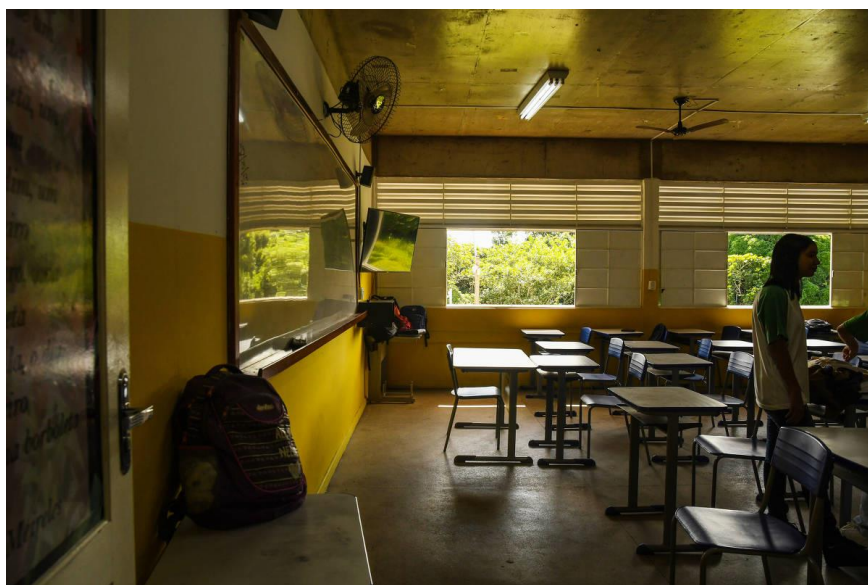


Figura 5 - Sala de aula na escola estadual Primo Bitti, em Aracruz (ES) – Karime Xavier – 8.mai23/Folhapress. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/05/salario-do-professor-no-brasil-nao-aumenta-mais-que-50-ate-o-final-da-carreira.shtml>, acessado em 05 de out. 2024.

Sobre a estagnação salarial docente, embora apresente dados relevantes sobre a desvalorização profissional, a reportagem constrói uma narrativa que naturaliza a precariedade como destino inevitável da carreira. Ao enfatizar repetidamente a falta de perspectivas de crescimento, com frases como "não ultrapassa 50%" e "salário inalcançável", o texto reforça um imaginário social que associa o magistério a um sacrifício sem recompensa, desvinculando essa realidade das escolhas políticas que a sustentam. A ausência de contrapontos que discutam modelos bem-sucedidos de valorização docente em outras localidades ou a relação histórica entre subfinanciamento educacional e desvalorização profissional contribui para uma visão depreciativa, sobre a qual os professores aparecem novamente como vítima de um sistema imutável.

O discurso jornalístico, ao retratar a profissão principalmente por meio de relatos de desistência ("deixei a sala de aula") e frustração ("é muito desmotivador"), opera uma redução simbólica que ignora as dimensões de realização presentes no trabalho docente. A escolha por destacar majoritariamente casos extremos (como professores que abandonam a carreira) em detrimento de experiências de resistência e permanência no magistério reforça estereótipos que alimentam a crise de identidade profissional. Essa construção midiática, ao vincular a imagem do professor quase exclusivamente à ideia de fracasso e desistência, contribui para um círculo vicioso de desprestígio social que, por sua vez, justifica a manutenção das políticas de precarização que a própria reportagem alarma.

Essa reportagem da série poderia ter adotado uma abordagem mais construtiva ao tratar da estagnação salarial docente, para além da mera exposição dos problemas apresentar caminhos alternativos. Em vez de transformar a debilitação como destino inevitável, seria mais relevante contextualizar politicamente os baixos salários, mostrando como decisões orçamentárias e modelos de gestão impactam a carreira, com exemplos de locais onde houve avanços na valorização docente.

A reportagem ganharia profundidade ao equilibrar os relatos de dificuldades com experiências de professores que permanecem atuantes, destacando, por exemplo, projetos pedagógicos exequíveis e de resultado. Incorporar dados comparativos sobre políticas de valorização em outros estados ou países, analisar a relação entre melhores salários e qualidade educacional, e questionar o discurso da vocação sacrificial ajudaria a construir uma narrativa que transforma a denúncia em ferramenta de mobilização, apresentando os

educadores como profissionais fundamentais, cuja luta por melhores condições é indissociável da defesa de uma educação pública de qualidade.

3.1.5. Reportagem 5 - Título: *Indenizações às vítimas de ataques a escolas são baixas e pouco abrangentes*, publicada em 12 de maio de 2023



Figura 6 - Alunos na saída das aulas na escola estadual Primo Bitti, em Aracruz (ES), alvo de um ataque no ano passado – Karime Xavier/Folhapress. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/05/indenizacoes-as-vitimas-de-ataques-a-escolas-sao-baixas-e-pouco-abrangentes.shtml>, acessado em 12 de nov. 2024.

Na reportagem acima é construída uma narrativa de precarização institucionalizada, naturalizando valores irrisórios como "adequados". A comparação com casos anteriores ("seguir o modelo de Suzano") sugere uma padronização da desvalorização da vida docente, na qual R\$100 mil se tornam parâmetro para perdas irreparáveis. Essa abordagem reforça a ideia de que professores e alunos são danos colaterais num sistema que não se responsabiliza por sua proteção.

A exclusão de alunos não feridos dos acordos expõe uma hierarquia do sofrimento: apenas danos físicos mereceriam reparação, enquanto traumas psicológicos em professores e alunos são tratados como secundários. Essa lógica perversa ignora que, para professores e estudantes, a sala de aula violada torna-se um local de memória

traumática, dimensão simbólica que nenhum valor monetário pode apagar, mas que deveria ser reconhecida.

Por fim, a reportagem em nada contribui com a imagem do professor ao não vincular a baixa indenização à desvalorização histórica da educação. Trata o tema como questão jurídica isolada, omite que a mesma lógica que paga salários baixos a docentes também torna precária sua vida social. O profissional docente aparece assim duplamente penalizada: na rotina pela falta de valorização e na tragédia pela reparação insuficiente.

Um jornalismo comprometido com a valorização da educação deveria, em vez disso, denunciar a estrutura sistêmica que transforma professores em vítimas recorrentes. Seria essencial contextualizar os acordos como parte de um histórico de abandono da educação, vinculando a indenização insuficiente à precarização crônica da profissão. Além disso, caberia destacar a realidade docente, mostrando como educadores, mesmo em cenários de trauma, reconstroem espaços de aprendizagem. O jornalismo tem o dever de não apenas informar, mas desafiar narrativas que banalizam a desvalorização, dando voz aos professores como sujeitos de direitos, e não como cifras secundárias em tragédias anunciadas.

3.1.6. Reportagem 6 – Título: *Professores apontam falta de estrutura e de recursos em escolas públicas do país*



Figura 7 - Pátio da escola estadual Alarico Silveira, na região central de São Paulo, que teve de ser interditada em novembro de 2022 após obras serem adiadas por dois anos; a previsão é que sejam concluídas até o fim de 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/05/professores-apontam-falta-de-estrutura-e-de-recursos-em-escolas-publicas-do-pais.shtml>. Acessado em 12 de dez. 2024.

A reportagem da *Folha de São Paulo*, ao expor a precariedade das escolas públicas e a desvalorização dos professores, corrobora para uma representação social que, sob a ótica de Byung-Chul Han (2015), pode ser interpretada como parte de uma narrativa neoliberal que individualiza e patologiza o fracasso estrutural. Os jornalistas constroem a imagem do docente como um trabalhador performático, cuja resiliência é testada diante da falta de recursos, insinuando que a culpa pelo "atraso" educacional recai sobre os próprios professores, uma lógica que espelha a sociedade do cansaço, em que a autoexploração é glorificada como solução para problemas sistêmicos. A ênfase em casos extremos (como aulas em contêineres ou equipamentos inutilizados) transforma a exceção em espetáculo, alimentando uma visão depreciativa da profissão como um martírio sem saída, em vez de discutir as estruturas de poder que perpetuam a negligência do estado.

Além disso, a matéria incita um sentimento de culpa no professor, apresentando-o como alguém que ele consegue transformar o sistema no qual está inserido. Ao destacar depoimentos de docentes esgotados, como Martha, que improvisa materiais lúdicos, ou o anônimo que convive com infiltrações, o texto os reduz a símbolos de um fracasso coletivo, ignorando suas agências e resistências.



Figura 8 - Escola municipal em Búzios (RJ) funciona em estrutura de contêiner de forma emergencial. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/05/professores-apontam-falta-de-estrutura-e-de-recursos-em-escolas-publicas-do-pais.shtml>. Acessado em 12 de dez. 2024.

Essa abordagem ressoa com uma crítica de Han à sociedade, em que a exposição da vulnerabilidade substitui a análise crítica das desigualdades. Assim, a reportagem capitaliza o sofrimento docente como conteúdo midiático, alinhando-se à lógica do capitalismo emocional que Han descreve. A série "Missão Professor" e os links para outras matérias sobre violência e salários baixos criam um ciclo de consumo de notícias que dramatiza a profissão, mas pouco contribui para mudanças concretas.

Apesar de denunciar falhas estruturais, o texto não propõe alternativas além do lamento, perpetuando a ideia de que a educação pública é um espaço de crise irremediável. Assim, o jornal *Folha de São Paulo* acaba por reforçar uma representação social que normaliza a precariedade, transformando o professor em um personagem trágico, útil para gerar engajamento, mas raramente para mobilizar ações efetivas por melhores condições de trabalho.

3.1.7. Reportagem 7 - Título: *Pandemia agravou tensões entre família e escola*, publicada em 28 de maio de 2023

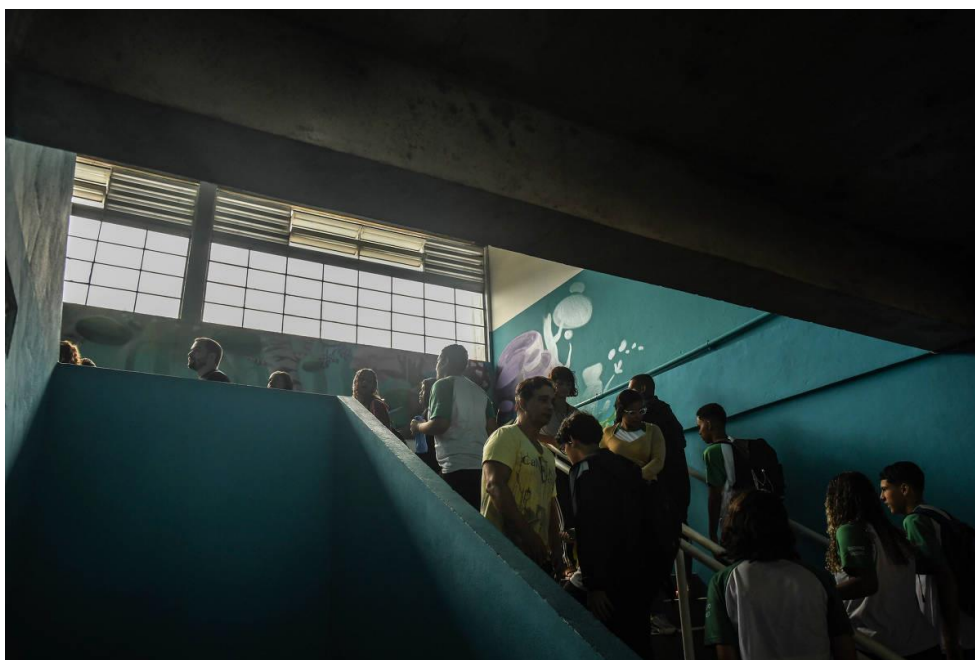


Figura 9 - Alunos no intervalo das aulas na Escola Estadual Ensino Fundamental e Médio Primo Bitti, em Aracruz (ES), palco de um dos ataques realizados no país - Karime Xavier - 25.abr.23/Folhapress. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/05/pandemia-agravou-tensoes-entre-familia-e-escola-e-professor-e-cobrado-em-multiplas-frentes.shtml>. Acessado em 12 de dez. 2024.

Ao descrever professores "cobrados em múltiplas frentes" e "pouco valorizados", o texto sugere que a sobrecarga é um dado inescapável, não um fracasso político. Essa

narrativa disfarça a omissão estatal em reconstruir o sistema educacional, transferindo para os educadores a responsabilidade por resolver crises que não criaram.

A análise reduz a complexidade das relações família-escola a um jogo de culpas mútuas, ignorando as desigualdades basilares que moldam esses conflitos. Ao equiparar a "vigilância" das famílias com a "demanda" por educação de qualidade, o texto nivela injustamente as partes, como se professores privilegiados e pais desassistidos tivessem o mesmo poder na relação. Essa comparação injusta faz parecer que o professor não quer ser responsabilizado.

Apesar de diagnosticar problemas reais, a reportagem trata a desvalorização docente como fenômeno psicológico, "cansaço social", não político. A ausência de dados sobre investimentos pós-pandemia ou exemplos de políticas bem-sucedidas de valorização transforma a crítica em lamento. Assim, o texto reduz o professor a alguém sempre à mercê das circunstâncias, nunca como um profissional com direito a condições justas – alimentando o mesmo ciclo de desvalorização que deveria ser questionado.

Ao não mencionar, por exemplo, o congelamento de investimentos em educação ou a falta de políticas públicas efetivas para a formação e remuneração docente, o texto reforça uma narrativa que individualiza o problema, como se a solução dependesse apenas da resiliência dos professores, e não de reformas estruturais. Essa perspectiva ignora que a desvalorização é um projeto político, não uma consequência inevitável. Além disso, a reportagem falha em contextualizar historicamente a relação família-escola, tratando os conflitos como novidades exacerbadas pela pandemia, sem reconhecer que são fruto de um sistema educacional historicamente desigual. A ausência de discussão sobre como políticas neoliberais, como a terceirização de serviços escolares e a meritocracia, intensificaram essas tensões, revela uma análise superficial.

Em um cenário em que o fechamento prolongado das escolas aprofundou desigualdades, exacerbou a sobrecarga de trabalho dos professores e expôs a falta de infraestrutura para o ensino remoto, a reportagem poderia ter destacado a ausência de políticas públicas robustas para reparar esses danos. Essa abordagem não apenas ignora as lutas sindicais e pedagógicas por melhores condições, mas também naturaliza violações que deveriam ser denunciadas como fruto de escolhas políticas – e não como meras consequências de uma crise sanitária.

3.1.8. Reportagem 8 - Título: *19% dos formandos em licenciaturas não querem trabalhar como professores*, publicada em 24 de maio de 2023

Nessa, a reportagem transforma a crise docente em problema de "escolha individual", ignorando políticas que desvalorizam a profissão. Ao destacar que 19% dos formandos rejeitam a carreira, o texto sugere uma decisão racional, não um sistema que expulsa talentos.

A ênfase na "vocação" como motivação principal (35%) reforça o estereótipo do professor como missionário, não como profissional qualificado. Essa narrativa justifica baixos salários. E ainda, ao contrastar a realidade das escolas particulares ("mensalidades altas") com a pública, a matéria normaliza a desigualdade como inevitável. A exceção vira regra desejável, enquanto a precariedade da maioria é apresentada como fatalidade.



Figura 10 - Alunos no intervalo das aulas na escola estadual Primo Bitti, em Aracruz (ES) - Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/05/19-dos-formandos-em-licenciaturas-nao-querem-trabalhar-como-professores.shtml>. Acessado em 15 de dez. 2024.

A narrativa que contrasta as "boas condições" de escolas particulares com a precariedade da rede pública naturaliza a mercantilização da educação como única saída viável. Ao citar o relato de uma professora de instituição privada como exemplo positivo,

a matéria reforça a lógica perversa de que a dignidade docente é privilégio de poucos, não um direito universal. Abordagens assim tornam invisíveis as lutas históricas por melhores condições nas escolas públicas, acabam por legitimar a desigualdade como um dado invariável, desvinculando-a de decisões orçamentárias e políticas de desmonte.

A reportagem fala sobre professores abandonando a profissão, mas não mostra o que o governo está fazendo para melhorar isso. Falta entrevistar autoridades do Ministério da Educação ou apresentar números sobre investimentos na formação de professores. A ausência de vozes do Ministério da Educação ou de especialistas em políticas públicas na reportagem é sintomática: ao não exigir respostas do poder público, o jornalismo reproduz a mesma omissão que deveria denunciar. Se o texto tivesse investigado, por exemplo, o descumprimento do piso salarial nacional ou a falta de implementação do Plano Nacional de Educação (PNE), poderia ter exposto as responsabilidades institucionais pela crise. Em vez disso, traz um discurso que culpa os próprios professores, seja por "falta de vocação", seja por "desistência", perpetuando a imagem depreciativa de que a docência é um sacrifício, não uma carreira digna de valorização material e simbólica.

3.1.9. Reportagem 9 - Título: *Desistência atinge 7 em cada 10 alunos de formação de professores em exatas*, publicada em 31 de maio de 2023

A reportagem em questão delineia um cenário preocupante quanto à formação docente, contudo, abstém-se de empreender uma análise crítica das estruturas sociais subjacentes. Os dados alarmantes, que indicam a desistência de sete em cada dez profissionais, são apresentados como mera fatalidade, sem contextualização adequada. A linguagem empregada, repleta de termos técnicos como "taxas de desistência" e "índices preocupantes", reduz questões humanas complexas a meras estatísticas. Nota-se flagrante ausência de depoimentos dos egressos que abandonaram a carreira; e investigação aprofundada sobre os determinantes estruturais desse êxodo profissional. Tal abordagem superficial falha em cumprir o papel social do jornalismo, que deveria elucidar causas e propor reflexões.

Ao destacar que 45% dos professores de física não têm formação adequada, a matéria provoca a profissão, mas não pergunta quem deixou o problema do jeito que está. É mais fácil culpar as vítimas do sistema do que questionar o sistema que produz vítimas.



Figura 11 - Estudantes durante aula na escola estadual Maestro Fabiano Lozano, na zona sul de São Paulo
- Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/05/19-dos-formandos-em-licenciaturas-nao-querem-trabalhar-como-professores.shtml>. Acessado em 15 de dez. 2024.

O texto da reportagem transforma professores em vítimas passivas de um sistema que não ousam nomear. A ausência de entrevistas com egressos que migraram para outras áreas, por exemplo, oculta as razões políticas por trás dessa diáspora: salários aviltantes, turmas superlotadas e a crescente militarização das escolas. A reportagem, assim, naturaliza o êxodo como se fosse um fenômeno natural, e não o resultado de décadas de políticas educacionais neoliberais.

Em vez de questionar por que o Estado tolera essa irregularidade, o texto culpa indiretamente os próprios docentes pela "falta de qualificação". Essa inversão é sintomática: a imprensa hegemônica frequentemente responsabiliza os trabalhadores pela crise que sofrem, como se a profissão fosse um poço de incompetência, e não um espelho do abandono estatal. A vítima vira culpada, e o poder público, isento. No final, a solução aparece como nota de rodapé: mais bolsas do Pibid. Como se isso pudesse resolver o problema de décadas de descaso, tal menção superficial ao Pibid como "solução" revela a incapacidade da reportagem de enfrentar o cerne do problema. Ampliar bolsas é insuficiente quando a raiz da crise está na desvalorização salarial, na falta de planos de carreira e na ausência de políticas sérias de formação continuada. A mensagem que fica? Ensinar é um castigo, não uma carreira. E assim o jornalismo reproduz o mesmo desprezo social que deveria denunciar, ou seja, o jornalismo reproduz o mesmo discurso que

desanima os jovens a seguir a carreira, perpetuando o ciclo de escassez que deveria combater.

3.1.10. Reportagem 10 - Título: *Professoras se dividem sobre voltar à escola após ataque*, publicada em 11 de maio de 2023

A reportagem em questão, ao narrar o trágico ataque em Aracruz, utiliza-se de um discurso que, aparentemente objetivo, reforça estereótipos e representações sociais que depreciam o trabalho docente no Brasil.



Figura 12 - Aristênia Martim, de 51 anos, foi atingida por 14 tiros desferidos por ex-aluno de escola em Aracruz (ES) - Karime Xavier / Folhapress. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/05/ele-nao-tirou-minha-vida-mas-levou-minha-profissao-diz-professora-vitima-de-ataque-em-escola.shtml>. Acessado em 15 de dez. 2024.

A imagem da professora Aristênia Martim acima, vitimizada por um ex-aluno, é construída de maneira a enfatizar sua fragilidade e impotência, como se a docência fosse uma profissão intrinsecamente vulnerável e sem valor. O título "Ele não tirou minha vida, mas levou minha profissão" sugere que a identidade da professora está irremediavelmente vinculada ao espaço escolar, e que, sem ele, ela perde não apenas seu sustento, mas também seu propósito existencial.

Além disso, a reportagem explora a figura do estudante agressor como um produto de falhas sistêmicas, psicológicas, familiares, sociais, mas pouco questiona as condições estruturais que perpetuam a violência nas escolas. A violência, mencionada por outra professora entrevistada, é apresentada como um fenômeno comum, quase como um destino sem volta da educação brasileira. Os jornalistas não aprofundam as raízes desse problema: a precarização do ensino, a falta de investimento em políticas de saúde mental, a desvalorização crônica dos profissionais da educação. Em vez disso, o texto recai sobre o emocionalismo, transformando as vítimas em símbolos de um sistema falido, mas sem apontar caminhos para sua transformação. A escola é retratada como um espaço de risco, e os professores, como mártires de uma causa perdida, o que reforça a descrença na educação pública.



Figura 13 - Thaís, 14, vítima do ataque em Aracruz, com os pais Juliana Ribeiro e Almir da Silva - Karime Xavier /Folhapress. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/05/ele-nao-tirou-minha-vida-mas-levou-minha-profissao-diz-professora-vitima-de-ataque-em-escola.shtml>. Acessado em 15 de dez. 2024.

Por fim, a reportagem não problematiza o papel da mídia na construção dessas representações. Ao destacar o sofrimento individual das professoras, o texto ignora como a cobertura sensacionalista de casos como esse contribui para a estigmatização da escola como um lugar perigoso e dos professores como vítimas eternas. A ausência de uma análise crítica sobre as políticas de segurança escolar ou sobre o acesso a armas no Brasil revela um discurso superficial, que prefere o impacto emocional à reflexão estrutural.

A reportagem, ao retratar o ataque em Aracruz, reproduz uma narrativa que, embora busque comover, acaba por reforçar estereótipos que desvalorizam a docência. Em vez de apresentar a professora Aristênia Martim como uma profissional docente, o texto a reduz à condição de vítima frágil, como se a violência sofrida definisse toda a sua identidade e carreira. O título "Ele não tirou minha vida, mas levou minha profissão", ainda que emocionalmente impactante, sugere que o sentido de sua existência estaria circunscrito ao espaço escolar, ignorando sua capacidade de reconstrução e resistência.

Uma cobertura verdadeiramente responsável deveria, sim, denunciar as agruras da profissão, mas também destacar a luta coletiva por melhores condições, questionar políticas públicas falhas e, sobretudo, humanizar os docentes sem os reduzir à vulnerabilidade.

3.2. Análise prototípica e gráficos

As condições de trabalho docente que são relacionadas a infraestrutura precárias das escolas públicas no país é um problema que retrata a falta de iniciativa do poder público em corrigir essa situação. Na reportagem analisada: *Professores apontam falta de estrutura e de recursos em escolas públicas do país*, os docentes denunciam a falta de infraestrutura básica para o desenvolvimento do trabalho docente.

A professora Martha Pessoa, 46, docente da rede municipal de Búzios no interior do Rio de Janeiro diz: “a gente escuta esse discurso de que o professor tem que se atualizar, oferecer uma aula do século 21. Mas chegamos à escola e não temos nada que permita isso. Às vezes até papel sulfite para passar uma atividade para os alunos. Depois ouvimos que o problema da educação é o professor mal preparado”. Essa mesma professora relata, ainda, que devido a reforma do prédio da escola em que leciona ela e seus alunos foram acondicionados em um contêiner coberto por uma lona, ela ainda relata que passa muito calor por lecionar dentro de uma lata e que o barulho das outras salas atrapalha o desempenho de suas atividades. A ideia representada nesse contexto possivelmente é de que a desvalorização da educação do docente perpassa inevitavelmente pela falta de infraestrutura que compromete de forma substancial o trabalho docente.

Essa realidade tem estreita relação com a discussão trazida por Silva e Fischer (2023) no sentido de que, além dos baixos salários e dos sinais evidentes de desvalorização da educação e dos professores no Brasil, outro fator que reforça essa

realidade é a forma como os docentes têm sido retratados publicamente ao longo da história. Essas representações, muitas vezes disseminadas de maneira intencional e sistemática, contribuem para a construção de uma imagem desfavorável da profissão, reforçando estereótipos e perpetuando a falta de reconhecimento social e oficial em relação ao trabalho dos educadores.

Como também articulado nas seções anteriores, A associação do trabalho docente a ideias como sacrifício, sacerdócio, amor incondicional pela profissão e comparações ao trabalhador operário tem sido usada como uma estratégia coercitiva para justificar os baixos salários e as condições precárias enfrentadas pelos professores. Esses discursos reforçam a ideia de que os educadores devem aceitar tais condições por amor à profissão e pelo compromisso de formar as futuras gerações, naturalizando a exploração e a falta de valorização desses profissionais. Essa narrativa foi intencionalmente adotada pelos gestores do sistema público de educação, em todas as esferas governamentais, como uma forma de persuadir os professores a aceitarem sua realidade sem questionamentos, negligenciando as más condições de trabalho que enfrentam diariamente.

A mídia desempenha um papel central nesse processo, ao disseminar amplamente essas representações sociais por meio da comunicação de massa. Conforme Giddens (1990, *apud* Braga, 2016), os meios de comunicação aceleraram três processos sociais: a difusão do conhecimento científico no cotidiano, promovendo diferentes perspectivas sobre os fenômenos; a produção e transformação de representações pelos coletivos; e a intensificação da reflexividade, ou seja, o aumento do autoquestionamento sobre fenômenos sociais, instituições e identidades, contribuindo para crises identitárias. Dessa forma, as representações do professor como um profissional que se doa por amor à profissão circulam socialmente, moldando a percepção coletiva e reforçando estereótipos que dificultam a valorização e o reconhecimento desses profissionais.

A professora Martha em sua entrevista ainda diz: *A gente não tem recurso disponível para tornar a escola mais atrativa. O professor fica com toda a responsabilidade, sem nenhum apoio*". Ela leciona para a turma de 3 ano do ensino fundamental, em outra fala: *É uma fase que o ensino precisa ser lúdico, não adianta só ter livro e apostila. Se eu quiser algo diferente, eu mesma preciso fazer*". Conforme relatado nas seções anteriores, a desvalorização do papel do professor no Brasil é uma realidade histórica que precisa ser amplamente debatida, tendo se intensificado especialmente após a ditadura militar, durante o governo de Fernando Collor de Mello, em 1990. Nesse período, a abertura do mercado brasileiro ao capital estrangeiro marcou

o início da chamada Reforma do Estado, que trouxe mudanças significativas nas políticas públicas, muitas vezes em detrimento da valorização dos profissionais da educação, consolidando um cenário de precarização e desprestígio da profissão docente.

Dessa forma, foram implementados programas de privatização em diversos setores governamentais, como saúde e educação, incorporando ideias neoliberais de redução de programas sociais, especialmente nessas áreas. Essa mudança impactou diretamente o trabalho dos professores, gerando consequências negativas para a profissão. Tais interferências contribuíram para a precarização das condições de trabalho docente, afetando significativamente sua atuação e valorização.

Grupamento	Menção
Condições de Trabalho	18
Atratividade da Profissão	14
Violência Física	12
Questões de Governo	10
Reflexos da pandemia	7
Qualidade da Educação	1

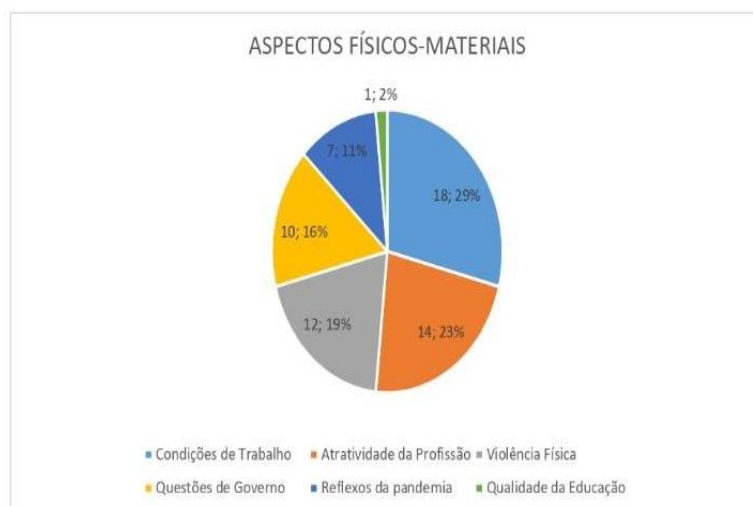


Gráfico 1: Aspectos Físicos-materiais (elaborado pela autora)

Ao analisarmos as evocações do gráfico 1 temos a segunda evocação mais mencionada, que é relacionada a atratividade da profissão. Nesse aspecto as reportagens analisadas são: *Desistência atinge 7 em cada 10 alunos de formação de professores em exatas*, e *19% dos formandos em licenciaturas não querem trabalhar como professores*.

A combinação de salários baixos e más condições de trabalho gera um efeito de afastamento, desencorajando novos profissionais a ingressarem na carreira docente e aumentando o risco de uma escassez de professores. Conforme dados apresentados na reportagem, 19% dos formandos em licenciaturas não desejam atuar como professores, e um estudo do Semesp, entidade que representa faculdades particulares em São Paulo, estima que o país poderá enfrentar um déficit de 240 mil professores até 2040. Esses números estão diretamente relacionados à questão da remuneração insuficiente e das condições precárias de trabalho.

Nesse contexto, a mídia desempenha um papel relevante, pois as representações sociais que circulam veiculam ideias que nem sempre são favoráveis aos docentes, reforçando estereótipos e dificultando a valorização da profissão.

Nessa mesma reportagem a fala de Claudia Costin diretora do centro de políticas educacionais da FG diz que: *"Com a desvalorização da profissão docente, o Brasil criou um funil para a formação de novos profissionais. Primeiro, não consegue atrair os jovens para a carreira, depois não garante que, muitos dos que entraram em licenciatura, se formem. E ainda não consegue convencer quem se formou a seguir na profissão"*.

As condições adversas enfrentadas pelos profissionais em diversas cidades brasileiras (que na maioria das vezes são precárias) contribuem para a desistência desses novos profissionais. Aliado a isso a má remuneração e a ideia que circulam entre os pais, de que os professores são profissionais que devem não se atentar as demandas financeiras ou as más condições de trabalho, pois são verdadeiros “salvadores” da sociedade. A sobrecarga de trabalho também é um fator condicionante que repele os novos profissionais, a inserção das TICs no com texto educacional (principalmente no período pandêmico) favoreceu a intensificação do trabalho docente e muitas vezes fez com o horário de trabalho se estendesse para além dos muros da escola afetando negativamente a qualidade de vida e sua individualidade. Sobre isso Fidalgo (2009, p. 105-106) aponta que:

O espaço-tempo de seu trabalho parece sofrer uma grave otimização, que se manifesta centralmente no espaço doméstico, onde os outros membros do convívio íntimo do lar passam a ter que dividir o tempo e o espaço de suas relações e trocas (que a priori deveriam ser do outro) com o computador e o telefone celular. O mais importante é enfatizar que esses novos aparatos maravilhosos da vida tecnologizada não mantem um laço racional com o tempo, pois estão disponíveis durante todo o dia, para receber chamadas telefônicas (é como se não existisse hora limite para o telefone tocar), notificar o recebimento de mensagem por e-mail, e por que desliga-los se sempre resta a dúvida: será algo importante? (2009, p. 105-106).

O trecho busca explicitar a realidade vivida por milhares de profissionais docentes no país. A vida tecnologizada fez com que esse profissional saísse da escola mas a escola não saísse dele pois são tantos relatórios para preencher, tantas plataformas para alimentar, atividades para corrigir, aulas para serem elaboradas, avaliações para serem produzidas que acabam por atrapalhar significativamente a vida privada e familiar desses profissionais.

A crescente exigência por qualificações periódicas desses profissionais é outro quadro elementar da intensificação do trabalho docente, quando esse profissional não está trabalhando virtualmente ou na instituição de ensino com os alunos, ele está realizando qualificações de forma presencial ou não no sentido que se qualificar constantemente, exigência essa atribuída em sua maioria pelos locais de trabalho, mas que infelizmente esse docente não recebe a mais pelas constantes qualificações que vem realizando ao longo de sua carreira. A questão salarial também se relaciona com a atratividade da profissão, sobre isso (Fidalgo, 2009, p. 105) aborda que:

Os contracheques desses professores apresentam um “amontoado” de pequenas gratificações que não são incorporadas oficialmente como salário, justamente porque representam o “fiel da balança” nos relatórios de avaliação de produtividade (Fidalgo, 2009, p. 105).

O salário do professor vem sendo paulatinamente associado aos resultados obtidos nas avaliações externas a que seus alunos são submetidos visando extrair desses resultados vantagens políticas que acabam sendo utilizadas de forma estratégica por governos para refletir para a sociedade que seus mandatos políticos têm sido “eficientes” no sentido de trazer mais qualidade a educação. Em contrapartida temos um profissional que vem sofrendo com a intensificação de seu trabalho, que é desvalorizado de forma intencional pelos governos, que tem desenvolvido estresse laboral preocupante, e que tem na mídia um aliado no processo de desvalorização.

Na página a seguir é apresentado o gráfico intitulado “Aspectos Físicos-Materiais” que deu origem a coleta das evocações das reportagens analisadas e abaixo do gráfico a imagem sobre a infraestrutura foi retirada da reportagem intitulada *Professores apontam falta de estrutura e de recursos em escolas públicas do país*.

No segundo gráfico intitulado “Aspectos Psicológicos/Morais” temos como principal evocação emitida a palavra “violência”. A violência foi a palavra mais lembrada nas reportagens que foram analisadas e que originaram esse gráfico. Na reportagem, intitulada *Ele não tirou minha vida, mas levou minha profissão*, a professora que foi entrevistada, Aristênia Martim, de 51 anos, atingida por 14 tiros desferidos por ex-aluno de escola em Aracruz Na manhã de 25 de novembro, estava na sala dos professores com os colegas quando foi atingida por 14 tiros desferidos por um ex-aluno. Poucos minutos depois, Juliana Pessotti Ribeiro, 43, dava aula em uma escola vizinha quando ouviu os

disparos de uma arma de fogo que atingiram sua filha Thaís, 14, que estudava na mesma unidade.

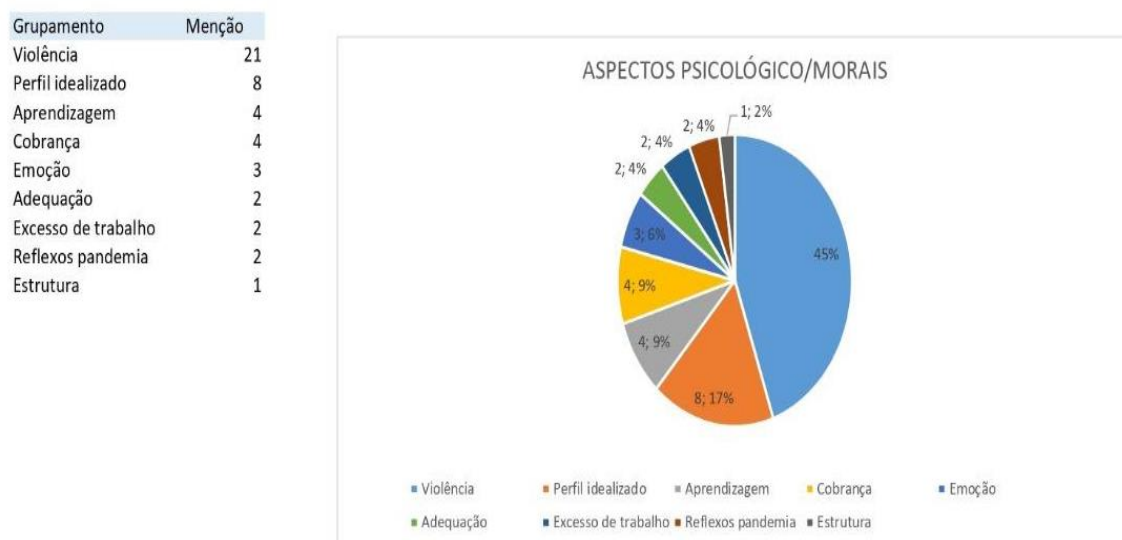


Gráfico 2: Aspectos Psicológicos-morais (elaborado pela autora)

A violência física e psicológica enfrentada diariamente pelos professores é um fator que compromete gravemente sua saúde mental e contribui para o abandono da carreira docente. Conforme a análise da reportagem, muitos profissionais relatam sentir medo de retornar ao ambiente escolar, o que impacta não apenas seu bem-estar, mas também o funcionamento das instituições de ensino, devido às ausências frequentes. Trabalhando em um clima constante de tensão e insegurança, os docentes desenvolvem problemas como estresse laboral, mal-estar docente e síndrome de burnout, resultando em um desgaste mental progressivo.

Esse cenário é agravado pela realidade de salas de aula superlotadas, falta de infraestrutura básica e exposição contínua à violência por parte de alunos, responsáveis e, em alguns casos, até da gestão escolar. Nos últimos anos, o exercício da docência no Brasil tem sido marcado por práticas violentas, criando um clima de "terror" dentro das escolas. Essa situação gera um ciclo de estresse e ansiedade que afeta tanto os professores quanto os alunos, impactando negativamente toda a comunidade escolar e reforçando a urgência de medidas para combater essa realidade.

Os professores frequentemente relatam sintomas como fadiga intensa, isolamento social, estresse crônico e falta de prazer no trabalho, sinais claramente associados à síndrome de Burnout. Além disso, a falta de tempo para se dedicar a atividades essenciais,

como exercícios físicos, alimentação balanceada e acompanhamento terapêutico, dificulta a manutenção de uma qualidade de vida adequada. Lipp (1996) ressalta que o estresse, embora não seja a causa direta de doenças, pode desencadear problemas de saúde em pessoas predispostas ou enfraquecer o sistema imunológico, facilitando o surgimento de doenças oportunistas.

Outro fator agravante é a questão econômica, que muitas vezes impede os docentes de investir em práticas voltadas para o bem-estar físico, psicológico e emocional, devido aos custos envolvidos. Essa combinação de estresse crônico, falta de tempo e limitações financeiras cria um ciclo vicioso que prejudica ainda mais a saúde dos professores, reforçando a necessidade de políticas e ações que promovam melhores condições de trabalho e qualidade de vida para esses profissionais.

E no contato com seus pares, com os alunos, que o professor constrói sua identidade profissional como já foi dito em seções anteriores é mediante esse contato que ele constrói sua identidade, a reflexão sobre sua práxis é parte elementar desse processo que forma e transforma a todo tempo sua subjetividade. Então se o professor constrói sua identidade e sua subjetividade no contato com seus alunos e colegas e é no ambiente escolar significa dizer que essa identidade profissional vem sendo perpassada pela violência que se instalou nas instituições escolares no país.

Sua identidade profissional vem sendo construída com base na crescente intensificação de seu labor (como foi dito em seções anteriores) que ultrapassa os muros das escolas e abrange uma significativa parcela de seu tempo, que poderia ser destinado a convivência familiar e atividades de lazer. Mas, infelizmente tem de lidar com a relação violenta com discentes e suas famílias. Professores enfrentam uma realidade desgastante, marcada pela perda de saúde física e mental, em meio a relações conflituosas com governos e sindicatos que, muitas vezes, contribuem para a precarização da profissão. A remuneração atrelada à carga horária excessiva e a falta de infraestrutura adequada nas escolas são fatores que agravam o adoecimento desses profissionais, criando um ambiente de trabalho que desvaloriza e desgasta quem dedica sua vida à educação.

Essa combinação de condições precárias e pressões institucionais resulta em um cenário onde os docentes veem sua saúde deteriorada, tanto física quanto emocionalmente. A ausência de suporte adequado e a falta de reconhecimento financeiro e estrutural reforçam um ciclo de desmotivação e esgotamento, evidenciando a urgência de políticas que priorizem o bem-estar e a valorização dos professores.

A intensificação do trabalho docente coaduna com a ideia de sociedade do desempenho conceito cunhado por Byung-Chul Han (conceito já discutido nas seções anteriores). Han (2015) relata *que a violência sistêmica inerente a sociedade de desempenho produz infartos psíquicos*. E ainda,

O que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, *mas a pressão de desempenho*. Vista a partir daqui, a Síndrome de Burnout não expressa o si-mesmo esgotado, mas ante a alma consumida (Han, 2015, p. 27).

O docente do século XXI é um trabalhador que apresenta a sobrecarga de excesso de trabalho em suas vidas e também um trabalhador seduzido pelas ideias de “liberdade” de que são altamente “capazes”, “produtivos” e possuidores de “iniciativa” amplamente disseminada na sociedade do desempenho, produzindo indivíduos que adquirem patologias neurais doenças psicológicas por conta de alcançar metas, de serem motivados o tempo todo, de executarem projetos e acabam se tornando carrascos de si mesmo doentes, “empresários de si mesmo” e fracassados.

Alain Ehrenberg localiza a depressão na passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de desempenho: “A carreira da depressão começa no instante em que o modelo disciplinar de controle comportamental, que, autoritária e proibitivamente, estabeleceu seu papel às classes sociais e aos dois gêneros, foi abolido em favor de uma norma que incita cada um à iniciativa pessoal: em que cada um se comprometa a tornar-se ele mesmo. [...] O depressivo não está cheio, no limite, mas está esgotado pelo esforço de ter de ser ele mesmo” [10]. Problematicamente, Alain Ehrenberg aborda a depressão apenas a partir da perspectiva da economia do si-mesmo. O que nos torna depressivos seria o imperativo de obedecer apenas a nós mesmos. Para ele, a depressão é a expressão patológica do fracasso do homem pósmoderno em ser ele mesmo. Mas pertence também à depressão, precisamente, a carência de vínculos, característica para a crescente fragmentação e atomização do social (Han, 2015, p. 26-27).

Nesse sentido, nota-se que esse excesso de positividade se torna uma prática de violência no séc. XXI, conhecida como “violência neuronal”, que geram infartos psíquicos pelo excesso de estímulos (sons, imagens, etc.) que recebemos diariamente, dificultando um contemplar mais profundo do ser humano, o que requer tempo de auto-atenção, isso origina uma atenção difusa, rasa sem profundidade. O tédio profundo é importante no processo criativo, ele nunca se mostrou tão importante como nos tempos em que vivemos. O tédio profundo proporciona o descanso da alma, intensamente

“sacolejada” pela hiper positividade. O cansaço se manifesta no coletivo, porém de forma solitária. O fato que nos constrange a ser o tempo todo superprodutivos, estimulados, motivados ocasiona o surgimento das doenças neuronais como estresse, depressão, síndromes dentre outras, devido ao excesso de positividade a que esse indivíduo é submetido diariamente.

A mídia tem um papel importante na disseminação de ideias sobre a violência escolar na sociedade contribuindo para a mesma seja tratada como ato imediatista. E por ser considerado um ato imediatista a violência prolifera ideias do senso comum e que muitas vezes não condizem com a verdade dos fatos. Jessé de Souza (2016, p. 114), diz que:

Uma imprensa parcial e comprada é, portanto, decisiva para a qualidade da democracia em uma sociedade moderna. Ela tem o poder de distorcer sistematicamente a percepção dos problemas sociais, e de, em circunstâncias favoráveis pautar o que deve ser discutido e como dever ser discutido. [...] O poder da imprensa na sociedade midiática moderna não é ilimitado mas é decisivo (Souza, 2016, p. 114).

A mídia aliada aos interesses governamentais tem sido veículo de propagação de ideias negativas acerca dos professores. Essas ideias lançam para a população que o docente é um profissional desqualificado, invalidando assim o papel desse profissional e, conseqüentemente, desvalorizando-o perante a sociedade.

A mídia dominante impõe uma espécie de "ditadura do pensamento", restringindo a capacidade dos cidadãos de refletir criticamente e tomar decisões conscientes, ao limitar o debate a um conjunto estreito de ideias. Essa homogeneização do discurso midiático não só enfraquece os princípios democráticos, como também reforça desigualdades sociais, ao invés de fomentar a pluralidade de opiniões e o diálogo democrático, essenciais para uma sociedade mais justa e inclusiva.

No terceiro gráfico intitulado “Consequências” temos como principais evocações emitidas as palavras: evasão docente e estudantil, afastamento da família na escola, baixo resultado educacional, alunos desmotivados e saúde do professor foram as evocações mais emitidas.

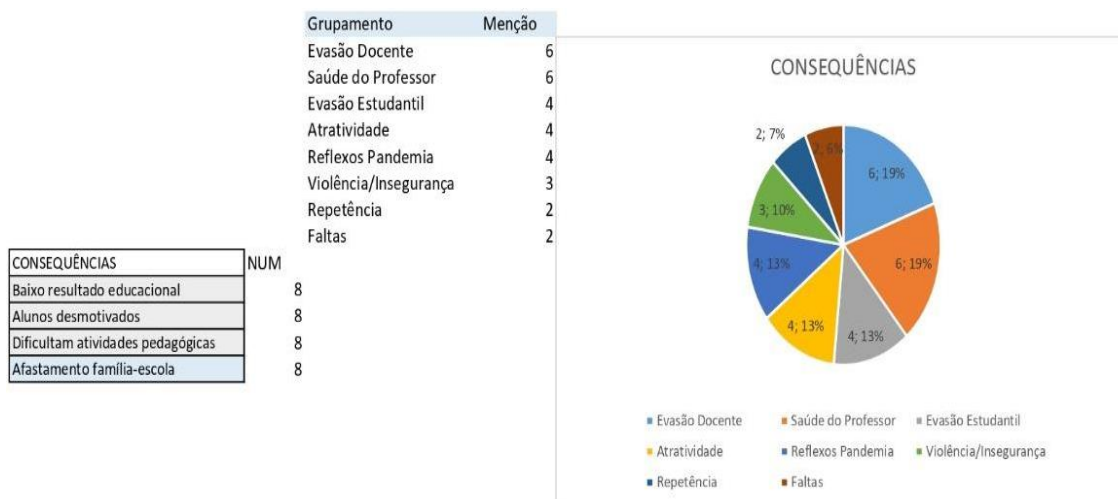


Gráfico 3: Consequências (elaborado pela autora)

De todas elas a evasão tanto docente quanto estudantil foram as palavras mais lembradas nas reportagens que foram analisadas e que originaram esse gráfico. As reportagens analisadas foram: *Um terço dos professores trabalham com de 300 alunos por ano*; *Pandemia agravou tensões e professor é cobrado em múltiplas frentes*; e *Salário do professor não aumenta mais do que 50% até o final da carreira*, publicadas em maio de 2023.

Nas reportagens analisadas o excesso de trabalho docente aliado ao número excessivo de alunos e o salário baixo são as vertentes que convergem em evasão dos profissionais docentes da profissão. Muitos professores tem estudado, se aperfeiçoado para abandonar a profissão docente devido as péssimas condições de trabalho, o abandono das famílias e ou a péssima relação que existe entre escolas e famílias também são fatores que se correlacionam com a evasão docente. A infraestrutura (conforme foi relatado nas reportagens) também se torna veículo que auxilia na evasão estudantil.

O período pandêmico fez com que as instituições escolares ficassem fechadas por quase dois anos o que descortinou vários problemas (violência doméstica, luto, fome, desemprego etc.) , mas um problema ficou evidente a falta de acesso à tecnologia por parte da maioria das famílias que muitas vezes possuíam apenas um único aparelho de telefone (ou muitas vezes nem um) para acompanhar as aulas remotas que aconteceram pelo país a fora o que obrigou professores e instituições de ensino a pensarem outras estratégias de alcance desses alunos que ficaram completamente desassistidos pedagogicamente falando. A frase da reportagem *Pandemia agravou tensões* entre

famílias e escola, nela diz: “Absentéismo e evasão aumentam: numerosas famílias não conseguem assegurar nem sequer a frequência escolar dos filhos”.

Os problemas citados acima, como fome, violência doméstica, desemprego, luto afastaram muitos estudantes do espaço educacional em alguns casos, obrigando-os a trabalharem para auxiliar a renda doméstica o que resultou no abandono dos estudos e em muitas vezes na morte da esperança de poder mudar de vida por meio dos estudos.

Mais uma vez, os professores precisaram se adaptar para manter o trabalho pedagógico, transformando suas casas em estúdios improvisados para gravar, editar e produzir aulas a distância, evitando que o ensino fosse interrompido e que a já frágil relação professor-aluno se desintegrasse. Essa nova dinâmica aumentou ainda mais a sobrecarga desses profissionais, enquanto as desigualdades sociais, antes veladas, tornaram-se evidentes e ainda mais profundas, expondo desafios que vão além da educação.

A precarização do trabalho docente, a redução de investimentos na educação, a ruptura do consenso social sobre a educação, a retração de outros agentes educativos e a ampliação das exigências educativas [...], todos esses processos aparecem traduzidos e materializados na desvalorização da educação, ou seja, na desvalorização do seu espaço de trabalho, de sua atividade e de si mesmos. Essa é sem dúvida uma fonte de sofrimento para os docentes (Keunzer e Caldas, 2009, p. 31).

A intensificação do trabalho docente aliado a estrutura deficitária e a baixa salarial se torna fatores preponderantes que auxiliam significativamente ao processo de abandono da profissão que se caracteriza na desvalorização da profissão que tem ainda como seu aliado a mídia que se encarrega de dissipar ideias negativas acerca dos professores e que tem contribuído para deturpação da representatividade da profissão perante os próprios professores. Somado a isso a transferência de responsabilidade imposta pelos governos ao bom andamento ou não nas avaliações a que são submetidos os alunos, colocam de forma sistêmica a culpa pelo sucesso ou fracasso a que são submetidos.

Na reportagem *Um terço dos professores brasileiros trabalha com mais de 300 alunos por ano* diz que o número excessivo de estudantes dificulta para o professor acompanhar sistematicamente as dificuldades pedagógicas dos alunos, identificar e auxiliar o processo de construção do conhecimento o que tem impacto direto nas avaliações a que estão submetidos os alunos. Também dificulta identificar possíveis situações a que esses estudantes estão propensos como violência doméstica, abandono,

abusos e outros devido a realidade de salas cheias e a dinamicidade de lidar com várias salas em um curto período.

Ainda segundo a reportagem, os professores brasileiros tem em média 50% a mais de alunos do que professores de países como os Estados Unidos, França e Japão onde a média de estudantes por professor é de 200 alunos/ano. A recomendação segundo a CNTE é de 300 alunos. Esses dados mostram que o professor brasileiro tem um número absurdo de alunos por turma e a carga horária excessiva muitas vezes trabalhando em duas redes, dois ou três turnos para manter uma remuneração condizente, por imposição de salários baixos o obriga a trabalhar demasiadamente o impedindo assim de perceber situações (com os discentes) como as mencionadas acima.

Sobre isso, Keunzer e Caldas (2009, p. 33-34) afirmam que:

Exige-se dos educadores que desenvolvam “competências para suprir, em um escola precarizada, com condições de trabalho cada vez piores, as deficiências culturais e cognitivas decorrentes da origem de classe dos alunos”, num contexto de agravamento das condições sociais e redução de investimentos públicos. Com isso, os educadores acabam se sentindo isolados, sem o aporte adequado das políticas educacionais e demais políticas sociais, no enfrentamento dos problemas trazidos pelas relações sociais (Keunzer e Caldas, 2009, p. 33-34).

Esses são fatores condicionantes que auxiliam os profissionais docentes a optar por mudança de carreira. Há aqui ainda o fator da desvalorização salarial que é um outro fator condicionante que levam esses profissionais a buscarem outras formas de aumento de renda pois a desvalorização salarial atrelada a intensificação do trabalho para atender as demandas de mercado a que a educação foi imposta tem feito com que esse profissional opte por mudança de carreira ou a não querer exercer a profissão após a conclusão da graduação na licenciatura.

Ademais,

Essa somatória de fatores gera um grave processo de intensificação do trabalho, pelo acúmulo e diversificação de funções e sobrecarga de jornadas de trabalho, em estreita relação com as condições salariais. A intensificação de trabalho representa uma das formas tangíveis pelas quais os privilégios do trabalho dos trabalhadores educacionais são degradados. Ela tem vários sintomas, do trivial ao mais complexo: desde não ter tempo sequer para ir ao banheiro, tomar uma xícara de café, até a falta total de tempo para conservar-se em dia com sua área (Keunzer e Caldas, 2009, p. 33-34).

Na reportagem *Salário do professor no Brasil não aumenta mais que 50% até o final da carreira* foi apresentado uma pesquisa realizada pelo Movimento Profissão Docente com informações das secretarias estaduais de Educação em setembro de 2022 onde o entrevistado Haroldo Rocha coordenador do Movimento Profissão Docente diz que: “Não tem como esperar um professor motivado sem amplitude de carreira. Pagar o mesmo salário de quem está entrando na profissão significa desconsiderar a experiência, o conhecimento que o docente adquire em sala de aula. É muito desmotivador”.

A relação entre salário recebido e trabalho realizado tem se mostrado como fator condicionante de desistência da profissão por parte de muitos profissionais além de gerar (em certos casos quando comparados com outras profissões) um sentimento de inferioridade que é agravado com a forma como a sociedade enxerga esse profissional. Aliados aos outros fatores já citados como relação difícil com discentes, violência constante nas instituições de ensino, absenteísmo dos discentes, intensificação do trabalho, relação desgastante com governos e outros fazem com que esses profissionais queiram cada vez mais abandonar a profissão.

Sem perspectiva de aumento salarial os docentes tem procurado outras alternativas de trabalho e abandonado a profissão é o que a professora Paola Costa, professora da rede estadual do Rio Grande do Sul, entrevistada na reportagem *Salário do professor no Brasil não aumenta mais que 50% até o final da carreira* diz que:

Em dez anos como professora do estado, eu recebi salário com atraso, fiquei anos com os salários congelados. O melhor que pode acontecer é receber o reajuste da inflação em cima de uma remuneração que é muito baixa”, conta Paola, que atuava na rede estadual do Rio Grande do Sul. “Eu amo dar aula, amo estar com os alunos, mas não dava mais para continuar sem prejudicar a minha saúde. O salário é baixo, o volume de trabalho é excessivo e sem as mínimas condições adequadas. É uma somatória muito cruel com o professor”, diz. Ela deixou a docência para trabalhar na área de comunicação.

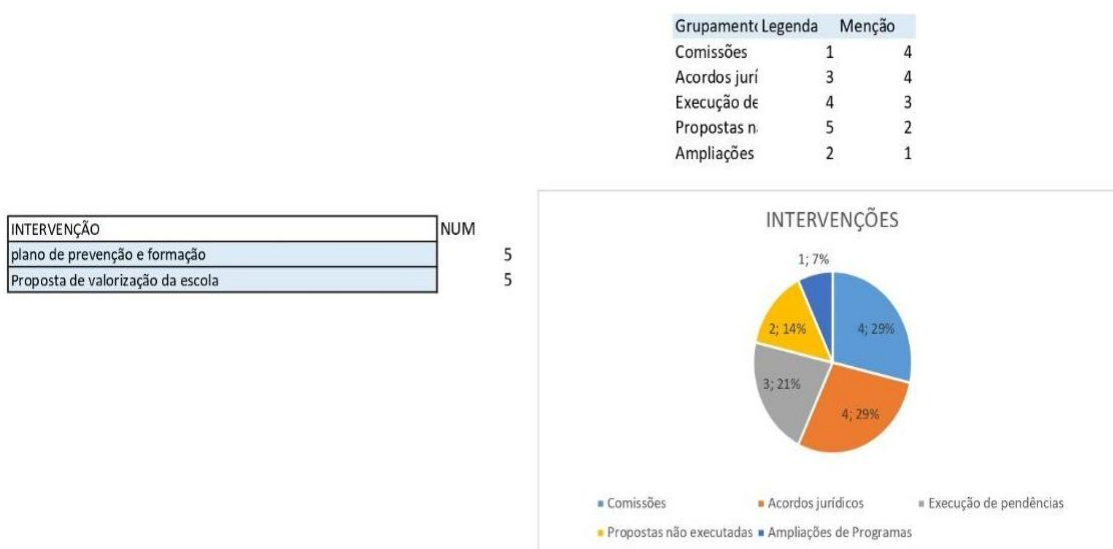
Nesse sentido, Kuenzer e Caldas (2009, p. 3) apontam que:

O rebaixamento salarial , além do mais , acarreta a limitação do padrão de vida dos professores , acentuando a tendencia ao acumulo de jornadas de trabalho bem como o “estreitamento das estrategias para se lidar com os problemas do cotidiano (“ CODO 1999 , P.354 *apud* Kuenzer e Caldas 2009 p 3e no livro de Nara fidalgo), ou seja, a falta de dinheiro fez com que os professores não possam contar com determinados bens ou serviços que facilitam as condições de vida , “

acentuando a carga de trabalho e o sentimento de vulnerabilidade do trabalhador” (Kuenzer e Caldas, 2009, p. 3).

O professor enquanto trabalhador afetado pela acumulação flexível se vê obrigado a trilhar novas possibilidades de trabalho que não seja a sala de aula devido a salários que ficam congelados por anos, defasagem salarial, discrepância entre o profissional recém concursado e o profissional que possui carreira na profissão.

No quarto gráfico, intitulado “Intervenções”, temos como as principais evocações emitidas as expressões, “acordos jurídicos”, “plano de intervenção” e “formação”, proposta de valorização da escola, grupos de trabalho, comissões e execução de pendências. Acordos jurídicos foram as palavras mais lembrada nas reportagens que foram analisadas e que originaram esse gráfico. A reportagem *Indenizações às vítimas de ataques a escolas são baixas*.



A iniciativa governamental segundo a reportagem é de acelerar o processo de propor acordos de indenizações as vítimas dos ataques. Mas o que se esconde por trás desses acordos propostos pelos governos é o baixo valor negociado, a falta de abrangência a todos os afetados e principalmente para evitar uma onda de ações judiciais que seriam em valores mais altos dos que são negociados quando os governos se antecipam á essas negociações.

Ainda segundo a reportagem dos estados onde os atentados aconteceram com mais vítimas, os governos tem se adiantado para evitarem ações individuais onde o valor da

reparação é maior do que o valor recebido conforme dito no parágrafo anterior. O advogado Jose Roberto Covac, especialista educacional citado na reportagem, diz que: *“O poder público opta por se adiantar a apresentar um acordo por ser mais rápido e minimizar custos, já que os processos serão custosos por se arrastar por anos, além de ter um apelo social maior por dar uma solução mais rápida”*. As indenizações preveem cerca de trinta professores e funcionários que serão indenizados que estavam na instituição no momento do ataque ainda que não tenham sido feridos na ação, porém os alunos que estavam no local não estão contemplados no acordo proposto. Os discentes que presenciaram esse momento de ataque precisam ser amparados pelas indenizações tanto quanto os professores e funcionários pois os danos psicológicos oriundos desse momento terrível não são apenas no corpo docente na reportagem é descrito que em pesquisas feitas com a comunidade escolar que vivenciou esses ataques o índice de evasão e absenteísmo de alunos crescem assustadoramente após os episódios de violência como os ataques.

Na reportagem, professores apontam falta de estrutura e de recursos em escolas públicas do país. Um docente (não identificado) de uma escola municipal na zona sul de São Paulo relata que, há três anos, a unidade recebeu equipamentos de multimídia, como computadores e projetores audiovisuais, considerados essenciais sob a perspectiva de governos neoliberais. No entanto, esses dispositivos foram instalados de forma inadequada e, desde então, permanecem inutilizáveis, evidenciando uma negligência administrativa que impacta negativamente o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, privando alunos e professores de recursos tecnológicos fundamentais para a educação contemporânea.

Em resposta à reportagem, a Prefeitura de São Paulo informou que um técnico da empresa responsável pela instalação dos equipamentos será enviado à escola em questão. A administração do prefeito Ricardo Nunes (MDB) destacou ainda que o último reparo no telhado da unidade foi realizado no dia 12 deste mês e que a instituição recebeu R\$ 1,2 milhão para manutenção e pequenos reparos. Essas ações fazem parte de um esforço para garantir que a infraestrutura escolar esteja em condições adequadas, assegurando um ambiente propício ao aprendizado.

A infraestrutura escolar abrange tanto aspectos físicos quanto humanos. No âmbito físico, inclui salas de aula equipadas com ventiladores ou ar-condicionado, energia elétrica, carteiras em bom estado, banheiros funcionais, materiais pedagógicos disponíveis, equipamentos multimídia instalados corretamente, acesso à internet e

merenda escolar de qualidade. Já no aspecto humano, envolve a realização de concursos públicos para preencher vagas de professores e funcionários administrativos, além de profissionais como psicólogos, psicopedagogos e professores de apoio para atender às necessidades especiais dos alunos. Esses elementos, aliados a intervenções estratégicas, são fundamentais para promover uma melhoria na qualidade da educação brasileira, garantindo que as escolas possam atender adequadamente às demandas de toda a comunidade escolar.

Essa falta de recursos para o desenvolvimento do trabalho docente leva ao que Lima *et al* 2023 (p. 292) asseveram:

Se reconhecemos a importância deste trabalhador, os desafios de sua profissão e buscamos oferecer melhores condições de trabalho aos professores, certamente a educação como um todo vai melhorar. [...]Quando as condições de trabalho são adequadas, as chances de o profissional adoecer são menores, ao mesmo tempo, a qualidade da atividade realizada tende a crescer. Logo, a discussão sobre saúde do professor é fundamental para o alcance de melhora da educação, seja ela pública ou privada, e deve ultrapassar os muros das universidades, instituições de pesquisa e similares, chegando até as escolas e até o professor (Lima *et al*, 2023, p. 292).

Na reportagem, após ataque em Aracruz, professores e alunos enfrentam medo, as intervenções descritas pelo secretário de Educação do Espírito Santo (onde ocorreu os ataques descritos na reportagem), Vitor de Angelo disse que todas as demandas da comunidade escolar estão sendo analisadas, disse ainda que há um grupo intersetorial composto pelas secretarias de Educação, Saúde, Segurança Pública e Assistência Social acompanhando a situação e que no fim de abril foi lançado um plano de prevenção e formação para os funcionários sobre o que fazer em caso de emergência. Luiz Carlos Gomes, 51, professor de sociologia entrevistado pela folha de São Paulo diz na reportagem que: "Depois do ataque, pintaram a escola, fizeram um painel bonito no muro da frente e só. O plano de recuperação é esse: uma maquiagem. Como se um banho de tinta fosse curar a dor que estamos vivendo depois dessa violência", e ressalta: "Das poucas mudanças físicas feitas na unidade está a transformação da sala de professores (onde os docentes foram atingidos) em uma espécie de sala de leitura. Mesmo assim, ninguém consegue usar o espaço"

As instituições que sofreram ataques de violência necessitam de um plano de recuperação que abarque não apenas a infraestrutura, no sentido de ações pautadas na prevenção desses ataques, mas no amparo psicológico tanto dos profissionais docentes,

do corpo administrativo, inclusive dos alunos que, direta ou indiretamente, sentem os prejuízos emocionais (assim como todos os docentes e administrativos).

Na reportagem menciona, a pesquisa que foi realizada pela universidade de Stanford identificou que 100.000 crianças americanas que estudavam, apenas entre 2018 e 2019, em escolas que foram alvo de ataques. A pesquisa descobriu uma maior incidência do uso de antidepressivos, e maior possibilidade de abandono escolar e repetência entre esses alunos. Ou seja, esses episódios de violência escolar têm relação direta com o absenteísmo (após o ocorrido), tanto dos alunos quanto dos professores. Todos os professores, funcionários e alunos entrevistados pela folha disseram ter buscado atendimento psicológico ou psiquiátrico e o uso de antidepressivos após o ataque.

O atendimento psicológico e psiquiátrico pós-ataque deveria ser uma iniciativa governamental para oferecer suporte à comunidade escolar afetada. Contudo, conforme relatado, alunos, professores e funcionários buscaram esse tipo de assistência de forma individualizada, sem o apoio do poder público, o que evidencia uma lacuna significativa na resposta estatal. Essa situação é ainda mais preocupante ao considerar aqueles que não dispõem de recursos financeiros para acessar serviços particulares, deixando-os desamparados em um momento que exige cuidado e atenção especializada para o enfrentamento dos traumas decorrentes do ocorrido.

Na reportagem, 7 em cada 10 alunos formandos no ensino de exatas desistem, a intervenção que foi mencionada na reportagem, foi que:

Sob o governo Lula (PT), o MEC criou em março de 2023, um grupo de trabalho para propor políticas de melhoria da formação inicial docente. O trabalho foi encerrado nessa terça-feira (30) e a pasta tem um mês para apresentar um relatório com propostas. Questionado pela Folha sobre a situação, o MEC ressaltou em nota o trabalho do grupo e também a ampliação do programa de bolsa de iniciação à docência, o chamado Pibid, que passou de 57 mil bolsas para 90 mil, além do aumento no valor dos benefícios. Há previsão de que o programa chegue a 100 mil bolsas em 2024⁶.

O governo federal recentemente lançou o programa Pé-de-Meia Licenciaturas, uma iniciativa integrante do Programa Mais Professores para o Brasil, com o objetivo de reduzir o déficit de professores no país. Conforme informações divulgadas pela Agência GOV, o programa, anunciado em 14 de janeiro de 2025, visa apoiar financeiramente estudantes de licenciatura com alto desempenho no Enem, garantindo auxílio para o

⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/05/apos-ataque-em-aracruz-professores-e-alunos-enfrentam-medo-e-desconfianca-para-retomar-rotina.shtml>. Acessado em 18 de mar. 2025.

ingresso, permanência e conclusão dos cursos. Os participantes recebem mensalmente R\$1.050,00, são R\$700 disponíveis para uso imediato, e R\$350 depositados em uma poupança, que só poderá ser sacada após o professor recém-formado ingressar em uma rede pública de ensino dentro de cinco anos após a formatura. O ministro da Educação destacou que a iniciativa atende a uma demanda de professores e gestores educacionais, promovendo a valorização e a qualificação dos profissionais da educação básica.

O Pé-de-Meia Licenciaturas integra um conjunto de ações do Programa Mais Professores para o Brasil, que busca incentivar a docência e melhorar a qualidade do ensino básico. Estima-se que o programa beneficiará cerca de 50 milhões de educadores e estudantes em todo o país. Além dessa iniciativa, o programa inclui o Bolsa Mais Professores, que oferece apoio financeiro para atrair docentes para redes públicas de ensino, especialmente em regiões com carência de profissionais. Inspirado no modelo do Programa Mais Médicos, o Bolsa Mais Professores prevê o pagamento de uma bolsa mensal de R\$ 2.100, durante dois anos, além do salário regular do magistério, enquanto o professor cursa uma pós-graduação com foco em docência.

Essas medidas visam não apenas suprir a falta de professores, mas também elevar o padrão de formação e atuação docente, contribuindo para a melhoria da educação básica em todo o país. O ministro da Educação ressaltou que o pagamento da bolsa deve começar em agosto de 2025, reforçando o compromisso do governo com a valorização dos profissionais da educação e com a redução das desigualdades regionais no acesso a professores qualificados.

Essa iniciativa tenta suprimir os déficits de profissionais em todas as regiões do país, porém existe a necessidade de se pensar em ações mais concretas que garantem a permanência desse profissional ao longo de toda a sua carreira não basta investir na formação inicial se os profissionais que se encontram já em carreira não recebem o mesmo tratamento, é urgente se pensar em estratégias com valorização salarial ao longo da carreira, infraestrutura adequada das unidades de ensino, amparo de saúde aos profissionais que se encontram em processo de recuperação de saúde enfim valorizar esse profissional para que o mesmo encontre prazer na profissão.

No quinto e último gráfico, intitulado “Desafios da Profissão”, temos como as principais evocações emitidas são: carga excessiva, reflexos da pandemia, violência, baixa remuneração, atratividade, políticas públicas e falta de infraestrutura foram as palavras mais lembrada nas reportagens que foram analisadas e que originaram esse gráfico. As reportagens que intitulam o gráfico quatro são: *Salário de professor não*

aumenta mais que 50% até o final da carreira, Desistência atinge 7 em cada 10 alunos de formação de professores em exatas, e 19% dos formandos em licenciatura não querem trabalhar como professores.

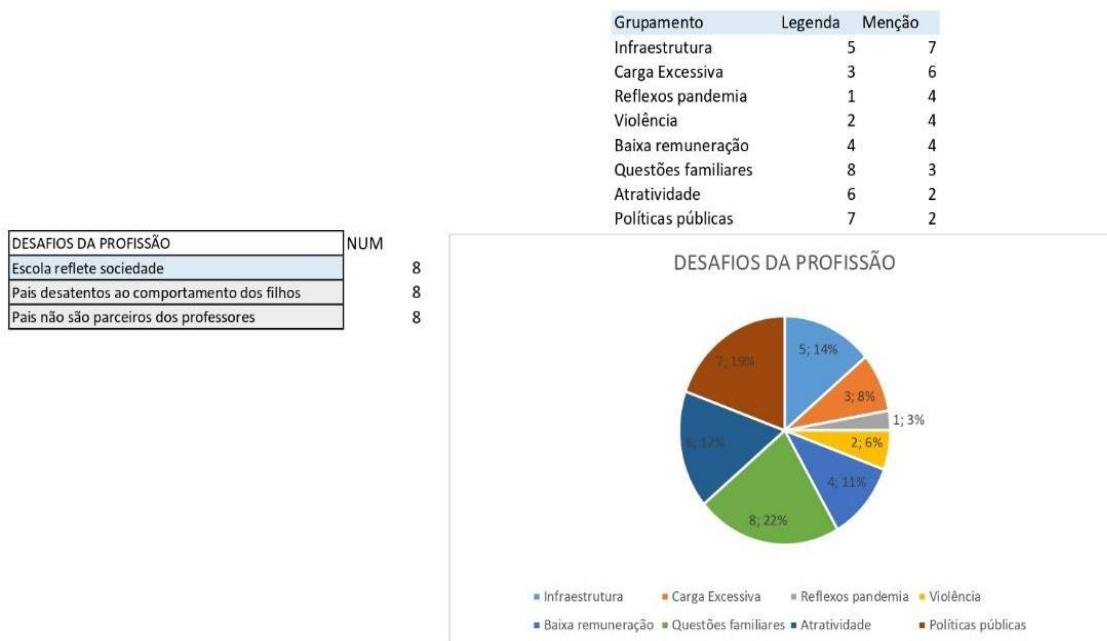


Gráfico 5: Desafios da profissão (elaborado pela autora)

A carga excessiva de trabalho associada a baixa remuneração, o desprestígio que a profissão enfrenta, a intensificação do trabalho, as relações difíceis com alunos, grupo gestor, redes de ensino, governantes fazem da profissão docente uma profissão com baixa atratividade o que tem efeitos diretos no volume de novos profissionais que adentram o mercado todos os anos.

Como consequência do rebaixamento dos salários, os professores vão sendo obrigados a aumentar o número de aulas dadas, triplicando a jornada de trabalho, atuando em diversas escolas. Essa ampliação do tempo de trabalho, somada à diversificação de tarefas, faz com que os professores se encontrem diante de dificuldades cada vez maiores para realizar um bom trabalho e, em vez de lutar pela realização de um trabalho mais criativo, “luta-se por um tempo para simplesmente descansar” (Fidalgo, 2009, p. 35).

O professor passa a trabalhar em duas redes, em turnos diferentes de trabalho, em etapas de ensino diferentes o que ao longo do tempo vai comprometendo o tempo dedicado para planejar atividades, alimentar plataformas, se qualificar aliás, a qualificação tão defendida na sociedade do desempenho quando é oferecida pelas redes

de ensino no caso da escola pública esse profissional ainda tem que passar pelo processo de sorteio de vagas para participar de cursos oferecidos pelas secretarias de educação para qualificar-se isso quando esses cursos são oferecidos. Na maioria das vezes as qualificações que esses profissionais se submetem são investimentos individualizados bancados pelos próprios profissionais durante a carreira docente.

A carga mental elevada no trabalho é preponderante em profissionais com mais de um vínculo empregatício e que trabalham em mais de um nível de ensino, o que provavelmente “implica mais deslocamentos, maior esforço de adaptação entre ambientes diferentes, preparação de atividades distintas” (ibid). Na pesquisa CNTE/UNB, esse nível alto de carga mental aparece associado a sintomas de exaustão emocional e despersonalização, ou seja sentimentos de desânimo e desligamento afetivo, que se retroalimentam (Fidalgo, 2009, p. 36).

Diante desse quadro, torna-se comum vermos profissionais em estágio de exaustão lecionando em salas de aula lotadas, sem infraestrutura básica, vivenciando violência física e psicológica diariamente por parte dos discentes, de seus responsáveis e muitas vezes da própria gestão escolar.

Esse fenômeno também é assinalado pela professora Paola Costa, entrevistada na reportagem: *Salário de professor não aumenta mais que 50% até o final da carreira*, da Folha de São Paulo, objeto de análise dessa pesquisa. Ela diz: “O salário é baixo, o volume de trabalho é excessivo e sem as mínimas condições adequadas. É uma somatória muito cruel com o professor”.

As condições de trabalho e de salários a que esses profissionais estão submetidos fazem com que surja a ideia do “professor tarefeiro”, aquele profissional que cumpre a missão de repasse do conhecimento elementar geralmente às classes menos favorecidas, que na perspectiva governamental não necessita de investimentos, apenas o mínimo oferecido pelo estado.

Conforme relata Kuenzer e Caldas (2009, p. 45):

As cobranças e o excessivo controle externo, sem o necessário suporte ao trabalho docente, são denunciados por todos os professores nas diferentes funções e escolas. Percebe-se, entretanto, que tal situação tende a ser potencializada em determinadas condições que envolvem a organização interna da escola, a realidade do entorno social e as condições específicas de trabalho dos professores, conforme se identificou anteriormente. Assim, certas características da realidade do trabalho podem atuar como obstaculizadoras da realização da atividade (Dejours1999), acentuando o sofrimento, em razão do que surgem e se

fortalecem os sentimentos de desistência (Kuenzer e Caldas, 2009, p. 45).

O encurtamento dos prazos de execução das atividades ligadas à docência, o uso intensivo das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) em suas atividades, em sintonia com as novas exigências do mercado de trabalho, faz com que docentes abram mão de atividades saudáveis, não ligadas ao trabalho, que poderiam lhes gerar satisfação diminuindo, assim, o estado de estresse comum a essa categoria, para cumprir prazos que aceleram mais e mais suas atividades, tais como: planejamentos pedagógicos, participação em cursos, correção de avaliações, alimentação de diversas plataformas digitais criadas pelas Secretarias de Educação, além da pressão por índices cada vez mais altos nas avaliações externas. Isso abre diversas possibilidades de surgimento de problemas como alcoolismo, tabagismo, uso de entorpecentes, de medicamentos, quadros de ansiedade, depressão, etc.

A instrumentalização tecnológica na educação, embora apresentada como uma solução inovadora, requer uma análise crítica diante dos desafios inerentes ao seu uso. A ideia de que a tecnologia por si só pode resolver os problemas educacionais é questionável, especialmente quando se consideram as desigualdades sociais que permeiam o acesso a essas ferramentas. Conforme diz Laval:

Esse diagnóstico sobre a evolução do ensino pode ser estendido: não é uma espécie de malthusianismo generalizado, visando a diminuição do nível cultural, que nos ameaça, mas um duplo movimento de difusão social e instrumentalização da cultura por interesses econômicos privados (Laval, 2019. p. 27).

Diante da total instrumentalização da cultura, as reformas globais pressionam para a padronização dos métodos e conteúdo, e a tecnologia muitas vezes é utilizada como meio de impor essa uniformidade. Nesse caso, a busca por eficiência, associada ao neoliberalismo, pode resultar na perda da diversidade pedagógica, comprometendo a autonomia das instituições educacionais e a qualidade do ensino. Sendo assim, a educação é vista como um viés unicamente lucrativo o que leva a investimentos de grandes corporações, as quais visam aumentar o número de consumidores, principalmente diante de uma sociedade de consumo, como disse Bauman (2001).

Santos (2004) destaca que as Diretrizes do Banco Mundial para a educação priorizam critérios como a elaboração de currículos alinhados às demandas do mercado,

o foco na educação básica com redução de investimentos no ensino superior, a ênfase na avaliação dos resultados de aprendizagem com base no custo-benefício, a formação docente em serviço em detrimento da formação inicial, a autonomia escolar com maior participação das famílias e a implementação de políticas compensatórias para grupos com necessidades especiais e minorias culturais. Essas diretrizes refletem uma lógica mercadológica e capitalista no campo educacional, que intensifica as demandas sobre o trabalho docente, gerando implicações significativas em sua prática.

Essa abordagem impacta diretamente a atuação do professor, que perde autonomia na seleção e gestão dos conteúdos, passando a priorizar o ensino por competências e habilidades voltadas ao mercado de trabalho. Além disso, os docentes são pressionados a "treinar" os alunos para exames externos, nacionais e internacionais, com o objetivo de alcançar rankings educacionais, o que gera uma cobrança interna e externa excessiva. Essa dinâmica coloca em segundo plano o processo de aprendizagem significativa dos estudantes, priorizando resultados quantitativos em detrimento da formação crítica e reflexiva.

Como consequência, o sentido crítico-reflexivo da profissão docente é gradualmente perdido, alimentando a ideia equivocada de que a reflexão e a criticidade não são essenciais ao fazer pedagógico. Essa visão, que já influencia muitos profissionais, aliada à responsabilização individual pelos resultados em avaliações externas e à cultura do desempenho, contribui para a desumanização do trabalho docente. Ignoram-se fatores externos, como as desigualdades socioeconômicas, que impactam diretamente o desempenho de alunos e professores, resultando em uma culpabilidade injusta desses indivíduos pelos resultados obtidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma como os educadores são retratados na mídia não apenas afeta a imagem da profissão, mas também pode impactar diretamente a moral dos professores e a qualidade do ensino. A análise dessas representações possibilitou um entendimento mais equilibrado e respeitoso do papel vital que os professores desempenham na formação das futuras gerações e na sociedade como um todo. A violência escolar, que foi tema de reportagens na reabertura das instituições no pós pandemia, contribuiu para aumentar a percepção da sociedade de que a escola é um lugar gerador de conflitos devido ao encontro de diferentes posições culturais que são inerentes a esse lugar.

A mídia, em conjunto com os interesses governamentais, tem atuado como um canal de disseminação de ideias negativas sobre os professores, transmitindo à sociedade a imagem de um profissional desqualificado. Essa narrativa deslegitima o papel do docente, contribuindo para sua desvalorização perante a opinião pública. Nesse contexto, este estudo buscou compreender de que maneira as representações sociais veiculadas na versão digital do jornal *Folha de São Paulo* influenciaram a percepção pública sobre os professores e sua identidade profissional.

A análise das reportagens permitiu identificar que as representações sociais retratam o professor como um trabalhador submetido às demandas do mercado, levando-o a abrir mão de atividades pessoais que poderiam promover seu bem-estar e reduzir o estresse inerente à profissão. Essa situação decorre da necessidade de cumprir prazos exaustivos, como a elaboração de planejamentos pedagógicos, participação em cursos de formação, correção de avaliações e o preenchimento de plataformas digitais criadas pelas Secretarias de Educação, além da constante pressão por melhores resultados em avaliações externas.

Essa dinâmica não apenas intensifica a carga de trabalho dos docentes, mas também impacta significativamente sua qualidade de vida, reforçando uma visão distorcida de sua atuação. A ênfase excessiva em resultados quantitativos e a desconsideração de fatores contextuais, como as desigualdades socioeconômicas, acabam por desumanizar a profissão, colocando em segundo plano a importância de uma formação crítica e reflexiva, essencial para o desenvolvimento educacional e social.

Na investigação realizada sobre as representações sociais dos professores na mídia contemporânea, que foram veiculadas no jornal *Folha de São Paulo*, no mês de

maio de 2023, na série *Missão Professor*, foi possível perceber que os professores são sujeitos que tem seu trabalho intensificado, que recebem muito abaixo do trabalho que exercem, trabalhadores que apresentam doenças de cunho laboral, que ainda lidam com a violência nas escolas que são desvalorizados tanto pelos governo como pela sociedade por meio das representações sociais que a mídia auxilia na repercussão de ideias que perpetuam esse conceito de trabalhadores.

Esses aspectos reverberam diretamente no processo de ensino-aprendizagem, pois as instituições sofrem com a infraestrutura precária, falta de materiais o que compromete em muitos casos a qualidade do ensino pois muitas vezes os professores não têm nem tempo de se dedicarem a elaboração das aulas porque precisam trabalhar dois turnos, três turnos mais uma rede de ensino ou em diferentes modalidades de ensino.

Durante o estudo no processo de identificação das principais categorias nas representações dos professores na mídia, contextualizando-os dentro do quadro mais amplo da sociedade do cansaço, e suas implicações para a identidade profissional e bem-estar emocional dos educadores. Aqui nesse objetivo foi possível verificar que esses profissionais do século XXI na sociedade do desempenho tem em si a premissa de liberdade, liberdade essa que está longe de ter o real significado dessa palavra.

No processo de reflexão sobre o papel da mídia jornalística e a maneira como ela influencia a sociedade no dia a dia, vimos que a mídia dominante mantém uma ditadura do pensamento que limita a capacidade dos cidadãos de pensar criticamente e tomar decisões informadas, criando um ambiente onde apenas um conjunto limitado de ideias é amplamente discutido. Essa uniformização do pensamento na mídia prejudica os princípios fundamentais da democracia e perpetua as desigualdades sociais, ao invés de promover o debate democrático e a diversidade de pontos de vista. Ou seja, para atender aos interesses do capital e aos governos a mídia auxilia o processo de propagação de ideias que não são favoráveis aos professores.

Este estudo partiu da hipótese de que a mídia exerce influência significativa na construção da imagem do professor na contemporaneidade, questionando qual é essa imagem, a quem ela beneficia e quem está por trás desse processo. Para responder a essas questões, foi realizada uma análise bibliográfica que fundamentou a pesquisa, bem como uma análise prototípica das reportagens, evidenciando que a mídia, aliada a interesses governamentais, tem sido um veículo de propagação de ideias negativas sobre os docentes. Essas narrativas transmitem à sociedade a ideia de que o professor é um

profissional desqualificado, deslegitimando seu papel e contribuindo para sua desvalorização social.

A partir da análise, constatou-se que a mídia reforça estereótipos que desconsideram a complexidade e a importância da profissão docente, promovendo uma visão distorcida que beneficia agendas políticas e econômicas específicas. Essa representação negativa não apenas prejudica a imagem do professor perante a sociedade, mas também impacta sua identidade profissional, reforçando um cenário de desvalorização e desrespeito a uma categoria essencial para o desenvolvimento educacional e social.

Durante o andamento desse estudo foi possível perceber que o profissional docente tem sido alvo de um intenso processo de desvalorização profissional, atrelado a intensificação do seu trabalho para atender aos interesses do capital o que tem promovido o adoecimento laboral desse trabalhador, a infraestrutura precária na qual esse trabalhador possui pra desenvolver um trabalho que é pautado em um nível de exigência muito elevado e onde o trabalhador é penalizado com a responsabilidade de ser o único culpado (ou não) caso seus alunos não alcancem os resultados esperados nas avaliações externas. Esse mesmo profissional teve seus momentos de lazer reduzido substancialmente pra atender a reuniões pedagógicas, relatórios para entregar, diários para fechar, sistemas para serem alimentados diariamente, reuniões pedagógicas presenciais e on-line, formação profissional para participar, etc. Isso tudo, toma grande parte do tempo desse profissional, prejudicando o descanso necessário, lazer, prática de esportes e convívio social.

Fora o intenso trabalho a que esses profissionais estão submetidos ainda tem a violência física e psicológica sofrida diariamente pelos docentes também comprometem a saúde mental desses trabalhadores. A violência é também um dos motivos de abandono da carreira docente. Na análise dessa reportagem os profissionais atingidos pela violência dizem sentir medo de voltar ao ambiente escolar, isso afeta diretamente a saúde mental do professor quanto afeta gravemente o ambiente escolar com a ausência desse profissional. Esses profissionais trabalhando constantemente em um ambiente de tensão em relação a violência desenvolvem ao longo do tempo o desgaste da saúde mental resultando em estresse laboral, o mal-estar docente, síndrome de *Burnout*.

Os novos estudos na área sugerem que sejam feitos para entender como as representações sociais podem influenciar o cotidiano do docente, a partir de dados sobre

como a violência interfere no dia a dia docente. Esse é um estudo de grande importância no que se refere a reflexão sobre como a violência interfere no cotidiano docente.

Os problemas relacionados ao exercício da profissão sugerem uma educação que fomente o pensamento crítico e a emancipação que poderá ajudá-los a melhorar não apenas sua compreensão do mundo, mas também a contribuir para a construção de um futuro mais justo e sustentável. Assim, a educação não é apenas um meio de transmitir conhecimento, mas sim uma força vital na busca por soluções para os problemas urgentes que enfrentamos como sociedade.

A conclusão em que chegamos é a de que o professor é um trabalhador que vem sofrendo intensa pressão dos setores governamentais, pressão por maiores resultados sem levar em conta as péssimas condições de trabalho que esse profissional enfrenta. A intensificação de seu trabalho tem provocado o surgimento de doenças laborais de ordem emocional e física, além do silenciamento das esferas públicas para a resolução dos problemas estruturais que afetam significativamente a vida desse profissional. Isso, baseado na concepção da sociedade de desempenho, na qual o melhor trabalhador é aquele que produz muito, mas é um sujeito fracassado. O sujeito do desempenho é um trabalhador rápido, de alta iniciativa pessoal, mas depressivo, fracassado.

FONTES

FOLHA DE SÃO PAULO. Missão Professor. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/missao-professor/>. Acesso em: 11 de jun. 2025.

PALHARES, Isabela; SALDAÑA, Paulo. Série da Folha sobre desafios dos professores é premiada. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/08/serie-da-folha-sobre-desafios-dos-professores-e-premiada.shtml>, acessado em 04 de set. 202.

_____. Desafios de ser um professor no Brasil são temas da série de reportagens da Folha. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/05/desafios-de-ser-um-professor-no-brasil-e-tema-de-serie-de-reportagens-da-folha.shtml>, acessado em 04 de set. 2024.

_____. Após ataque em Aracruz, professores e alunos enfrentam medo e desconfiança para retomar rotina. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/05/apos-ataque-em-aracruz-professores-e-alunos-enfrentam-medo-e-desconfianca-para-retomar-rotina.shtml>, acessado em 03 de out. 2024.

_____. Salário do professor no Brasil não aumenta mais que 50% até o final da carreira. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/05/salario-do-professor-no-brasil-nao-aumenta-mais-que-50-ate-o-final-da-carreira.shtml>, acessado em 05 de out. 2024.

_____. Indenizações às vítimas de ataques a escolas são baixas e pouco abrangentes. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/05/indenizacoes-as-vitimas-de-ataques-a-escolas-sao-baixas-e-pouco-abrangentes.shtml>, acessado em 12 de nov. 2024.

_____. Professores apontam falta de estrutura e de recursos em escolas públicas do país. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/05/professores-apontam-falta-de-estrutura-e-de-recursos-em-escolas-publicas-do-pais.shtml>. Acessado em 12 de dez. 2024.

_____. Pandemia agravou tensões entre família e escola. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/05/pandemia-agravou-tensoes-entre->

familia-e-escola-e-professor-e-cobrado-em-multiplas-frentes.shtml. Acessado em 12 de dez. 2024.

_____. 19% dos formandos em licenciaturas não querem trabalhar como professores. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/05/19-dos-formandos-em-licenciaturas-nao-querem-trabalhar-como-professores.shtml>. Acessado em 15 de dez. 2024.

_____. Desistência atinge 7 em cada 10 alunos de formação de professores em exatas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/05/desistencia-atinge-7-em-cada-10-alunos-de-formacao-de-professores-em-exatas.shtml>. Acessado em 13 de jan. 2025.

_____. Professoras se dividem sobre voltar à escola após ataque. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/05/ele-nao-tirou-minha-vida-mas-levou-minha-profissao-diz-professora-vitima-de-ataque-em-escola.shtml>. Acessado em 15 dez. 2024.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **COMUM**. Rio de Janeiro. vol. 6, n. 17, p 111 – 125, JUL/DEZ. 2001. Disponível em: <https://grupopapeando.wordpress.com/2010/02/14/o-papel-da-midia-na-difusao-das-representacoes-sociais/>. Acessado em 15 de fev. 2024.

AZEVEDO, J. **A educação como política pública**. Campinas: Autores Associados, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BELTRÃO, Luiz. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1980. (Coleção Primeiros Passos).

BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. 1, p. 205-231, jul./dez. 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. São Paulo: Bertrand Ed., 1989.

_____. **Razões práticas**. 9. ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.

_____. **Sobre a televisão** (seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos). Trad. Maria Lucia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BRAGA, Claudiomilson Fernandes; CAMPOS, Pedro Humberto faria. **Representações sociais e comunicação: a imagem social do professor na mídia e seus reflexos na (re)significação identitária**. Goiania: Kelps, 2016.

CANARIO, Rui. **A escola tem futuro?** Das promessas as incertezas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316. (Coleção Sociologia).

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro do poder: uma análise da mídia**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

ESTEVE, José Manuel. **O mal-estar docente**. 3. ed. São Paulo: EDUSC, 1999.

EVANGELISTA, Renata Alessandra et al. Programas de promoción de la salud ocupacional implementados en profesores de instituciones de educación superior. **Enfermería Actual de Costa Rica**, San José, n. 37, p. 263-272, Dez. 2019. Disponível em: http://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1409-45682019000200263&lng=en&nrm=iso, acessado em: 09 Ago. 2023. <http://dx.doi.org/10.15517/revenf.v0ino.37.36326>.

FIDALGO, Fernando; OLIVEIRA, Maria Auxiliadora M.; FIDALGO, Nara Luciene rocha (ORGS.) **A intensificação do trabalho docente** (Tecnologias e Produtividade). São Paulo: Papirus, 2009.

FRANCESCHINI, Felipe. Notícia e reportagem: sutis diferenças. **Comum**, 2004. Disponível em: <https://pibidportuguesunespar.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/03/4-notc3adcia-e-reportagem-sutc3ads-diferenc3a7as.pdf>. Acesso em: 23 de mar. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Sonaly M. V. et al. Conflito trabalho-família e comprometimento com a carreira: uma análise a partir da percepção de mulheres docentes de uma instituição de ensino superior (ies). Rev. **Valore**, Campina Grande - PB, v. 5, pp. 177-193, Set. 2020. Disponível em: <https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/852/631>. Acessado em 17 Ago. 2023.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

KUENZER, A. Z.; CALDAS, A. **Trabalho docente: comprometimento e desistência**. In Fidalgo, F.; Oliveira, M. A. M. (Orgs.), **A intensificação do trabalho docente: tecnologias e produtividade**. Campinas: Papirus, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1999.

LAVAL, Christian. **A Escola não é uma empresa**: neoliberalismo em ataque ao ensino público. São Paulo: Boitempo, 2019.

LIM, M. DE F. E. M.; LIMA-FILHO, D. DE O. Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a. **Ciências & Cognição**, v. 14, n. 3, p. 62-82, Jan. 2011. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/253>, acessado em: 11 de ago. 2023.

LIMA, Cleiton faria; REIMBERG, Cristiane oliveira; SILVA, Jefferson Peixoto; LORENZI, Ricardo Luiz (ORGS). **Seminários Trabalho e saúde dos professores precarização, adoecimento e caminhos para mudança**. São Paulo: Fundacentro, 2023.

LIPP, Marilda Emmanuel Novaes. **O stress do professor**. 7 ed. Campinas: Papirus, 2012.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. São Paulo: Vozes, 2008.

LOPES BORGES, S.; SANTOS, C.; SARAIVA, A.; POCINHO, M. T. Avaliação de fatores de risco psicossociais: estudo com docentes do ensino superior. **Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 22–33, 2018. DOI: 10.31211/rpics.2018.4.1.54. Disponível em: <https://rpics.ismt.pt/index.php/ISMT/article/view/54>. Acesso em: 22 ago. 2024.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso (Org.). **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MANCEBO, Deise; MAUÉS, Olgaíses; CHAVES, Vera Lúcia Jacob. Crise e reforma do Estado e da Universidade Brasileira: implicações para o trabalho docente. **Educar em Revista**, [S.l.], v. 22, n. 28, p. p. 37-53, dez. 2006. ISSN 1984-0411. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/7610>. Acesso em: 11 ago. 2023.

MELO, J. M. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. rev. e ampl. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MELO, J. M.; ASSIS, F. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. Intercom: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 39, n. 1, p. 39–56, jan. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/YYXs6KPXhp8d7pRvJvnRjDR/>. Acesso em 26 de mar. 2025.

MERCALI, G. D., & Costa, S. G. (2019). Antecedentes do engajamento no trabalho dos docentes de ensino superior no Brasil. **Revista de Administração Mackenzie**, 20(1). doi: 10.1590/1678-6971/eRAMG190081. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-6971/eRAMG190081>. Acessado em 30 de nov. 2023.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

OLIVEIRA, Fernanda da Silva. **O professor na mídia goiana**: representação identitária docente no contexto da implantação das organizações sociais na educação do Estado de Goiás. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2018.

PASCHOALINO, Jussara Bueno de Queiroz. **O professor desencantado**: matizes do trabalho docente. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2009. 152 p.

POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SANTOS, Lucíola Licínio de C. P. Formação de professores na cultura do desempenho. Educ. Soc., Campinas, v. 25, n. 89, p. 1145-1157, Set./Dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/sZHrDhGjzhYX6MBbJ68Kjqt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 de mar. 2025.

SILVA, Thayana et al. Fatores de riscos para doenças cardiovasculares em docentes de ensino superior: revisão de literatura. **Revista Educação em Saúde**, Goiás, v. 4, n. 1, p. 109-113, 2016. Disponível em: <http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/educacaoemsaude/article/view/1708>. Acessado em 28 Ago. 2023. DOI: <https://doi.org/10.29237/2358-9868.2016v4i1>.

SILVA, Jefferson Peixoto da e FISCHER, Frida Marina. Trabalho e Saúde dos Professores: uma ambiguidade a resolver – ou o desafio da intervenção. **Seminários - trabalho e saúde dos professores**: precarização adoecimento e caminhos a mudança

[recurso eletrônico]. Tradução . São Paulo: Fundacentro, 2023. p. 304. Disponível em: http://arquivosbiblioteca.fundacentro.gov.br/exlibris/aleph/a23_1/apache_media/HNR4SCAXA4Q6G9GXGF8T9NVHST234.pdf. Acesso em: 16 jun. 2025.

_____. O desafio da promoção da saúde dos professores.

Seminários - Trabalho e saúde dos professores: precarização, adoecimento & caminhos para mudança [recurso eletrônico]. Tradução. São Paulo: Fundacentro, 2023. Disponível em:

http://arquivosbiblioteca.fundacentro.gov.br/exlibris/aleph/a23_1/apache_media/HNR4SCAXA4Q6G9GXGF8T9NVHST234.pdf. Acesso em: 16 jun. 2025.

SOUZA, Jesse de. **A radiografia do golpe**. Entenda como e porque você foi enganado. São Paulo: Leya, 2016.

SOUZA, Luiz Aparecido Alves. Desvalorização social da profissão docente no cotidiano da escola pública no discurso do professor. In: X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - **EDUCERE**, Curitiba. 7 a 10 de nov. 2011. Disponível em: <http://docplayer.com.br/40344908-Desvalorizacao-social-da-profissao-docente-no-cotidiano-da-escola-publica-no-discurso-do-professor.html>, acessado em: 11 de ago. 2023.

WACHELKE, J.; WOLTER, R.. Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 27, n. 4, p. 521–526, dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/bdqVHwLbSD8gyWcZwrJHqGr/?lang=pt#>. Acessado em 22 de set. 2024.